

KEN FOLLETT

RENÉ, LOUIS, MAURICE

*O emocionante relato do maior assalto
a um banco europeu, narrado por
Ken Follett e três jornalistas franceses
que, por razões pessoais,
preferem manter o anonimato*



OS CAVALHEIROS DO
16
JULHO



FOLLETT
RENÉ LOUIS MAURICE

os
Cavalheiros
do 16
de Julho

Publicações Europa América

Título original: The gentleman of 16 July

Tradução de F. Oliveira Faia

© 1978 by Star Agency

Published by agreement with Bézards Literary Productions

Direitos reservados por Publicações Europa-América, Lda.

Editor: Francisco Lyon de Castro

Publicações Europa-América, Lda.

Apartado 8

2726 Mem Martins Codex

Portugal

Edição n.º 40 913/3623

Execução técnica: Gráfica Europam, Lda., Mira-Sintra — Mem Martins

Os cavalheiros do 16 de julho
Ken Follett e René Louis Maurice
O maior assalto do século, feito por verdadeiros cavalheiros.



Ken Follett, autor de “O Buraco da Agulha”



René Louis Maurice, pseudônimo de três jornalistas franceses

“O emocionante relato do maior assalto a um banco europeu, narrado por Ken Follett e três jornalistas franceses que, por razões pessoais, preferem manter o anonimato.” (Daily News)



O BANCO

Prólogo

UM GOLPE MONUMENTAL

Manchete do *Nice-Matin* de 21 de julho de 1976

Ia ser um dia muito quente.

O sol nasceu às 6h08, e na hora do café a cidade sufocava. Os veranistas tomavam seu *petit déjeuner* na varanda, à sombra; os motoristas baixavam a capota de seus conversíveis; os garçons abriam os guarda-sóis das esplanadas. Os madrugadores já estavam na praia de seixos; esbeltas garotas bronzeadas tiravam a peça de cima dos seus biquínis e revelavam pequenos seios bronzeados, e a gente local olhava com indisfarçada cobiça, ao passo que os visitantes fingiam que o banho de sol topless não era novidade para eles. Ao longo do Promenade — uma autoestrada de seis faixas — o tráfego passava a rugir, poluindo o quente ar mediterrânico.

Seria um dia muito quente para os veranistas, para os motoristas e para os garçons; e especialmente para Pierre Bigou. O termômetro passaria dos 35°C, mas para *Monsieur* Bigou tudo ficaria muito mais quente.

Bigou era o controlador-chefe da principal filial do banco da Société Générale na Avenida Jean Médecin, 8, em Nice, França. Para ele, o dia 19 de julho de 1976 começou como uma rotineira manhã de segunda-feira. O saguão principal do banco, de teto alto, estava fresco e em silêncio quando os caixas, em mangas de camisa, se preparavam para receber os primeiros clientes logo que as portas se abrissem às 8h30.

Às 8h28 comparou o relógio de pulso com o grande relógio de parede no saguão principal, depois entrou em seu escritório, deixando a porta aberta, e começou a ler o jornal da manhã. Estava no banco há muitos anos, atingira uma posição importante e ninguém o demitiria por ler o jornal durante o serviço.

Van Impe ganhara o Tour de France de bicicleta, a 63ª edição da competição. O laboratório espacial americano Viking I estava a caminho de Marte. A previsão meteorológica falava em calor e céu limpo. Maravilhoso. Era o dia de Saint Arsène, mas não havia ligação alguma

entre Arsène — um santo católico perfeitamente respeitável — e Arsène Lupin, o Robin Hood francês, o patrono dos ladrões distintos.

Exatamente às 8h30 dois funcionários do banco passaram pela porta de Bigou e desceram a escada para a caixa-forte. A tarefa de abrir a porta da caixa-forte do banco todas as manhãs era feita por turnos entre os funcionários menores, e esta semana era a vez deles. Cada um levava uma grande chave marcada com as letras F. B. — Fichet-Bauche, o maior fabricante de fechaduras e cofres da França.

As portas duplas de aço no patamar da escada deslizaram suavemente para dentro das espessas paredes de concreto. Até agora tudo bem.

Lá dentro havia outra porta de aço, e bem especial. Com cinquenta anos, 90cm de espessura e 20t de peso, acreditava-se que era imune até a laser. Os diretores do banco haviam tido discussões com sua companhia de seguros, a Lloyds of London, sobre a instalação de um moderno sistema de alarme, e as duas partes tinham concordado em que a poderosa porta era tão impenetrável que o moderno conjunto de câmeras escondidas e alarmes de vibração e sensores fotoelétricos seriam supérfluos. Um cliente que alugara um cofre na caixa-forte queixou-se de falta de alarme, mas era um policial aposentado que lia romances policiais demais e ninguém lhe deu ouvidos.

Às 8h34 os dois homens meteram suas chaves simultaneamente. O mecanismo, feito à moda antiga, consistia em dois conjuntos de varetas entrecruzadas. Introduzidas as chaves, os homens libertaram as varetas, fazendo girar três grandes rodas: cada roda rodou um quarto de volta à direita para as varetas horizontais, depois um quarto de volta à esquerda para as varetas verticais. À medida que procediam às operações necessárias, os homens percebiam pelos débeis sons no interior que o mecanismo abria a porta.

Às 8h35 a porta estava destrancada, e um dos homens deu-lhe o suave empurrão final que a abriria de par em par.

Nada aconteceu.

A porta de 20t se recusou a se mover.

Foi então que o dia começou a dar errado para Pierre Bigou.

Os dois homens se entreolharam, encolheram os ombros e recomeçaram.

As duas chaves no lugar.

Roda nº 1: um quarto de volta para a esquerda, um quarto de volta para a direita.

Roda nº 2: o mesmo.

Roda nº 3: o mesmo.

Um dos homens sussurrou: “Abre-te, Sésamo.”

Um suave empurrão. Nada.

— O que há? — ouviu-se uma voz.

Os homens se viraram e viram um cliente parado na escada observando tudo.

— Não é nada — replicou um deles. — A porta está um pouco emperrada.

— Se não conseguem entrar, ao menos podemos ter certeza que não há possibilidade de assalto.

Os dois homens sorriram de leve e repetiram as manobras pela terceira vez. Nessa altura já havia uma pequena multidão na escada. As observações sarcásticas começaram a irritar os dois funcionários, mas suportaram estoicamente os gracejos, pois o *Société Générale* é um banco de tradições e o cliente tem sempre razão.

Às 8h50 admitiram a derrota. A porta estava encravada. Pediram desculpas aos clientes que esperavam e subiram a escada para informar os superiores.

A temperatura era de 36°C, e subindo.

O *directeur* gerente do banco desceu pessoalmente para pedir desculpas aos clientes. Jacques Guenet era uma figura que inspirava confiança. Com 60 anos, bem constituído, muito conhecido como vice-presidente do Nice Rugby Club, possuía o que os franceses chamam de *nerfs solides* — nervos de aço.

Sorriu com pesar e falou aos clientes em tom calmo, sem emoção. Era um inconveniente terrível, concordou, mas uma porta encravada não era o fim do mundo, certo? Os especialistas estariam ali em minutos para tratar da porta, mas não podia dizer quanto tempo levaria o trabalho.

Enquanto os acompanhava na subida da escada, ia falando:

— Posso sugerir que voltem às duas da tarde? Tenho certeza de que tudo estará pronto a essa altura. É apenas uma pequena dificuldade... sem dúvida foi o calor que provocou isso...

Quando voltou para a porta, Pierre Bigou, seu braço-direito, observava os dois funcionários tentando abrir a fechadura uma última vez. Nem

Guenet nem Bigou estavam muito preocupados: a fechadura encravara uma outra vez nesses seus cinquenta anos de vida, e um serralheiro a soltara com uma gota de óleo.

Os funcionários repetiram a operação inúmeras vezes, com o mesmo resultado.

Às 9 horas Pierre Bigou voltou a seu escritório, pegou o telefone e ligou para 809761, o telefone do escritório local da Fichet-Bauche. O número estava ocupado. Passou os olhos pelo jornal um momento. Dois turistas alemães tinham sido mortos a tiros, e um proxeneta recebera duzentos e quarenta mil francos por uma prostituta. Bigou, apelidado de São Pedro por um jovem funcionário pouco respeitoso, sentiu um arrepio.

A Nice dos anos 70 era uma desagradável reminiscência da Chicago dos anos 30. O major Jacques Médecin dera à cidade uma limpeza cosmética, mas fora incapaz de impedir que ela seguisse os passos de Marselha como mercado internacional de narcóticos. O *milieu* — o mundo do crime — estava dividido em duas fações que guerreavam, os italianos e os corsos, e num período de dois anos foram assassinados doze proprietários de night-clubs. No Promenade des Anglais podia-se comprar qualquer coisa, de uma dose de cocaína a uma prostituta. Dizia-se que era a cidade mais corrupta da França.

Bigou se arrepiou outra vez — tanto crime! Era possível que a porta encravada da caixa-forte... Não, haveria sinais... ninguém poderia ter aberto aquela porta sem deixar sinais. Ninguém poderia ter aberto aquela porta, ponto final.

Até as companhias de seguros tinham pensado nisso, e elas nunca eram lentas em recomendar mais segurança.

Bigou pegou o telefone e voltou a disar. Desta vez obteve resposta.

— Alô... É do escritório Fichet-Bauche? Aqui é da Société Générale. Podem mandar alguém com urgência?... Não, a fechadura parece funcionar, mas a porta está presa... Ficaremos esperando.

Às 9h15 um Renault 4L preto e amarelo parou na Avenida Jean Médecin. Nas portas liam-se as palavras FICHET-BAUCHE. Bigou deu um suspiro de alívio. Em breve acabariam seus problemas.

Bigou e Guenet desceram a escada com os dois serralheiros da Fichet-Bauche. Os especialistas pareciam confiantes e seguros de si quando se aproximaram da porta da caixa-forte e a examinaram. Não vendo sinais superficiais, pediram silêncio total e meteram as duas chaves. Com

movimentos extremamente cautelosos, passaram por todas as fases do desferrolhar, cuidadosamente atentos ao mecanismo, como aves esperando uma minhoca.

Finalmente, um deles se virou para Guenet.

— A fechadura funciona perfeitamente. Posso assegurar que o mecanismo não tem problema... as tranquetas se movem absolutamente à vontade.

Seguiu-se um momento de silêncio.

— Então? — perguntou Guenet.

O serralheiro encolheu os ombros.

— Por que a porta não abre? — quis saber Guenet.

— A única coisa que imagino é que tem alguma coisa bloqueando do lado de dentro.

O banqueiro fitou o serralheiro com descrença. Era impensável .

— Não, não posso acreditar nisso — resmungou. Virou-se e viu a escada cheia de funcionários curiosos.

— Voltem ao trabalho — disse, irritado. — Não quero ver ninguém na escada.

Os funcionários desapareceram rapidamente. Os quatro homens fitaram mudos a porta. Não havia simplesmente maneira de soltá-la: fora projetada especificamente para impedir essa possibilidade.

Só restava aos serralheiros declarar o óbvio.

— Há apenas uma resposta. Não podemos passar pela porta, portanto temos que ir pelo outro lado. Abrindo um buraco na parede.

Olharam para Guenet em expectativa. Ele pensava no custo, no barulho, nos inconvenientes, na perturbação das atividades.

— Não há alternativa? — perguntou.

— Não há alternativa.

Guenet suspirou.

— Vamos pela parede.

Bigou subiu ao escritório e voltou com uma série de plantas da caixa-forte. Os homens da Fichet-Bauche estudaram as folhas por alguns momentos; depois um deles fez uma cruz à direita da porta, onde a parede era mais fina.

Às 9h30 ligaram a furadeira elétrica.

Foi uma longa tarefa.

Primeiro fizeram sete ou oito pequenos furos distanciados em poucos centímetros. Depois usaram martelo e formão para estilhaçar o cimento entre os furos. A área logo estava cheia de poeira e o chão, coberto de pedaços de cimento. Os dois serralheiros estavam sujos, suados, exaustos e aborrecidos. Era o suficiente para desencorajar o assaltante de banco mais determinado.

Às 12h pousaram as ferramentas. O buraco tinha agora 20cm de largura. A fase seguinte era alargá-lo o suficiente para um homem passar, mas primeiro dariam uma olhada.

Guenet desceu para ver como iam as coisas.

O serralheiro enfiou a cara no buraco e espiou.

— *Putain de merde* — disse sem alterar a voz.

A exclamação era uma obscenidade francesa particularmente indigna.

Afastou-se do buraco e olhou para Guenet.

— Vocês foram assaltados.

A temperatura era de 36°C, e subia. Jacques Guenet, o antigo jogador de rúgbi, com físico impressionante e modos seguros, olhava o buraco na parede, os pés trêmulos.

— Não é verdade — disse estupidamente. E repetiu.



A caixa-forte estava um caos. O chão era um tapete de cheques, títulos e certificados de ações. Joias estavam espalhados como que jogadas fora: um bracelete, um colar, uma taça. Um par de cilindros de gás jazia entre os destroços.

Os dois serralheiros fitaram o estupidificado gerente do banco, que parecia incapaz de pensar. Um deles tocou seu ombro e falou suavemente, para tirá-lo de seu estado de choque.

— Coragem. Precisa chamar a polícia.

Guenet se virou.

— Ninguém pode saber disso! — disse em tom feroz. No seu pânico cego, agarrava-se à fraca esperança de que possivelmente, apenas possivelmente, os intrusos tivessem simplesmente posto a caixa-forte numa barafunda sem realmente roubar nada.

Mas os outros tinham certeza.

— Tem que chamar a polícia — repetiu o serralheiro.

Guenet, mudo, assentiu com um gesto de cabeça quando a razão começou a se insinuar. Subiu a escada e dirigiu-se a seu escritório sem falar com ninguém, ignorando quem perguntava o que tinha acontecido. Sentou-se pesadamente, pegou o telefone e fez a ligação para a central de polícia, que ficava a uns 150m, na Avenida Foch.

Foi atendido pelo comissário Albertin. Guenet falou.

— Falo da Société Générale. Fomos assaltados.

— Não toquem em nada — disse Albertin. — Vamos já para aí.



Jacques Albertin parecia mais um jovem executivo do que um detetive. Aos 35 anos, era alto e magro e usava   culos. Vestia-se com elegância e tinha o cabelo cortado curto, repartido à esquerda.

Na hora em que chegou, acompanhado de dois detetives mais novos, os homens da Fichet-Bauche haviam alargado o buraco até 45 cm.

Guenet explicou que de manhã tinham encontrado a porta da caixa-forte travada, que os serralheiros não haviam conseguido abri-la e por isso fizeram o buraco na parede.

Albertin espiou um momento pelo buraco, depois se virou para o assistente.

— Lecocq, você é o mais magro. Veja se passa pelo buraco.

O inspetor Lecocq meteu a cabeça com cautela no buraco. Enfiou os ombros e se contorceu. No meio, parou: a calça ficou presas no cimento áspero. Hesitou, depois puxou. Ouviu-se o tecido rasgar.

Com um suspiro de resigna  o, abriu a calça e se contorceu, deixando-a para tr  s.

Ocorreu-lhe que os ladrões talvez ainda estivessem na caixa-forte, por isso tirou o revólver do coldre de ombro.

A primeira coisa que notou foi o cheiro: uma nauseabunda mistura de fumaça, borracha queimada e excremento humano.

Então viu as ferramentas: furadeiras, martelos, maçaricos, cilindros de gás, luvas e máscaras. No chão, anéis, peças de prata, um cheque válido de

cinquenta mil francos, um grosso maço de notas de quinhentos francos, cartas pessoais, certificados de ações e contratos. Esses “detritos” espalhados valiam perto de 1,75 milhão de dólares.

Era o que os ladrões tinham deixado para trás.

Lecocq percorreu a caixa-forte de revólver em punho.

Contornou um cofre tombado, passou por cima de uma mesa de aço e chegou à extremidade da câmara subterrânea.

Soltou um suspiro de alívio. Não havia mais ninguém.

Um dos cofres que da parede fora empurrado para a frente. Lecocq olhou atrás dele. Viu um montículo de cascalho e um buraco um metro de largura na parede, e a seguir um túnel, que parecia nunca mais acabar.

Agora sabia como haviam entrado.

Afastou-se, e algo chamou sua atenção. Olhou mais de perto: era uma taça de prata belamente cinzelada cheia de fezes. Sentiu vontade de vomitar.

O momento passou e ele voltou para a entrada da caixa-forte. Juntou o rosto ao buraco. Lá fora, o comissário Albertin e *Monsieur* Guenet cresciam de impaciência.

— Que loucura — disse Lecocq. — Entraram por um túnel ao lado da Rua Gustave Deloye.

— O esgoto — disse Albertin. — Devem ter usado a rede de esgoto. — Pensou um momento. — Fique aí — disse para Lecocq. — Vou mandar dois homens tentarem entrar pela rua.

Na esquina da Rua de L'Hotel des Postes com Gustave Deloye, do outro lado, em frente ao bicicletário dos funcionários do banco, dois policiais retiraram a tampa pesada de um poço de inspeção e desceram para o esgoto.

Na base da escada de aço que dava acesso entraram na água e começaram a caminhar para o norte, embaixo da Rua Gustave Deloye. A 3m do poço de inspeção suas lanternas iluminaram a entrada para o túnel dos assaltantes.

Alguém ali fizera obra de mestre. O teto do túnel estava escorado com pilares de madeira reforçados a aço. As paredes tinham sido cimentadas. O chão era coberto por uma passadeira de corda.

Curvados, os dois policiais entraram no túnel. Notaram um cabo elétrico serpenteando ao longo da passadeira, e um deles tropeçou num maçarico de oxiacetileno ainda ligado ao cilindro de gás. Oito metros à

frente saíram do túnel para dentro da caixa-forte do banco, onde encontraram o inspetor Lecocq, que os esperava com aspecto realmente ridículo — de camisa, cueca, meias e sapatos, pistola em punho.

O banco deixou de pertencer a Jacques Guenet. Nessa tarde a polícia tomou conta dele.



A Albertin e seus homens, que haviam respondido à ligação telefônica, juntaram-se o comissário Tholance e a Brigada do Crime, mais o comissário principal Duma e o pessoal da Sureté Urbaine. Dirigia a operação o comissário principal, Claude Besson, homem de ar insignificante nos seus 40 e muitos anos, famoso por uma brilhante investigação sobre evasão de imposto que resultara na prisão de nove advogados desonestos.

Seu primeiro passo foi mandar fotografar tudo. O fotógrafo da polícia, inspetor Jacob, começou a tirar fotos com Rolleiflex. O pesado Jacob, de bigode, tinha notável semelhança com o comissário Bourrel, da televisão francesa, e sempre brincavam com ele por causa disso.

A seguir recolheram as provas.

Havia uma tonelada delas.

Na caixa-forte e nos esgotos a polícia encontrou o seguinte:

Quarenta cilindros de oxigênio. Três maçaricos de oxiacetileno. Dez alicates.

Dois barcos de borracha.

Um exaustor industrial de fumaça com vários metros de mangueira flexível.

Vinte pés-de-cabra.

Macacões impermeáveis, do tipo usado pelos trabalhadores do esgoto.

Botas de borracha, luvas e impermeáveis.

Garrafas de vinho Margnat Vittage.

Garrafas de água mineral Volvic.

Óculos de soldador.
Quantidades de comida.
Um fogão a gás portátil do tipo usado em campismo.
Um botijão para o fogão a gás.
Várias caixas de charutos.

Um grupo de policiais fez o rol dos artigos enquanto outro recolhia tudo em sacos plásticos. Era uma tarefa desagradável: um grande número de homens numa caixa-forte por um fim de semana inteiro sem comodidades sanitárias, e em toda parte a sujeira dos ladrões. Os policiais da limpeza tratavam a si mesmos de Destacamento da Merda. Faziam frequentes pausas para respirar ar fresco.

Encheram trinta e cinco grandes sacos plásticos com as ferramentas dos assaltantes mais o material do banco, papéis e joalheria.

As caixas de depósito revelaram alguns segredos curiosos.

Havia uma coleção de fotos pornográficas, um tanto amadoras, mostrando homens e mulheres nus fazendo amor aos pares e em grupo, vários deles membros bem conhecidos da alta sociedade de Nice. Um dos assaltantes colara umas poucas fotos na parede com fita adesiva.

Ainda mais curioso foi um saco contendo sobras de comida: latas de sopa, dois quilos de açúcar, biscoitos e uma barra de chocolate. Por que alguém guardaria essas coisas num cofre? Um funcionário do banco explicou:

— Há muita gente aposentada em Nice, e eles escondem seus segredos nas caixas de depósito. Alguns vêm aqui à tarde comer o bombom proibido ou fumar um cigarro. Latas de sopa? Essas pessoas lembram da guerra e da falta de comida. Um homem vem aqui escrever suas memórias. Pega os escritos de manhã, trabalha neles o dia todo e à tarde põe de novo no cofre. Se querem usar nossas facilidades para esses fins excêntricos, quem somos nós para dizer que não?

Um jovem detetive chamou respeitosamente o comissário principal Besson.

— Olhe, senhor... deixaram uma mensagem.

Sete palavras sarrabiscadas na parede em letras grandes diziam: *Sans armes, sans haine et sans violence*. Sem armas, sem ódio e sem violência.

A seguir via-se uma cruz céltica, o símbolo de uma proscrita organização extremista chamada Ocidente.

Besson tomou nota e Jacob tirou foto.

O mistério da porta encravada foi rapidamente solucionado: os assaltantes a tinham soldado pelo lado de dentro, presumivelmente para se precaverem contra a fraca possibilidade de alguém poder entrar legitimamente na caixa-forte no fim de semana.

Faziam-se mais descobertas nos esgotos. Um túnel sem saída sob a Rua de l'Hotel des Postes fora usado como depósito para a terra e o cascalho escavados. O cabo elétrico branco, suspenso de ganchos no teto do esgoto, corria por 300 m, passava por uma sala de escoamento (usada pelo município para reter a queda da chuva) e entrava num estacionamento subterrâneo, por baixo da Praça Massena, onde estava ligado a uma tomada comum de luz elétrica. A energia para as furadeiras elétricas e outras ferramentas dos assaltantes fora fornecida de graça pela cidade.

Outros policiais seguiram a pista das coisas abandonadas — botas de borracha, maçaricos, ferros de soldar e variadas ferramentas para tratar dos túneis ao longo dos esgotos sob a Rua Gustave Deloye, Rua St. Michel, à esquerda para a Rua Gioffredo e à direita de novo embaixo da Rua Chauvain até a junção com a Félix Faure. Embaixo da Félix Faure encontraram não um dreno comum, mas uma larga rua subterrânea.

Nice tem um grande rio, o Paillon, que quase fica seco no verão, mas no inverno corre por quatro largos túneis subterrâneos até o mar. Os túneis são flanqueados por duas vias subterrâneas usadas para inspeção dos esgotos. As vias têm largura suficiente para dois carros lado a lado. O grupo que assaltou o Société Générale alcançara os esgotos por uma destas estradas.

Um policial percorreu a estrada para o norte por cerca de 2 km até o lugar onde ela surge na superfície, atrás do salão de exposições. Ali, na areia do leito do rio seco, ele encontrou as marcas de pneus de um Land Rover.

O quadro ficava rapidamente mais claro.

De novo na caixa-forte, Jacques Guenet, Pierre Bigou e o comissário Claude Besson entregavam-se a uma avaliação preliminar do montante do roubo.

A caixa-forte era constituída por três salas. Na maior, a sala de caixas de depósito, tinham sido arrombadas trezentas e dezessete das quatro mil

caixas. O tesouro do banco, uma sala adjacente a que se tinha acesso por outra porta de aço, fora também arrombado, e tinham sido levadas todas as reservas de barras de ouro, juntamente com o dinheiro. A terceira sala, a menor, era o cofre noturno, onde os estabelecimentos comerciais podiam fazer seus depósitos depois de o banco fechar. (O dinheiro, guardado em recipientes especiais, era enfiado por uma fenda na parede ao nível da rua e caía na sala através de um tubo.) Os assaltantes levaram os depósitos de fim de semana do maior centro comercial da cidade e de seu supermercado.

Era uma suposição, mas calcularam cerca de sessenta milhões de francos.

Quase doze milhões e meio de dólares.

Era o maior assalto a banco de todos os tempos.



Claude Besson, o detetive de ar insignificante com faro especial para fraude financeira, não era facilmente impressionável. Hábeis advogados de bem conhecidos clientes não o impressionavam mais do que punquistas e traficantes. Os criminosos podiam ser hábeis, mas ele era mais.

E Claude Besson estava impressionado. O assalto tinha sido planejado como uma operação militar. As ferramentas, o fornecimento de eletricidade, a maneira como haviam usado a rua subterrânea... Jesus Cristo, tinham até um exaustor industrial lá embaixo! E comida e vinho... Tudo preparado com tanto cuidado e tão eficientemente executado quanto os crimes financeiros mais complexos que ele deslindara.

Deviam ter sido dez homens, talvez vinte... uma quantidade de equipamento... meses de preparação... dias trabalhando no túnel... muito barulho... E ninguém viu nada, ninguém ouviu som algum, ninguém espalhou boatos sobre um assalto iminente.

O homem por trás da operação devia ser brilhante: um pensador, um chefe, um administrador, um cérebro. E também cuidadoso: nem uma simples pista de sua identidade tinha surgido das investigações do dia.

Era este, então, o homem que Claude Besson tinha que enfrentar. Era este o seu adversário.

Que diabo de homem podia ser?

Capítulo 1

O homem por trás da operação

*É com prazer que vejo todos os sinais de que uma era mais viril,
mais guerreira, está prestes a começar, uma era que,
sobretudo, tornará a honrar a bravura.*

Friedrich Nietzsche, filósofo favorito de Spaggiari

Albert Spaggiari nasceu na aldeia de Laragne, nos Alpes franceses, em 1932. O pai morreu quando ele tinha 2 anos e meio.

A mãe, mulher independente e cheia de recursos, mudou-se para Hyères, perto do porto de Toulon, levando o pequeno Albert. Abriu uma lojinha de lingerie e deu-lhe o nome de Caprice des Dames. O negócio floresceu, mas apesar de sua independência financeira, voltou a se casar.

Albert odiou o padrasto.

A princípio frequentou a Anatole France, a escola primária local, mas não se deu bem lá, e o padrasto mandou-o para o Instituto de St. Joseph, uma escola preparatória particular. Também ali não foi mais feliz.

Tinha 12 anos ao fugir pela primeira vez.

Quando a polícia o trouxe para casa, a mãe escreveu ao diretor da escola: “Bert é uma criança muito afetuosa, honesta, corajosa, leal e boa. Não é um rufião, mas é muito impulsivo.”

Aos 15 anos foi para a escola secundária de Jean Alcard. Seus resultados nos estudos eram apenas médios, mas tomou paixão pela literatura. Seus dois interesses particulares eram histórias de aventuras e ensaios políticos. Possuía uma imaginação invulgarmente viva. Tinha uma espingarda de ar comprimido, e embora nunca atirasse nos pássaros: costumava alvejar velhas latas de conserva e fazer de conta que eram pessoas.

Ficou obcecado por Salvatore Giuliano, bandido siciliano e herói popular romântico de fins dos anos 40. Devorava tudo o que encontrava

sobre Giuliano e fantasiava um encontro com o homem. Com a idade de 16 anos voltou a fugir de casa com destino à Itália.

Tomou uma rota indireta, indo de barco para a Tunísia, viajando ao longo do Norte da África, pegando depois outro barco para a Sicília. Nunca conseguiu passar pelo controle de imigração italiano. Depois de vários dias na prisão, foi devolvido ao padrasto, coberto de piolhos.

A nota que deixava na mesa de cozinha pressagiava as suas ideias políticas futuras: *La cause en vaut les moyens*. Os fins justificam os meios.

Muitos rapazes adolescentes são rebeldes e sonham com a aventura: a maturidade geralmente traz-lhes os sonhos para a terra e modera-lhes o caráter com autodisciplina. Albert Spaggiari era diferente: de certo modo, nunca cresceu.

Em 1950, quando tinha 18 anos, alistou-se no exército e ofereceu-se como voluntário para a Força Expedicionária da Indochina. Os franceses ainda não tinham sido expulsos do Vietnã, e os americanos ainda não tinham chegado.

A Ásia foi boa para Spaggiari. Gostava de viajar, a sua sede pela aventura foi satisfeita, e começou a desenvolver as suas ideias políticas no tipo de ambiente colonialista que alimenta o extremismo de direita. Foi transferido para o corpo de paraquedistas do 3º Batalhão.

Foi um soldado útil, ganhando três condecorações, mas era avesso a receber ordens das outras pessoas, e esta falta excluiu-o da promoção: nunca passou de cabo.

Em 1954 foi considerado culpado do roubo e condenado a quatro anos de prisão. Estivera num prostíbulo de Saigon com uma série de soldados, e estalara uma rixa com a dona. Os outros soldados foram embora, mas Spaggiari ficou e roubou a gaveta do dinheiro. Os seus camaradas argumentaram que haviam sido enganados e que Spaggiari retirara simplesmente o dinheiro que era por direito deles; mas o tribunal militar não se impressionou com esta defesa.

Foi também o ano da batalha de Dien Bien Phu, um dos maiores desastres da história militar francesa, quando vinte mil soldados de elite foram derrotados por um exército de camponeses. Mas Spaggiari não estava lá: encontrava-se a ferros a bordo do *Pasteur*, a caminho da França. Com a redução da pena, saiu da cadeia em 1957 e viveu sossegadamente com a mãe em Hyères, em cima da loja. Lá conheceu Marcelle Audi, uma jovem enfermeira, com quem se casou.

Audi — ele a tratava sempre pelo sobrenome — era uma mulher pequena e simples, com cabelo castanho e olhos escuros. Era muito a enfermeira típica, com um andar vivo e [movimentos rápidos e precisos. Vestia de maneira simples, [mas com gosto, e tinha um caráter forte e um certo encanto sedutor. Ao contrário do marido, era um tanto cautelosa, introvertida, mais observadora do que atuante.

O casal não estava apaixonado, mas eram muito bons amigos, mais leais do que fiéis um ao outro e, o que é importante, partilhando as mesmas ideias políticas e filosóficas. Audi era uma âncora emocional na vida tempestuosa de Spaggiari; e se a sorte dele fosse irregular, ela poderia sempre ganhar a vida como enfermeira.

Por algum tempo pareceu que talvez Spaggiari assentasse. Na realidade, o ar calmo do campo sufocava-o. O grito da aventura tornou-se-lhe irresistível, e uma manhã de Primavera ele e a mulher tomaram um barco para Dacar, na então colônia africana francesa do Senegal.

Trabalhou lá como caldeireiro e Audi como enfermeira. Planejaram fazer fortuna. Não deu certo. Por volta de 1960 estavam de novo na França.

Mudaram-se para Nice e moravam na estrada de Marselha, num bairro da classe operária. Na França, uma enfermeira pode ter clientela própria, procedendo a primeiros socorros e dando injeções; e foi isso que Audi fez. Spaggiari tentou a sua sorte nos bens imobiliários, sem grande êxito.

Era a época dos “ventos de mudança” na África, quando os países europeus se desenvencilhavam das suas colônias com maior ou menor grau de dificuldade. A Argélia Francesa sofria uma guerra brutal de morticínio quando os brancos argelinos lutavam contra o desalojamento. Spaggiari juntou-se à Organisation Armée Secrete (OAS), movimento ilegal de apoio aos argelinos brancos. Como o IRA, a OAS abarcava pessoas de perspectivas mais ou menos militantes e de política variada (embora fossem todos de direita). Grupos internos incluíam a Catena, que ajudava fugitivos a escapar da polícia, e o Comando Delta, que realizava assassinatos e assaltos a bancos para levantamento de fundos. Nos anos mais recentes, quando a libertação da Argélia se tornou um *fait accompli* (fato consumado), a OAS perdeu a sua *raison d’être* (razão de ser), mas permaneceu como cobertura dos extremistas de direita e dos neonazistas.

Spaggiari quis fazer parte do Comando Delta, o grupo de operações especiais, mas parece que os chefes o achavam pouco digno de confiança,

humilhação que se ia repetir mais do que uma vez na sua carreira.

O general Charles de Gaulle era odiado pela OAS. Direitista, fora antes abertamente *sympathisant de l'Algérie Française*, mas quando se tornou presidente a realidade surgiu. Deixou cair a Argélia como um tijolo quente, e a OAS se sentiu amargamente traída.

Em 1961 Spaggiari foi a Espanha e teve uma reunião clandestina numa piscina de Madrid com Pierre Lagaille, antigo líder dos estudantes argelinos de direita, Spaggiari disse-lhe: “Estou à sua disposição. Farei qualquer operação que ache conveniente ordenar.”

Em novembro desse ano Spaggiari teve a sua grande oportunidade. O injuriado presidente De Gaulle ia visitar Hyères, e a sua comitiva automóvel passaria pela loja de , lingerie Caprice des Dames. Spaggiari escreveu a Lagaille.

Registou a carta no correio de Ventimiglia com um nome falso. A mensagem era melodramática: “Tenente Lagaille, só espero uma ordem sua — a ordem de execução.”

Spaggiari chegou a Hyères vindo de Nice na manhã do dia 8 de novembro de 1961. As lojas estavam todas fechadas e com as persianas baixadas para a visita presidencial. Escondeu a chave da loja da mãe, arrumou no pátio dos fundos uma motocicleta para a fuga e foi para o apartamento vazio do primeiro andar. Tinha uma espingarda Mauser.

Por volta das 16 horas o cortejo de automóveis entrou na Avenue Charles de Gaulle. Apesar do mau tempo, o presidente ia em pé na sua limusine, sorrindo e acenando para a multidão, que aplaudia. Às 16h12, De Gaulle estava à vista de Spaggiari, a menos de 5 m, alvo fácil para o homem que fora notável atirador entre as tropas paraquedistas do 3º Batalhão, destacamento de elite.

Spaggiari não puxou o gatilho, evidentemente. Lagaille nunca mandou a ordem de execução, pois tal como outros líderes da OAS não levou a sério o teatral Albert Spaggiari — e por uma vez na vida Spaggiari aceitou a autoridade.

Em março de 1962, a polícia passou busca a uma residência em Villefranche sur Mer, estância de veraneio cara entre Nice e Cap-Ferrat. Encontraram uma máquina de imprimir ilegal, usada para produzir as folhas da OAS, e um esconderijo de armas. Um pequeno grupo de extremistas foi preso, e Spaggiari encontrava-se entre eles.

O tribunal do *département* dos Alpes Marítimos condenou-o a quatro anos na prisão de St. Martin, em Ré. Os seus camaradas ficaram em liberdade vigiada. Não é clara a razão por que Spaggiari recebeu tratamento especial, mas é provável que as autoridades soubessem da sua tentativa abortada para assassinar De Gaulle.

Foi libertado em 1966, e regressou a Nice para a mulher e os amigos. Passou a interessar-se por fotografia e abriu um estabelecimento na Estrada de Marselha, 56, chamada Photo La Vallière.

Spaggiari passava as noites em tabernas e bares, conversando com amigos da OAS e antigos camaradas do Vietnã. Ligou-se a outra organização de direita, a bizarra Irmandade de Armas SS.

Durante este período fez uma misteriosa viagem a Munique, centro do neonazismo alemão. Audi disse às pessoas que ele fora aprender alemão com a intenção de vir a ser tradutor profissional. Esta história improvável nunca foi corroborada por fatos: em tempo algum tentou arranjar emprego como intérprete, e não passou a falar alemão com fluência.

Esta parte da sua história é notavelmente vaga. Parece ter aumentado os seus contatos com organizações direitistas por toda a Europa, e talvez tenha tido relações com a CIA. Esteve em contato com os neofascistas italianos, e suspeita-se que esteve envolvido em contrabando de armas. Em 1969, quando os tanques russos rolavam pelas ruas de Praga, Spaggiari encontrava-se na Checoslováquia, com falsos papéis de identidade e um cartão de imprensa falsificado. Foi vago a respeito desta viagem: “Devemos fazer alguma coisa pelos nossos amigos”, disse. “Devíamos ajudar os patriotas checos.”

Mostrou certo talento como fotógrafo. Foi para o Norte de África e passou algum tempo no deserto do Sara, vivendo com os nômades e tirando fotografias. A fotografia deu-lhe entrada num estrato bastante mais elevado de Nice, e tornou-se fotógrafo semioficial para a cidade. (É exagero dizer, como o dizem alguns habitantes de Nice, que a cidade é governada pela OAS; mas não há dúvida que Spaggiari não foi a única pessoa a ser aceita tanto nos círculos oficiais como entre os extremistas de direita.) Comendo e bebendo com uma classe mais rica, assegurou a sua posição tornando-se um grande gastador, e as suas gorjetas eram lendárias pela generosidade.

Em 1972 comprou uma casa de fazenda arruinada na floresta de Bézaudun, não longe de Nice. Pagou muito pouco por ela, mas com a ajuda

de um construtor local transformou o lugar. Trabalhou nela durante meses, pondo novas janelas, refazendo o telhado, acrescentando varandas e instalando aquecimento moderno. Empregou pedra, madeira e o tijolo vermelho da região, dando à casa um ar natural no ambiente.

Ele e Audi se apegaram muito à casa. Penduraram armas nas paredes, embora Spaggiari nunca as usasse, nem sequer matava os coelhos que lhe estragavam a horta, e se Audi quisesse um frango para o jantar tinha que levar a ave ao açougueiro da aldeia para que o matasse. Havia também na parede uma enorme foto de Hitler e um emblema SS. Quando chegava no Land Rover e parava junto ao velho carvalho de cem anos, Packa e Vesta, seus Doberman, vinham correndo saudá-lo, pulavam no carro e lambiam sua mão. À noite sentava-se perto da lareira e lia. Sua biblioteca era vasta: Balzac, Zola, Flaubert... e, claro, Nietzsche.

Finalmente, arrendou o laboratório de fotografia ao gerente e mudou-se permanentemente para Bézaudun. Audi arranhou outra clientela de enfermagem, e Albert criava frangos.

De novo parecia que ia assentar; mas uma vez mais as aparências foram ilusórias.

Um seu conhecido, Gérard Rang, de 28 anos, era vigiado pela polícia em 1974. Louro e atarracado, era dono do notório night-club Chi-Chi, no Haut de Cannes, onde o espetáculo do palco se caracterizava por sexo em grupo ao vivo. Rang, que ia figurar largamente no assalto do século, era então suspeito numa investigação policial sobre cheques falsificados. Rang, se era ele, não andava só falsificando assinaturas, mas realmente imprimindo talões de cheque. Um deles foi encontrado na grade de esgoto de seu clube. Ocorreu à polícia que Spaggiari, um dos camaradas de direita de Rang, tinha todas as facilidades para a impressão dos cheques em seu laboratório de fotografia. Mas não conseguiu recolher provas suficientes para levar a uma ação judicial.

Foi também em 1974 que Spaggiari arrendou a caixa do depósito em cofre na caixa-forte do banco da Société Générale na Avenida Jean Médecin.

Inquieto, indisciplinado, aventureiro, obsessivo: que é que faz um homem ser assim?

Um de seus amigos mais chegados achou algo para dizer: “Talvez tivesse sido diferente se tivesse sido pai. Isso o teria amadurecido, acalmado. Mas nunca aconteceu.”

Audi estava impossibilitada de dar à luz. O casal tentou a adoção, mas o fato de ser membro conhecido de uma organização ilegal desqualificava Albert. Mesmo sem as ligações com a OAS, seu registro profissional teria sido por certo, considerado desfavorável pelas autoridades de adoção.

Com certeza queria um filho. Ele próprio dizia: “Tentei tudo, mas os membros da OAS não estão autorizados a adotar.”

Mas a chave para o caráter de Spaggiari está trás, no passado.¹ Os leigos imaginam ingenuamente que as crianças de tenra idade não prestam atenção à tragédia. A verdade é justamente o contrário. Um trauma nos primeiros anos de vida pode explicar muita coisa a respeito do eventual caráter de uma pessoa. O pai de Albert Spaggiari morreu quando ele tinha 2 anos e meio.

Para uma criança, um pai representa tanto a disciplina como o amor, e através desta combinação de características aparentemente contraditórias a criança aprende o conceito da autoridade benigna. O pai também proporciona uma imagem com que o filho se pode identificar, e dá-lhe um padrão para seguir.

É evidente que nem todas as crianças órfãs de pai ficam permanentemente estigmatizadas com o trauma. O lugar do pai morto pode ser ocupado por um tio, um amigo da família, ou um padrasto.

Mas por alguma razão Albert rejeitou o padrasto. Por isso, a figura de pai na sua vida representava a autoridade sem amor.

Este fato pode ser responsável por diversos traços da personalidade de Spaggiari. Seu interesse por armas, a militância nos SS e a política podem representar uma obsessão com a autoridade tirânica (sem amor). A adoração por histórias de aventuras, a identificação juvenil com o bandido Salvatore Giuliano e as fotos de Hitler podem ser vistas como a busca da figura de um pai. O padrão de indolência e irregularidade de sua vida — viajar, mudar de emprego, nunca assentar — pode ter origem na falta de um pai para imitar. Mas o mais importante, sua rebeldia e criminalidade, são uma rejeição da autoridade que nunca aprendeu a amar.

Tem passado a vida provando que sabe mais que o padrasto.

¹ Os autores agradecem a José von Buehler pela assistência neste passo.

MAPA DE NICE



Capítulo 2

Spaggiari elabora seu plano

Non, je ne regrette rien

Edith Piaf e Albert Spaggiari

Nice é muito parecida com Bournemouth, só que melhor.

Fundada por volta de 350 a. C. por uma tribo de marinheiros gregos, permaneceu como aldeia pesqueira até o século XIX, quando veranistas ingleses abastados inventaram a Riviera Francesa. Em 1822, a crescente colônia de ciosos ingleses construiu um longo passeio público de 4 km, a característica mais distinta da cidade, chamada agora de *Promenade des Anglais* — o passeio dos ingleses.

Situada na baía dos Anjos, a 32 km da fronteira italiana, é a principal estância de veraneio da Cote d'Azur. É abrigada por colinas baixas do lado norte, e só chove sessenta vezes em média por ano. Tem aeroporto, universidade e vários museus de arte. A população anda em torno de trezentos e cinquenta mil.

O rio Paillon divide o lado oriental, com a baía, o bairro comercial e as ruas coleantes da cidade velha, do lado ocidental, constituído pela urbanização mais recente e o aeroporto.

Como Bournemouth, tem larga população residente de aposentados e idosos; e é esta característica que mais interessa a um banco como a Société Générale. Um dos maiores bancos franceses, sua principal filial de Nice destina-se a atrair pessoas de certa idade. A imponente fachada branca de pedra ocupa um quarteirão inteiro da cidade, e sua arquitetura vagamente à italiana imita a do Palácio da Justiça, o edifício do tribunal da cidade. No interior do banco, o saguão principal tem um teto extraordinariamente alto, pousado sobre pilares de mármore.

As janelas em arco estão protegidas por grades de ferro trabalhado, muito diferentes das vitrines de vidro dos bancos mais modernos.

Depois do assalto do século, o banco compreensivelmente sentiu necessidade de uma imagem mais moderna, e hoje parte do saguão principal é um enorme salão de escritório com mobiliário contemporâneo decorado de laranja e branco, alumínio e vidro. Mas quando Albert Spaggiari adentrou pela primeira vez suas portas em setembro de 1974, conservava ainda a atmosfera calma do escritório de um advogado tradicional.

Isto se notava em particular na caixa-forte, muito usada pelas pessoas abastadas, retiradas dos negócios, que frequentemente preferem manter suas riquezas em formas tangíveis de ouro e joalheria. Havia um velho sofá, algumas cadeiras e mesas de aço, e, à moda antiga, diversas tesouras grandes ligadas por correntes às mesas. O chão era coberto de linóleo marrom e os armários que continham as caixas de depósito tinham o mesmo aspecto antiquado da fachada do banco.

Havia sete armários blindados, contendo um total de quatro mil caixas. As caixas eram de dois tamanhos: algumas, 30cm por 20cm de frente e 60cm de profundidade; outras 60 cm por 40 cm, com a mesma profundidade. Cada caixa possuía duas chaves, que tinham que ser usadas juntas para se abrir a caixa. Uma era guardada pelo cliente, a outra ficava no banco.

Os armários eram abertos todas as manhãs. Quando o cliente queria ir a sua caixa, tinha primeiro que assinar o livro da caixa-forte. Então, um guarda o acompanhava até a caixa. O cliente introduzia sua chave, o guarda introduzia a chave do banco e a caixa se abria. Depois disso, o guarda deixava o cliente sozinho. O cliente ficava o tempo que quisesse. Quando terminava, fechava a caixa e ela ficava automaticamente trancada. No fim do dia, os armários eram fechados a chave, e então o guarda trancava a porta de 20t da caixa-forte.



Dois anos mais tarde, Spaggiari diria ao juiz instrutor: “Tive a ideia do assalto no preciso dia em que aluguei a caixa de depósito na Société Générale em setembro de 1974. Desenvolvi-a na minha cabeça, pouco a pouco, até compreender que realmente era possível fazê-lo.”

Mas Spaggiari disse muitas mentiras nesse interrogatório.

“Todas as vezes que descia ao meu cofre aprendia um pouco mais sobre a caixa-forte. Medi a passos o tamanho da sala. Fiz pequenos desenhos. Até tirei foto... ninguém parecia se preocupar.”

Mas, perguntaram-lhe, como sabia que não havia sistema de alarme?

“Comprei um despertador com uma campainha muito estridente. Armei-o para uma da manhã, depois um dia coloquei no meu cofre no fim da tarde. À uma da madrugada estava sentado na Taverne Alsacienne, do outro lado da rua, em frente ao banco. Fiquei lá até duas da manhã. Nada aconteceu. No dia seguinte abri o cofre. O relógio continuava lá, ainda funcionando, mas com o alarme descarregado.”

É possível que um sensível sistema de alarme moderno disparasse com o barulho do despertador; mas é improvável que um planejador tão cuidadoso como Spaggiari tivesse confiado num método de verificação tão dúbio. Em qualquer caso, tanto essa história como a outra de medir a passo a caixa-forte e tirar fotos foram rapidamente desfeitas pela polícia. Pois o livro da caixa-forte — assinado por cada cliente sempre que lá entrava — revelou que Spaggiari estivera ali apenas duas vezes: uma quando alugou a caixa de depósito, outra em janeiro de 1975.

Quando lhe apresentaram estes fatos, veio com outra história.

“Há uma filial da Société Générale na Estrada de Marselha, 52, bem perto da minha loja. Tenho conta lá e o caixa é cliente da loja. Somos vizinhos, moramos na mesma rua, e ele é conversador. Trabalhou na matriz na Avenue Jean Médecin, e como caixa tinha acesso à caixa-forte. Pouco a pouco obtive dele os detalhes do esquema, sem que percebesse aonde eu queria chegar.”

Spaggiari deu o nome do caixa. Morrera recentemente.

A história podia ser verdadeira, mas um funcionário bancário linguarudo é uma raridade, e teria sido uma sorte notável que um patife encontrasse um deles logo ali na soleira da porta. Como Spaggiari obteve as informações preliminares é uma questão em aberto, com muitas probabilidades a favor de um informante interno, que talvez nunca seja identificado.

Spaggiari também precisava saber o peso dos armários de aço. Afirmou que perguntou simplesmente ao guarda. A resposta que obteve foi de 30t, e ele considerou o dobro nos seus planos. Essa história é

provavelmente verdadeira, pois explicaria a segunda visita à caixa-forte em janeiro de 1975.

Não há, porém, mistério algum sobre a maneira como obteve os planos dos sistema de drenagem em volta do banco. Plantas de todo o sistema de esgotos da cidade encontravam-se à disposição de qualquer pessoa na câmara municipal. Spaggiari introduziu-se como *promoter* de discotecas e disse que queria construir um clube subterrâneo. Os funcionários do departamento de obras públicas foram muito prestativos, e deram-lhe um exemplar da planta nº 16, tirada na escala de 1:1000, um mapa grande e claro.

Com a planta, Spaggiari podia escolher o caminho mais curto do banco à rua subterrânea ao lado do túnel do Paillon. Então verificou o trajeto a pé. Sua explicação para este período é basicamente crível, embora ligeiramente colorida.

“Passei seis noites numa seção dos esgotos, percorrendo aquela porcaria cheia de ratazanas e mau cheiro. Explorei o sistema passo a passo até conhecer cada ângulo, cada beco. Sempre que me perdia, simplesmente subia num poço, levantava a tampa e via a rua, até me orientar outra vez.”

Não deve ter levado seis noites, e não teria sido tão louco a ponto de meter a cabeça pelo buraco da rua; mas esta explicação estabelece uma série de pontos vitais:

1 — Era possível descer de carro a partir da Avenida Marechal Lyautey por uma rampa construída de propósito para o leito seco do rio Paillon e daí, depois de remover uma barreira pouco sólida de chapa ondulada de cerca de meio metro de altura, diretamente para a rua subterrânea.

2 — O ponto em que a estrada passava mais perto do banco ficava embaixo da junção da Rua Félix Faure com a Rua Chauvain.

3 — Uma segunda entrada para a rua subterrânea, para pessoas, não para carros, ficava na Praça Massena, no alto da Félix Faure. Aqui havia um estacionamento que dava para um local de escoamento, onde os funcionários do município podiam entrar para verificar o nível de precipitação da chuva. O estacionamento era guardado com televisão de circuito fechado, e uma das câmeras apontava diretamente para a porta do compartimento de escoamento;

mas o ângulo de visão da câmera podia ser bloqueado simplesmente estacionando um carro entre ela e a porta. Usando essa entrada quando possível, pouparia uma viagem de 3,5 km. Também aqui Spaggiari conseguiu retirar uma lâmpada e ligar o cabo para suas lâmpadas e ferramentas elétricas.

4 — Havia uma terceira entrada, muito mais próxima do banco, mas também mais perigosa: o poço de inspeção na esquina da Rua de L'Hôtel des Postes com a Gustave Deloye. As peças mais pesadas de equipamento, que seriam difíceis de transportar através dos canos de esgoto a partir da rua subterrânea para o banco, podiam ser descidas por este poço. Mas teria de ser usado o mínimo possível.

5 — Embaixo da Rua de L'Hotel des Postes, em frente ao banco, havia um dreno sem saída que podia ser usado para depositar a terra e as pedras resultantes da escavação.

6 — O túnel a partir do cano de esgoto até a parede da caixa-forte seria aberto nos esgotos embaixo da Rua Gustave Deloye, junto ao poço de inspeção.

Os pontos mais delicados tinham ainda que ser delineados, mas o plano básico estava ali, e parecia absolutamente praticável. Agora, Spaggiari precisava de homens para realizá-lo.

No início de 1976, entrou em contato com um grupo conhecido como *Le Gang des Marseillais*, a Quadrilha dos Marselheses. Marselha era há muito tempo a capital do crime na França, e embora o negócio de narcóticos tivesse se mudado para o leste, para Nice, Marselha era ainda o lugar onde se buscava a perícia no crime.

O bando ficou interessado nos planos de Spaggiari, e concordou em enviar um grupo para examinar o terreno. Mas surgia uma dificuldade: seu perito em túneis, um italiano conhecido como Pedreiro, estava na cadeia. Teria que ser libertado... por conta de Spaggiari. Spaggiari engoliu a história um tanto dúbia, distribuiu seis mil e duzentos dólares, e o Pedreiro saiu da prisão de Bourgues¹.



O grupo de Marselha entrou no sistema de esgoto pelo estacionamento subterrâneo da Praça Massena, via sala de escoamento. Viram a rua subterrânea, percorreram os esgotos e observaram o local onde Spaggiari planejava fazer o túnel. O Pedreiro examinou a textura do solo.

— Isso é pudim — comentou. — O túnel terá que ser reforçado.

Viram o banco pelo lado de fora e deram uma olhada na entrada do leito do rio para a rua subterrânea.

Gostaram do plano.

Não gostaram de Spaggiari.

E o rejeitaram.

Assim como o exército, a OAS e Pierre Lagaille, a quadrilha de Marselha viu algo em Spaggiari que não inspirava confiança: uma sugestão de irreabilidade, um toque de megalomania, uma personalidade obsessiva e instável.

Devolveram-lhe as botas de borracha e desapareceram. Apenas o Pedreiro ficou, talvez por um senso de gratidão; assim, Spaggiari obtinha algum lucro do investimento de seis mil e duzentos dólares.

Spaggiari tinha agora que organizar um grupo. Era seu problema mais difícil, e no fim a escolha dos colaboradores foi a deficiência básica da operação.

A maneira como recrutou Francis Pellegrin foi típica.

Na Rua Félix Faure havia um café, também chamado Félix Faure. Em 1976, era o local de encontro mais em moda de Nice. O *barman* fazia excelentes coquetéis de champanhe e servia diversas aguardentes de *bourbon* americano. A comida era boa, e a clientela jovem, atraente e belamente vestida. Os automóveis ficavam estacionados em duas filas em frente ao café (o estacionamento em duas filas é de *rigueur* para os elegantes de Nice) e a calçada ficava bloqueada de motocicletas. (Na Riviera, as motos não são prerrogativa do Hell's Angels, e no clima ameno não é preciso uma pessoa se vestir de montanhista para pilotar uma.) Foi neste chique oásis que Spaggiari encontrou Pellegrin.

Pellegrin era um trapaceiro barato, o que os franceses chamam de *demi sel* (meio-sal). Míope, sem graça, a cara minada pela acne, não tinha encanto algum. Nem era esperto. Para não dizer mais, era completamente estúpido.

Chegara recentemente de sua pequena cidade de Beaulieu sem um centavo no bolso. Spaggiari inspirou-lhe um temor respeitoso. Spaggiari parecia elegante, frio, um gênio louco com muita classe. Mal podia acreditar que Albert fosse um criador de frangos.

“Goebbels também criava galinhas, não é?”, disse-lhe Spaggiari.

Pellegrin não sabia se ele estava brincando.

O *demi sel* ficava pouco à vontade com Spaggiari, sentia-se inferior, mas, para sua surpresa Albert, uma noite, chamou-o à parte.

“Sei que posso confiar em sua descrição. Preciso de alguns bons contatos muito rapidamente. Se puder ajudar, não se arrependerá.”

A maior parte do grupo foi recrutado desta maneira. Houve quatro exceções: G. e P. eram argelinos brancos e camaradas da OAS; o capitão V. era veterano do Vietnã; e o Pedreiro era da quadrilha de Marselha. Outros dezenove patifes foram contatados por meio do diz-que-diz subterrâneo: Pellegrin encontrava alguém que conhecia um motorista; Spaggiari tinha um amigo que conhecia gente que procurava um jeito de fazer dinheiro e assim por diante.

Aqui surge o primeiro dos vários mistérios que envolveram a ação da polícia neste caso. Qualquer força de detetives medianamente competente possui informantes entre os patifes locais: homens que são basicamente criminosos e aceitos como tal por outros criminosos, mas que não são avessos a fazer um pouco de dinheiro extra dando informações confidenciais à polícia. Os detetives ingleses chamam de *snouts*; os franceses, de *indics*.

Ora, criminosos profissionais inteligentes e bem sucedidos fazem segredo de seus planos, pois sabem muito bem que não podem confiar em ninguém senão em seus associados mais chegados. Mas Spaggiari dava publicidade à sua necessidade de homens em cada bar *louche* (duvidoso) da cidade. É muito difícil acreditar que nem um dos *indics* de Nice acabasse por ouvir falar do golpe iminente. Não obstante, ninguém na polícia de Nice tinha qualquer ideia de que Spaggiari andava planejando algo. Este tipo de aparente incompetência ocorre mais que uma vez na história do assalto do século, e é um tema a que voltaremos.

A tarefa seguinte de Spaggiari foi adquirir o equipamento necessário, e fez isso com sua habitual e escrupulosa cautela.

Para transportar as ferramentas comprou vários sacos de lona forte do tipo usado nos iates. Vieram do centro comercial Rinascente, de Milão.

Dez tesouras de aço sueco, feitas em Estocolmo, foram compradas a dinheiro na Bélgica.

Comprou vinte martelos pequenos, doze martelos grandes, e várias colheres de pedreiro; trinta formões de várias espécies e tamanhos, um rolo de sacos plásticos, seis cargas de dinamite e três maçaricos de oxiacetileno.

Trinta lanternas, todas da marca Super-Limijet, foram adquiridas em diversas lojas da cidade velha de Nice, no centro comercial Cap 3000, de Villeneuve Loubet. Foram compradas à unidade na maior parte; e Spaggiari ficou furioso quando descobriu que um de seus *demi sels* comprara três numa mesma loja.

Comprou um carrinho de mão e vários baldes para retirar a terra escavada do túnel; tábuas e traves de madeira para sustentar o teto do túnel; e uma série de sacos de cimento, de 55 kg, para as paredes; 300 m de cabo elétrico foram adquiridos em várias porções de 45 m nas lojas do ramo em Nice, Menton e Antibes.

Comprou duas furadeiras elétricas AEG, um macaco hidráulico potente e um pequeno laser, que custou mais de dois mil dólares e que cortava 10 cm de concreto reforçado por minuto.

Comprou um estojo de primeiros socorros consideravelmente sofisticado, um fogão portátil, cilindros de combustível para os maçaricos de oxiacetileno, botas de borracha e macacões impermeáveis do tipo usado pelos trabalhadores de esgotos, e dezenas de pares de luvas, de luvas de couro de proteção a luvas de cirurgião.

Comprou um exaustor de fumaça industrial para manter respirável o ar do túnel.

Dúzias de grampos reforçados, pregados ao teto do cano de drenagem para manter o cabo elétrico bem acima do nível da água, foram os únicos artigos roubados. Vieram de terrenos de obra em Grasse. Certamente algum criminoso insignificante, instruído para comprar os grampos, não pôde resistir à tentação de roubá-los e meter no bolso o dinheiro dado por Spaggiari.

Para transportar todo o equipamento pelas várias centenas de metros dos esgotos, Spaggiari arranhou dois barcos de borracha e câmaras de ar de pneu de caminhão.

Pás de escavar e de transporte, chaves de fenda, óculos de proteção, pés-de-cabra... a lista parece nunca mais acabar. Este material foi comprado por toda a Europa Ocidental; nunca em grandes quantidades, sempre em pequeno número, e frequentemente em grandes centros comerciais. Spaggiari queria que o equipamento deixado para trás depois do assalto desse à polícia muito trabalho e absolutamente nenhum resultado; e foi exatamente o que aconteceu.

Spaggiari precisava agora de um local para guardar todo o equipamento, por isso pediu emprestada uma casa em Castagniers, aldeia a poucos de quilômetros de Nice. Podia ter guardado tudo na sua fazenda, mas decidiu que a casa seria muito mais segura. Foi um erro muito grave.

¹ Os autores — e na realidade, a polícia também — conhecem o nome verdadeiro do Pedreiro; mas ele nunca foi apanhado, e sob a lei francesa, não pode ser identificado enquanto não for condenado ou confessar o crime. Pela mesma razão, o leitor encontrará vários criminosos referidos pelos apelidos ou simplesmente por uma inicial.

Capítulo 3

Uma esposa ciumenta

O ouvido do ciúme escuta todas as coisas

A Sabedoria de Salomão

A identificação dos Ratos de Esgoto, como o grupo de Spaggiari veio a se chamar, começou realmente dez dias antes do roubo; e começou com “O Caso da Esposa Ciumenta”.

A esposa era a mulher de um homem de negócios de meia-idade, que adorava se divertir. Era proprietário de uma companhia de transporte de mercadorias. De cabelos grisalhos, tinha corpo elegante: era atraente para a idade e sabia disso muito bem. Gostava de exhibir o físico na praia de Villeneuve Loubet. O negócio ia bem, e o casal tinha um filho de 20 anos.

No início de 1976, a mulher — vamos chamá-la de *Madame V.* — descobriu que o marido instalara uma amante numa casa de Cagnes sur Mer. Ficou furiosa, e conversou com um advogado sobre divórcio, mas no fim decidiu não fazer nada, não dizer nada, e esperar que o caso terminasse.

No dia 8 de julho de 1976, *Monsieur V.* foi a Lyon a negócios. Nessa noite, a esposa descobriu que faltava uma chave. Era a chave de uma casa em Castagniers, que pertencia não a *Monsieur V.*, mas a um amigo que morava a alguma distância, e o casal concordara em dar uma olhada na casa, arejá-la uma vez ou outra e fazê-la parecer ocupada para desencorajar ladrões. Ora, *Madame V.* suspeitou que o marido não fora a Lyon a negócios, e sim que arranjava uma ninfa para a casa de Castagniers.

No dia seguinte, 9 de julho, *Madame V.* pegou seu Peugeot creme e foi a Castagniers. Não tinha planos específicos quando passou a 80 km/h pela obra do novo arranha-céu do *Nice-Matin*, pelo posto de gasolina de Azur e pelo elegante Servede Restaurant. Fumava cigarro após cigarro, e seu rosto de 40 anos estava marcado de tensão.

A casa ficava a curta distância da estrada principal, numa área sossegada. Construída em estilo provençal, era rodeada de oliveiras, tinha telhado vermelho e paredes de revestimento grosseiro cor de casca de ovo. Situada no alto de uma colina, tinha uma vista encantadora.

Madame V. parou o carro a alguma distância. Via-se que as persianas estavam abertas. A casa estava ocupada. Hesitou por um momento, depois virou o carro e se afastou a grande velocidade. Vira o suficiente; ficou firmemente convencida de que o marido estava sendo infiel outra vez, mas não teve coragem de bater na porta e flagrá-lo com a mão na massa. Foi para casa e tentou não chorar.

Tinha motivos confusos para o que fez a seguir. Queria ter certeza de que o marido estava lá, queria que ele soubesse que ela sabia o que ele andava fazendo e queria embarcá-lo. Pegou o telefone e fez uma ligação para o proprietário da casa.

— Você alugou a casa? — perguntou ela.

— Não, não. Por quê?!

— Por acaso passei lá há pouco e notei que as persianas estavam abertas. Achei que era melhor verificar.

— Não, não deve haver ninguém lá. Ainda tem a chave, não tem?

— Sim — mentiu ela.

— Seu marido não poderia passar lá e verificar?

— Não está aqui... Foi a Lyon a negócios. — Uma pausa; então

Madame V. continuou: — Estou preocupada. Há tantos assaltos na Cote d'Azur, com todos estes hippies de agora...

Aquela última deixa parece que atingiu o alvo.

— Está bem... É minha casa. Vou chamar a polícia.



A França tem duas forças policiais. As grandes cidades têm a Police Judiciaire, que opera de maneira muito semelhante à força metropolitana inglesa e é igualmente controlada pelo Ministério do Interior. A província e as pequenas cidades são policiadas pela Gendarmerie, um corpo militar sob controle do ministro do Exército. Os gendarmes andam sempre

uniformizados e não têm detetives: são obrigados a relatar os assuntos criminais à Police Judiciaire, que então fica responsável pela investigação.

O proprietário da casa de Castagniers telefonou para a brigada de gendarmes de Plan du Var. O telefonema foi atendido pelo gendarme Claude Destreil, que, como todos os gendarmes, era um jovem bem constituído, com cabelo curto e camisa azul. Como os policiais da província, ficava interessado em qualquer coisa fora do habitual que acontecesse na região. E, como na hora não tivesse nada mais interessante para fazer do que um relatório tedioso, pegou seu colega Patrick Gruau e foi até a casa.

Destreil estacionou a pequena van azul embaixo de uma oliveira, e os dois homens olharam em volta. Gruau subiu os dezessete degraus até a porta e bateu diversas vezes, não obtendo resposta. Ambos admiraram a vista que se estendia pelo vale do rio Var.

As persianas da casa estavam na verdade abertas, e uma janela também. A garagem estava fechada à chave, mas eles conseguiram olhar lá para dentro e ver a placa de um Peugeot 504 cinza metálico, novo em folha, que ali se encontrava.

Não havia sinal de arrombamento.

Os gendarmes voltaram à van. Nessa tarde descobriram que o Peugeot estava registrado em nome de um vendedor de instrumentos musicais de Béziers, a 320 km.

Às 18h30 voltaram para uma segunda verificação. Desta vez tiveram mais sorte.

Havia dois carros caros no desvio — um Mercedes e um Renault 17—, e quatro homens sentados nos degraus.

Os gendarmes começaram a interrogá-los. O mais velho dos quatro deu a explicação:

— Alugamos a casa, e estamos esperando um amigo que vai trazer a chave.

O proprietário disse de maneira absolutamente clara que não alugara a casa a ninguém. Os gendarmes pediram os documentos de identificação dos homens e anotaram as informações:

*Dominique Poggi, residente na Rua Fourmillière, 23,
Antibes, nascido em 16 de fevereiro de 1926, em Farinole,*

Córsega.

Daniel Michelucci, residente na Rua Samatan, 20, Marselha, nascido a 6 de outubro de 1947, em Marselha.

Christian Duche, residente na Esplanada de La Tourette, 36, Marselha, nascido em 8 de março de 1947, em Marselha.

Alain Pons, sem documentos.

— Sabemos que o proprietário não alugou a casa — disse-lhes Destreil.

Poggi sorriu.

— Bem, de fato não fomos nós que a alugamos — disse. — Foi um amigo nosso, o Raymond, que tratou disso, e vai nos trazer a chave. Podem verificar... ele tem um restaurante na praia de St. Laurent du Var.

Os gendarmes não ficaram impressionados. Poggi piscou o olho.

— Vamos fazer esta noite aqui uma pequena festa... só entre nós... entende o que quero dizer?

Não se viam mulheres ali, e os quatro indivíduos não pareceram aos gendarmes manifestamente homossexuais.

— Muito bem — disse Destreil. — Vamos ver esse Raymond.

Poggi hesitou.

— De fato não é bem ele que tem a chave. É outro amigo.

— E onde mora o amigo?

— Perto do estádio.

— Então vamos lá.

Os quatro homens encolheram os ombros e se levantaram. Os gendarmes ouviram o motor de um carro. O veículo parou de repente, deu ré e se afastou. Mas os gendarmes conseguiram identificá-lo como um Renault 5.

Os seis homens partiram. Destreil e Gruau na sua van da polícia, Duche no Mercedes e os outros três no Renault.

O endereço a que se dirigiram foi o de *Madame V.*, que iniciara tudo aquilo porque suspeitara da infidelidade do marido. Ela estava em casa. O filho também, e madame parecia ter estado chorando.

Agora havia oito pessoas na sala de estar.

O gendarme Gurau interrogou *Madame V.*

— A senhora tem a chave da casa de Castagniers?

— Não. Meu marido a levou. Anda me enganando com uma prostituta na casa.

— Não é verdade — interrompeu Poggi. — Ele deu a chave a Raymond, que a passaria para nós.

Foi como que um choque para *Madame V*.

— Mas por quê?

Poggi voltou à velha história.

— Vamos fazer uma pequena festa... compreende?

Destreil já ouvira este número. Decidiu cortar.

Virou-se para o filho de *Madame V*.

— Faça o favor de telefonar a este *Monsieur* Raymond e faça-o vir aqui imediatamente. Diga-lhe que seus amigos querem vê-lo.

O jovem fez o que mandaram, e Raymond chegou quinze minutos depois. Quando soou a campainha, os gendarmes pediram a todos que saíssem da sala para poderem interrogar Raymond sozinho e ver se sua história combinava. Mas não tinham experiência nessas coisas, e Poggi deu a volta e sussurrou umas quantas palavras para Raymond.

Tudo parecia altamente suspeito, mas não era propriamente matéria suscetível de prisão.

Destreil olhou para Gurau e encolheu os ombros.

— Perdemos.

Os gendarmes fingiram interrogar Raymond, mas para sua surpresa a história dele combinava exatamente com a de Poggi. Os gendarmes relataram o incidente a Pierre Dufour, o chefe de bigodes da brigada de Plan du Var, que encolheu os ombros e disse que mantivessem o assunto em aberto. No fim das contas, a única pessoa satisfeita foi *Madame V*., que ficara sabendo que o marido não fora infiel.



Nos dias seguintes os gendarmes levaram a investigação até onde foi possível. Descobriram que nenhum dos carros usados pelos quatro homens era propriedade deles: o Mercedes estava registrado em nome de Alain Benisson, residente na Rua Massenole, 28, Marselha, nascido em 3 de setembro de 1942, e o Renault estava em nome de Louis Belayle, residente

na Avenida Camipelletan, 88, Marselha, nascido a 18 de fevereiro de 1951, em Marselha. Conseguiram seguir a pista do Renault 5 cujo teto tinham avistado por instantes dando ré e se afastando da casa. Uma mulher que morava perto se queixara de que o carro fizera a manobra em cima do seu gramado e ela tinha anotado a placa. Não foi capaz de dar uma descrição do motorista, mas os gendarmes conseguiram estabelecer que o veículo estava registrado em nome de André Fénouil, residente na Rua du Chapitre, 5, Nîmes, nascido em 13 de dezembro de 1931, em Oran, Argélia. Fénouil tinha ficha criminal: tinha sido condenado a doze anos de prisão por assassinato.

Havia apenas seis gendarmes no posto de Plan du Var: o chefe Dufour, Destreil, Gruau, André Diminato, Edmond Sanchez e Patrice Sloma. Todos ficaram intrigados com o mistério da casa de Castagniers. Não havia razão para informar os detetives de Nice, pois não se cometera crime algum, e na realidade não tinham qualquer informação a dar — apenas vagas suspeitas. Além disso, acharam o caso bem emocionante. Não era muito frequente que os homens de camisa azul tivessem oportunidade de provar que sabiam mais que os detetives da cidade com seus ternos sob medida e sua loção pós-barba.

Os gendarmes também tinham seus *indics*. Um, em particular, era dono de uma taberna, e fazia dinheiro por fora recebendo apostas ilegalmente. Diante de um Vichy-Fraises, disse-lhes: “Seus quatro visitantes estiveram aqui. Disseram estar metidos num trabalho. Um trabalho grande.” Era o que já sabiam os gendarmes antes do assalto. Mas é verdadeiramente espantoso que eles tivessem tomado conhecimento de quatro carros, dez nomes e um boato, enquanto a polícia de Nice — os tais que seriam detetives — não tinha nada. É como se um policial de trânsito em Surbiton soubesse de um assalto iminente a um banco no West End, e a Scotland Yard ignorasse totalmente. Mas talvez este ponto tenha sido acentuado demais.



O incidente de Castagniers sobressaltou Spaggiari. A casa era, na verdade, seu quartel-general, onde armazenara a grande quantidade de

equipamento para o assalto. E este pequeno atrito com as forças da lei e da ordem surgiu quase em cima da hora zero. De fato, o assalto fora originalmente planejado exatamente para essa noite, e foi adiado quando Spaggiari soube que Nice ia ter uma visita muito importante no fim de semana.

Às 17h30 de sábado 10 de julho de 1976, o jato presidencial Mystère 20 tocou a pista do aeroporto de Nice e Giscard d'Estaing saiu dele. Era a única área do Sul da França que tinha votado nele: os outros *départements* do Sul foram todos a favor de Mitterrand, que perdeu as eleições. O presidente surgiu do avião de terno cinza, aspecto calmo e tostado de sol. Acenou para a multidão postada no terraço do aeroporto.

Seguiu em cortejo ao longo do Promenade des Anglais, apinhado de adeptos agitando bandeiras tricolores, até o St. Jean Cap-Ferrat para uma parada naval. Depois regressou ao Palácio Massena de Nice, a residência do presidente do município, para uma recepção.

Recebeu flores das mãos de duas meninas em traje nacional, assinou o nome no *livre d'or*, aceitou uma escultura de coral do presidente do município, Jacques Médecin (que seria ministro do Turismo do governo d'Estaing), e apertou a mão de alguns dos seiscentos convidados.

Um dos convidados era um homem bem vestido, de terno e capa nos ombros. De forte constituição, tinha andar de felino. O rosto moreno era muito característico: olhos escuros cintilando de irônica diversão, com alguns fios cinza no cabelo castanho; um nariz francês comprido, queixo forte, sorriso pronto. Parecia à vontade, mas atento. Era o fotógrafo semioficial do presidente do município, Albert Spaggiari, mas não estava tirando fotos. Observava a segurança presidencial com interesse profissional.

Alguns guardas tinham pequenos alfinetes vermelhos na lapela; outros não eram superficialmente identificáveis. Spaggiari olhou duas vezes para uma mulher que usava sua caixa de pó de arroz, e decidiu que era agente. Lá fora, nos telhados, localizou outros. Reforços policiais tinham vindo de Cannes, Toulon e até de Marselha. Nice fervilhava de policiais, a cidade sob segurança máxima. Estavam provavelmente até verificando os esgotos procurando bombas.

Os esgotos é que preocupavam Spaggiari. Seus planos estavam tão perto da materialização... mas ontem tinha havido o incidente de

Castagniers, e hoje talvez estivessem verificando a rede de esgoto. Oh, Deus, e ele que já gastara algum esforço nesses esgotos...



Abrir o túnel desde a rede de esgotos até a parede da caixa-forte do banco levaria a maior parte de maio e junho.

Dia sim, dia não, o Peugeot 504 cinza metálico entrava no estacionamento subterrâneo na Praça Massena por volta da hora da ceia e estacionava a dois metros da porta da sala de escoamento, bloqueando a visibilidade da câmera de circuito fechado. Então, uma van Citroen 2CV parava atrás do Peugeot, escondida da câmera e portanto invisível para o funcionário da garagem no seu escritório.

O Pedreiro e seus ajudantes saíam da van, pegavam seu equipamento, passavam pela sala de escoamento e seguiam para a rua subterrânea. Daí passavam pelos esgotos, curvados — os canos tinham menos de um metro de altura —, na direção do banco.

Dois homens trabalhavam na frente do túnel, um soltando a terra com picareta, outro removendo-a com pá. Um terceiro homem levava-a pelos poucos metros que os separavam do cano sem saída que servia de depósito para o entulho.

O túnel tinha apenas 70 cm de diâmetro no ponto em que dava para a rede de esgotos. Spaggiari insistiu em que a entrada para o túnel tivesse a aparência de ter sido feita pelos operários dos esgotos da cidade, ou pela companhia dos telefones: as paredes de concreto tinham que ser pintadas da cor exata. A ideia era que qualquer pessoa que em seu trabalho legítimo na rede de esgotos passasse de dia pelo túnel de Spaggiari não lhe desse um segundo olhar. Para o fim de semana da visita presidencial a boca do túnel foi bloqueada com tábuas e pintada.

À medida que o túnel avançava, o Pedreiro seguia atrás dos cavadores, pondo pilares para sustentar o teto do túnel e cimentando as paredes. O Pedreiro era profissional, filho de construtor, que verificara que seus serviços atraíam recompensas mais elevadas por parte de criminosos do que da indústria da construção. Foi ele que supervisionou esta fase da operação.

Spaggiari aparecia de tempos em tempos para verificar o andamento dos trabalhos, trazendo sempre garrafas de vinho para a garganta empoeirada dos trabalhadores. Uma vez pediu aos homens para ligarem as furadeiras enquanto passava na calçada acima para saber se seriam ouvidas da rua.

O trabalho de abrir o túnel era debilitante para os dois homens da frente. Uma noite, um deles desmaiou. Houve um momento de pânico: o homem — G., o membro mais jovem do grupo — começou a tremer todo, e depois caiu. Foi transportado para o compartimento de escoamento e levado para casa.

A partir de então Spaggiari impôs aos trabalhadores do túnel um regime rigoroso. Cada grupo trabalhava um dia e descansava dois. Antes de descerem, tinham que se abster de álcool e café, e deviam dormir dez horas. Deu-lhes tranquilizantes, e preparou injeções de estimulante para o coração. Cada par trabalhava dez minutos e descansava outros dez. Finalmente Spaggiari trouxe o exaustor de fumaça para manter fresco o ar do túnel.

Também durante este período instalou e verificou um elaborado sistema de vigilância.

O vigia nº 1 ficava no nível da rua, bem na entrada do estacionamento subterrâneo, sentado num Renault 5. Em caso de perigo, entrava no estacionamento e passava pela sala de escoamento até Marcel. Marcel então corria pela rua subterrânea, entrava na rede de esgoto e fazia soar um apito.

O vigia nº 2 estava na entrada da rua subterrânea ao lado do rio, a cerca de 2 km, montado numa motocicleta. Suas instruções eram seguir pela rua subterrânea, desmontar, entrar na rede de esgoto e apitar.

Assim, em caso de perigo em uma das duas entradas, os homens do túnel teriam oportunidade de escapar pela entrada alternativa.

Para dupla segurança, o Renault 5 e a motocicleta estavam em contato via rádio. (Spaggiari também queria ter contato via rádio com a caixa-forte, mas a massa de concreto tornava isso impossível.)

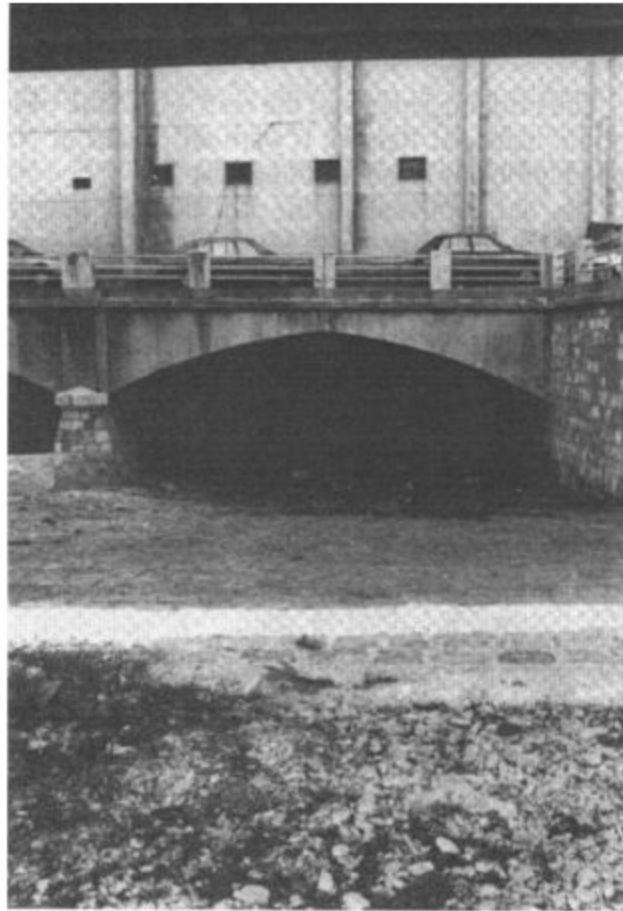
Testaram os apitos e descobriram que os homens do túnel conseguiam ouvi-los a uma distância de 180 m através da rede de esgoto, mesmo com três maçaricos trabalhando a todo vapor. Também cronometraram o tempo que o motociclista levava da entrada ao esgoto. Um minuto e quinze segundos.

Uma noite, na primeira semana de julho, os homens do túnel bateram na parede de concreto da caixa-forte do banco. Abriram uma área de cerca de um metro de comprimento e pousaram as ferramentas. O Pedreiro completou seu trabalho com o cimento e observou a obra. Estava tudo pronto.

A visita do presidente levou ao adiamento, mas ninguém descobriu o túnel de Spaggiari. O incidente de Castagniers fez o grupo passar alguns maus momentos, mas os gendarmes pareciam ter esquecido o assunto.

O dia D foi marcado para sexta-feira, 16 de julho.

O assalto estava em marcha.



A ENTRADA

Capítulo 4

A entrada

QUANDO A REALIDADE ULTRAPASSA A FICÇÃO...

Título do *Nice-Matin*, 21 de julho de 1976

Sexta-feira, 10h30 da noite

O Chinês meteu o pé no freio. O Land Rover parou guinchando. Os quatro homens do banco de trás seguraram os cilindros de gás para impedi-los de tombar. O motorista do ônibus do transporte público, que quase batera no Land Rover, soltou um palavrão em surdina e continuou pela Rua de L'Hotel des Postes. O Chinês limpou a testa com um lenço de xadrez.

— Porra — disse um dos homens.

— Não tive culpa — retorquiu o Chinês. — O idiota do ônibus...

— Continue dirigindo — disse Albert Spaggiari, sentado ao lado do Chinês. — Ninguém está te culpando. Vire à esquerda.

Com fingida indiferença pôs os pés no painel e acendeu um charuto.

O Chinês não gostava do Land Rover, mas Spaggiari insistia em usá-lo. Lembrava-o da guerra da Indochina. O Chinês também não gostava da guerra. De fato, ele não gostava de Spaggiari, que o irritava por bancar pessoa muito importante.

Voltou para a Avenida Pauliani e seguiu-a até a Praça do Quinzième Corps. Na altura da Igreja Nôtre-Dame Auxiliatrice virou para a Avenida Dom Bosco. Um muro alto ladeava a rua. Por atrás dele ficava a cadeia da cidade.

Spaggiari mordeu a ponta de plástico de seu charuto e virou-se para os homens atrás.

— Começamos a partir da prisão. Não é um bom augúrio?

Ninguém riu. Henri, o Soldador, levantou os dedos cruzados. Depois começou a falar do Tour de France, a corrida de bicicletas. Os outros o

acompanharam um pouco ansiosos. Estavam nervosos. Só um louco conseguia ficar calmo.

O jipe chegou à margem do Paillon e parou.

A luz azul e branca da Gendarmerie — um quartel, não um posto de polícia — estava apagada. O salão de exposições da cidade, à distância, estava também na escuridão. O Chinês fez sinais com os faróis do veículo: dois longos, um curto. No leito do rio outra luz respondeu: dois longos, um curto. Tudo livre.

O Chinês desviou para a rampa de acesso, desceu por ali até a areia do leito do rio. O homem com a lanterna caminhou ao lado do Land Rover. Outro homem deslocou a barreira baixa da rua subterrânea, o jipe deu um solavanco ao penetrar pela boca do túnel e parou.

Spaggiari saltou.

— Tudo bem?

— Sim. — O homem que respondeu puxou um walkie-talkie de dentro do casaco e apertou o botão de transmissão. — Aqui é Roseau — disse baixo. — O lance está completo. Terminado.

— Aqui Massena. Mande a mobília.

Spaggiari falou com o homem da lanterna.

— Onde está a moto?

O homem atirou a cabeça para trás.

— Lá. Não fique nervoso.

Spaggiari ergueu as sobrancelhas. O homem notou a reação à luz da lanterna.

— Desculpe — disse rapidamente.

Spaggiari então começou:

— Se acontecer alguma coisa...

— Aviso em um minuto e quinze segundos.

— Depois larga a moto e desaparece pelo estacionamento subterrâneo.

— Certo.

Spaggiari voltou a subir no Land Rover. O Chinês ligou os faróis baixos, fez passar o jipe pelo arco e seguiu pelo túnel. O motociclista e o homem da lanterna tornaram a colocar a barreira baixa.

O Land Rover ganhou velocidade, e o Chinês ligou os faróis altos, que iluminaram os restos de uma obra: sacos vazios de cimento, tijolos, jornais velhos, cochos de pedreiro. Falara-se em transformar esta via numa autoestrada para a circulação do tráfego dos arredores da cidade até o

Promenade des Anglais, mas o projeto nunca saiu da prancheta. As únicas pessoas que usavam a via eram os trabalhadores do departamento de esgoto.

O jipe passou por um arco à esquerda, de onde se podia ouvir o fio de água de verão do rio Paillon. Um pequeno exército de ratazanas pestanejou com as luzes, depois desapareceu atrás de uma pilha de tábuas apodrecidas. O ar cheirava a mofo. Mais à frente, os faróis iluminaram um grupo de homens parado, esperando. O Land Rover reduziu e parou ao lado deles.

O segundo grupo viera da Praça Massena, pelo estacionamento subterrâneo e a sala de escoamento. Transportavam trajes de borracha, botas altas, luvas, ferramentas extras, mais dois barcos de borracha e várias câmaras de ar. Estavam agora na rua subterrânea, junto à entrada da rede de esgoto, e inflavam os barcos de borracha.



Num quarto de hotel próximo, um médico estava instalado numa poltrona. Ia ficar de serviço permanente nas próximas sessenta horas. Não era um verdadeiro médico, embora o tivesse sido até as autoridades descobrirem que fazia abortos ilegais. Desde que perdera a licença encontrara algum trabalho no *milieu*, assistindo feridos a tiro que tinham razões para evitar hospitais, polícia, esse tipo de coisa. Não o mantinha exatamente ocupado, mas servia para pagar o aluguel.

Spaggiari não dissera ao médico precisamente o que ia acontecer nesse fim de semana, mas não era difícil adivinhar. Os problemas médicos que poderia ter que tratar incluíam asfixia, claustrofobia e ferimentos de natureza mecânica. Eles deviam estar escavando um túnel em algum lugar. O médico não queria saber dos detalhes. Na segunda-feira de manhã receberia seu dinheiro, ia para casa e sofreria um ataque de amnésia. Um homem precisa sobreviver.

Hoje em dia os abortos estavam sendo legalizados em metade do mundo, essa era a ironia da vida.



Na Avenida Verdun, perto do banco, mas não demais, estava estacionado um Renault 4 exatamente como os usados pela companhia de eletricidade. Lá dentro havia cinco cilindros de gás e um macaco hidráulico. O macaco era peça essencial do equipamento, mas era muito pesado. Quase tudo que Spaggiari precisava podia ser transportado pelos esgotos nos barcos de borracha e nas câmaras de ar; mas o macaco hidráulico teria afundado os barcos, de modo que tinha que entrar por um poço de inspeção em frente ao banco. Esta seria a parte mais arriscada de toda a operação. Os homens do Renault fumavam nervosamente e esperavam a palavra.

Na rua subterrânea os homens abriram a traseira do Land Rover e baixaram uma rampa de descarga. A atmosfera era tensa: ninguém falava. Deliberadamente, Spaggiari apertou a mão de cada um, sorrindo, dizendo palavras encorajadoras, procurando animá-los. Deu certo.

Descarregaram o jipe e começaram a transferir o equipamento para o cortejo de barcos de borracha e as câmaras de ar. O Pedreiro trouxe também dois colchões de ar, de praia. Os barcos, os colchões e as câmaras foram ligados como uma série de barcaças. Quando terminou o carregamento, os homens entraram na imundície dos esgotos e começaram a jornada através da rede de drenagem até o banco. O Pedreiro era o primeiro da fila.

Caminharam a vau, dobrados — os canos tinham menos de um metro de diâmetro —, por uma distância de 100 m por baixo da Rua Chauvain; viraram à esquerda embaixo da Rua Gioffredo até a Rua St. Michel; e tiveram que vencer outros 200m até o banco. O Chinês praguejava: as botas ficavam presas na lama do fundo.

O cortejo parou na entrada do túnel. O Pedreiro entrou no túnel e desenrolou o tapete de corda, que tornaria mais fácil puxar equipamento pesado pelos 8m escavados até a parede da caixa-forte. Os outros começaram a descarregar o material.

O túnel cheirava a imundície e a acetona. Henri, o Soldador, encostou na parede dois cilindros de gás, ligou o maçarico e baixou a viseira azul dos óculos de soldar. A longa chama cor de laranja fez surgir sombras gigantes nas paredes do túnel. Deu as últimas instruções a Corso, o ajudante.

— Quando baixa a chama, fica mais quente. — Fez a demonstração, e o maçarico começou a ficar azul e a sibilar.

Pegou uma lata de solda e pôs a chama em cima.

— Aponte sempre para o fundo, e solde com curtos toques; de outro modo a substância escapa do metal e não pega.

Ouviu-se um grito nos esgotos.

— Ah, merda!

Era o Chinês.

Alguém riu.

— O que aconteceu?

— Escorregou e ficou com a bota cheia de porcaria.

O riso aliviou a tensão.

O equipamento estava amontoado no túnel e os barcos foram buscar outra carga. Nos noventa minutos seguintes, uma tonelada de material foi transferida da rua subterrânea para o túnel.

O Pedreiro examinou o teto e verificou que algumas estacas na segunda metade do túnel tinham afundado na lama. Voltou ao trabalho para recolocá-las na posição firme. De volta ao estacionamento subterrâneo da Praça Massena alguém ligou o cabo elétrico, e de repente dois projetores inundaram o túnel de luz.

Uma patrulha da polícia atravessou a Praça Massena. No Renault 5, o vigia levou aos lábios seu walkie-talkie.

— Aqui Massena. A gaivota voa baixo.

Na entrada para a rua subterrânea o outro vigia atendeu.

— Recebido.

Chamou o motociclista.

— Tiras perto do parque subterrâneo.

O motociclista montou na moto e ligou o motor.

O carro-patrulha passou pela entrada do parque subterrâneo e continuou para a Avenida Jean Médecin. O vigia do Renault 5 riu, aliviado.

— Tudo limpo — disse no walkie-talkie.

O motociclista desligou a moto.



Sábado, 1h30 da manhã

O Pedreiro e o Corso estavam deitados lado a lado do túnel, furando. Os projetores de 200 W e as ferramentas elétricas tornavam a atmosfera terrivelmente quente, e o suor saía das costas musculosas dos dois homens. O exaustor de fumaça trabalhava a toda vapor.

A parede da caixa-forte, de concreto reforçado, tinha 30 cm de espessura, mas o grupo conseguira na semana anterior chegar à metade dessa espessura. Na primeira noite Spaggiari ficou parado em frente ao banco enquanto o grupo no túnel fazia funcionar quatro martelos de compressão simultaneamente: não ouviu nada.

O Pedreiro e o Corso abriram com furadeira quatorze buracos a intervalos de 1,5 cm. Então recuaram de quatro para deixar entrar o Chinês. Spaggiari passou toalhas e garrafas de água mineral e eles beberam sofregamente.

O Chinês, com martelo e formão bateu na parede entre os buracos para ir desfazendo o concreto. Usava óculos de proteção, mas uma lasca já lhe ferira a face. Contou cinquenta golpes com o martelo grande, depois trinta com o pequeno; então recuou e deixou P. tomar seu lugar. Oitenta pancadas era tudo o que conseguiam dar de cada vez.

Atrás deles um quinto homem com pá ia jogando os detritos em sacos, e um sexto levava-os dali num carrinho de mão.

O Pedreiro esvaziou a garrafa de água e pôs um braço no ombro de Spaggiari.

— O que estamos perdendo hoje à noite na TV?

— *Os Intocáveis* — disse Spaggiari.

Todos riram.

P. completou seus oitenta golpes de martelo e Spaggiari anunciou uma pausa. Apagou os projetores, deixando apenas acesa uma pequena lâmpada de 25 W, para refrescar o ar do túnel. Tirou uma garrafa térmica de uma bolsa e deu café a todos.

A atmosfera estava calma, após um momento de tensão. Os homens contavam com o laser para furar a parede de concreto, mas Spaggiari

anunciara que não era possível: a máquina criava calor, gases e fumaça demais para usar com segurança num espaço confinado, especialmente sem traje especial. Comprara a máquina apenas para manter alto o moral dos homens. Houve quase um motim quando descobriram que enfrentariam outra noite trabalhando com furadeiras, martelos e formões; mas, como Spaggiari calculara, estavam perto demais da meta para se rebelarem agora. O momento passou.

Marcel, o vigia do compartimento de escoamento, chegou.

— Como vai tudo?

— O que você está fazendo aqui? — perguntou Spaggiari.

— Roger ficou no meu lugar.

Roger cumpria pena de três anos de prisão em Marselha, e estava autorizado a sair em licença de fim de semana para visitar a mãe. Em vez de ir em casa decidira ganhar um milhão de francos antes de voltar à cela.

— Como vai tudo? — repetiu Marcel.

— A parede parece um pouco oca agora — respondeu P. — Acho que estamos quase lá. Provavelmente desta vez vamos entrar.



Sábado, 10h30 da manhã

Os formões estavam rombudos e os homens meio mortos, mas a parede continuava firme. Quatro homens estavam deitados no tapete de corda, cansados demais para se mexer: o Pedreiro, Henri, o Soldador, Marcel e Roger. Nos esgotos, outros oito homens, com botas altas de borracha, faziam exercícios para ativar os músculos com câibras: agitavam os braços, esticavam-se, balançavam. A única coisa que não podiam fazer era ficar completamente eretos.

Roger praguejou.

— Ainda estaremos aqui amanhã. Vamos ter que usar o laser.

— Não — disse Spaggiari com firmeza. — Não compreende o que significa uma temperatura de cinco mil graus num espaço como este? Estaríamos todos fritos.

— Podíamos montar a máquina e esperar nos esgotos.

— A fumaça ia nos asfixiar. Aliás, a fumaça ia subir pelos poços de inspeção para a rua. Podíamos até nos entregar à polícia desde já.

Seguiu-se um silêncio significativo. Spaggiari acendeu um charuto.

— Quem quiser desistir só precisa falar.

O Pedreiro assentiu com um gesto cansado, levantou e voltou para a parede. O Chinês foi atrás dele.

Spaggiari escondeu um suspiro de alívio. A crise passara.



Sábado, 4h da tarde

— Santa Mãe de Deus.

O Pedreiro estava prestes a ter um colapso. O formão parecia estar soldado à pele de sua mão. Seus olhos ardiam, sentia-se quente demais e precisava desesperadamente dormir. O cimento desprendia dos vergalhões de aço um pedaço de cada vez.

Descontrolou-se. Aplicou o formão no cimento e lançou o martelo com toda força. O concreto esmigalhou; o formão escorregou para dentro; e a força do golpe agiu tanto no cabo do formão quanto no polegar do homem, caindo ambos para dentro. O Pedreiro gritou de dor e desmaiou.

Ficaram todos em choque.

Num relâmpago, Spaggiari estava ao lado do Pedreiro. Suavemente, puxou a mão do homem de dentro do buraco.

Arrepiou-se todo: o polegar parecia um pedaço de bife cru. Deu-lhe logo uma injeção de novocaína.

Só então olhou a parede.

— O que aconteceu? — perguntou o Chinês.

— Conseguimos! — disse Spaggiari. — Furamos a maldita parede.

Todos começaram a rir e a aplaudir.

Foram necessárias outras cinco horas para fazer o buraco suficientemente largo para um homem passar confortavelmente. O Pedreiro estava fora de ação, ainda tomando drogas para a dor, mas agora ninguém se importava com o trabalho. Quando o resto do cimento foi desfeito e levado dali, o Chinês atacou as varas de aço enterradas na

parede, cortando-as com o maçarico de oxiacetileno e dobrando depois as pontas para desimpedir a passagem.

Quando terminou, fez sinal a Spaggiari.

Albert ajoelhou-se no tapete de corda e espiou dentro do buraco. No outro lado, como esperara, estava a parte de trás de um dos armários blindados que continham as caixas de depósito; pesava 30 toneladas, dissera o guarda. Spaggiari falou com René.

— Vá. Avise Marcel.



Sábado, 9h da noite

René, a quem chamavam de Poeta por seus olhos românticos e cabelos compridos, seguiu apressado para fora, as mãos raspando nos lados do cano.

Chegou à rua subterrânea e correu para o escoamento, onde Marcel esperava.

— O macaco hidráulico — arfou ele.

Marcel entrou no estacionamento subterrâneo, correu até a escada e saiu para a rua — a Rua Félix Faure. Levantou a lanterna, apontou para o outro lado da rua e deu dois sinais de luz rápidos.

O Renault 5 que aguardava replicou com dois curtos sinais dos faróis, depois se afastou e entrou na Avenida Verdun. O Renault 4, que parecia uma van da companhia de eletricidade, esperava ali, luzes apagadas. O Renault 5 deu uma buzinação rápida quando passou pelo carro menor.

O capitão V., o veterano de Vietnã, e G., o argelino, não estavam na van, mas sentados ali perto, no muro baixo que circundava o Parque Albert I. Haviam esperado quase vinte e quatro horas — muito mais do que previram. Viram o Renault 5 desaparecer na Rua Paradis, depois entraram na van.

No banco da frente, enfiaram com dificuldade os macacões azuis e os bonés dos trabalhadores da companhia de eletricidade. O argelino pôs a van em movimento.

Pararam num sinal vermelho do Promenade des Anglais, diante do Meridien. Na calçada havia dois policiais falando com três motociclistas,

examinando suas licenças. O sinal ficou verde.

O argelino seguiu pelo quarteirão, Avenida dos Phocéens, Praça Massena, Rua Gioffredo, Rua St. Michel... a van parou na esquina da Rua Gustave Deloye com a Rua de L'Hôtel des Postes. O argelino desligou o motor e ambos saíram.

Mexiam-se rapidamente, mas tentavam agir naturalmente, como se tivessem todo o direito de estar ali. Do outro lado da rua, os bebedores noturnos na Taverne Alsacienne observaram, despreocupados, de suas mesas na esplanada.

O argelino colocou uma luz azul e um sinal de “Perigo — Homens trabalhando” ao lado do poço de inspeção. O capitão V. tirou uma picareta da parte de trás da van e usou-a para levantar a tampa do poço de inspeção. A tampa estava marcada com o nome do fabricante, Pontamousson. O capitão V. deslizou para dentro do poço.

O argelino levantou o macaco hidráulico da parte de trás da van com considerável esforço. Pesava 50 kg. Com cuidado, desceu-o para o poço de inspeção.

O capitão V. aguentou o peso, depois passou o macaco para os homens que esperavam nos esgotos embaixo.

Saiu do poço e voltou a colocar a tampa.

Os dois homens de macacão azul tiraram a luz azul e o sinal de perigo e voltaram para a van. O argelino ligou o motor e o veículo se afastou.

A van ficou parada ali precisamente vinte e seis segundos.

No esgoto alguém tornou a acender as luzes. O Chinês e o Corso tinham o macaco hidráulico nos ombros. Cautelosamente, com dificuldade, transportaram-no ao longo do cano de drenagem até a entrada do túnel. O Pedreiro os guiava; tinha o polegar ferido envolto em ataduras e o braço suspenso com uma tira de pano.

Pousaram o macaco hidráulico no tapete de corda e o puxaram por todo o túnel até o buraco na parede da caixa-forte.

Roger, o preso com licença de quarenta e oito horas, estava fixando uma escora para o macaco. Escolhera uma trave pesada e a metera reta entre o chão e o teto do túnel.

Spaggiari e P. levantaram o macaco hidráulico, puseram uma cunha na base contra a escora de madeira e manobravam sua cabeça através do buraco da parede. O Chinês começou a acionar o macaco. A cabeça da máquina tocou na parte de trás do armário de aço de 30 toneladas no

interior da caixa-forte, e a máquina ficou em tensão. Gingerly, Spaggiari e P. soltaram. O macaco hidráulico funcionava como uma cunha.

O Chinês continuou a manobrar a máquina. O armário tinha que se mover quase 60 cm. Spaggiari calculou esta distância com precisão: 50 cm. Seria o suficiente para deixar passar os homens, mas não o suficiente para derrubar o armário de frente.

O Chinês começou a transpirar abundantemente. P. mediu a distância que o cofre se movera até então. René segurava uma trave com exatamente 50 cm de comprimento.

— Muito bem... é isso — disse P.

O armário se movera aproximadamente 52 cm. René meteu a trave no espaço ao longo da alavanca do macaco hidráulico, e o Chinês aliviou a máquina.

Com dolorosa lentidão o armário de aço inclinou-se para trás e veio descansar na trave de René. A trave rangeu, fazendo força contra a escora do túnel, mas aguentou.

O Chinês baixou o macaco hidráulico até o chão.

Spaggiari se meteu no buraco e entrou na caixa-forte do banco.



EM OBRAS

Capítulo 5

A saída

PORNÔ E EMPADA NA FESTA DE GANGSTERES MILIONÁRIOS
Título do *Daily Express* de Londres

Domingo 2h da manhã

A lanterna de Spaggiari lançou um facho esmaecido pelo mobiliário da caixa-forte: mesas de aço, cadeiras velhas, armários blindados. Era um mundo morto.

Henri, o Soldador, foi o segundo a passar pelo buraco, arrastando atrás de si seu maçarico e os tubos de gás. Sabia o que tinha a fazer. Rapidamente, sem falar, foi até a porta da caixa-forte. Acendeu o maçarico, depois com cuidado soldou a porta no caixilho. Agora, na hipótese improvável de que os funcionários bancários tivessem uma razão para entrar na caixa-forte no domingo, encontrariam a porta encravada, o que daria muito tempo ao bando para escapar.

O Corso ainda cobriu o caixilho com cimento plástico, vedando as fendas. Fez o mesmo nas grades de ventilação das paredes da caixa-forte. Agora, nem luz, nem fumaça, nem barulho podiam sair para o mundo exterior.

Só então é que Spaggiari acendeu as luzes.

O resto do grupo entrou rapidamente na caixa-forte, trazendo o equipamento, e foi trabalhar com determinação .

O Boxer serviu-se de uma serra de aço para pôr abaixo a grade de ferro que separava a sala de depósitos da sala do tesouro; depois fez o mesmo com o separador que fechava o cofre noturno.

O Chinês e o Corso foram trabalhar nos cofres. Derreteram as dobradiças, depois fizeram um buraco de 15 cm na porta para usar a força de alavanca. Finalmente arrancaram a porta com picaretas e marretas. Dentro do armário, foi uma simples questão de abrir as caixas individuais

de depósito com maçarico e martelo nas linguetas, forçando-as com pé-de-cabra.

A histeria atingiu-os de súbito.

Num momento o grupo trabalhava com eficiência e calma, profissionalmente, com a consciência tensa do perigo, concentrados em retirar o que pudessem nas vinte e quatro horas de que dispunham. No momento seguinte estavam todos explodindo de riso.

Todos eles, até o mais modesto amador, estavam há semanas sonhando com este momento. O esforço de mais de um dia no túnel, tentando penetrar na parede da caixa-forte, esticara seus nervos como a pele de um pandeiro. Agora, de repente, sentiram que tinham conseguido: estavam na caverna de Ali Babá, protegidos do mundo por uma porta de aço soldada, servindo-se de riquezas nunca sonhadas — pilhas de barras de ouro, sacos cheios de notas de banco, montes de joias de preço incalculável.

Perderam a cabeça.

Riram às gargalhadas, bateram nas costas uns dos outros e se abraçaram. O Poeta ficou todo trêmulo. O Chinês agarrou um punhado de títulos do governo e jogou-os para o ar, gritando: — Confete!

Os outros seguiram o exemplo. Certificados de ações, títulos da dívida, contratos, testamentos, notas de banco, títulos negociáveis, tudo voou pelos ares. Era como um filme mudo.

Só Spaggiari e o Pedreiro se mantinham alheios a tudo. O Pedreiro, que continuava com dor no dedo esmagado, resmungava:

— Esses papéis valem dinheiro. Alguns são títulos ao portador... qualquer pessoa pode fazer dinheiro com eles. Não há perigo nenhum.

— Ei, esquece isso, sim? — replicou Spaggiari. — Teremos mais do que podemos transportar em dinheiro, ouro e pedras.

— Não vejo por que jogar dinheiro fora.

— Decidimos tudo isso antes — disse Spaggiari com firmeza. — Só levamos ouro, dinheiro, pedras preciosas e joias. Agora, simplesmente, esqueça.

Decidiu que a histeria fora longe de mais. Andou pela caixa-forte, falando com cada um em voz baixa, acalmando-os. Quando o lugar voltou a ficar sossegado, dirigiu-se a todos.

— Muito bem, vamos fazer uma pausa para jantar.

A ideia foi acolhida com aclamação geral. Havia passado quase trinta e seis horas sem outra coisa que uma ocasional barra de chocolate e

goles de água mineral. Agora, Spaggiari, como o mágico que tira coelhos da cartola, apresentou empadas, salame, salsichas com alho, sopas desidratadas, queijo, uvas e laranjas.

O Pedreiro pôs uma caçarola com água mineral para ferver no fogão portátil.

— Quem quer sopa de ervilha com toucinho?

— Na próxima — disse alguém — tem que trazer um forno para nos fazer um bolo.

O Chinês encontrou uma pizza embrulhada em celofane.

— Comida ruim — escarneceu. Depois descobriu empadas de fígado de ganso e agarrou-as todo contente.

Henri, o Soldador, montou um piquenique na mesa de aço. A toalha era feita dos papéis das caixas de depósito. No cardápio, peixe, cebolas cruas, empadas, iogurte e torradas.

Spaggiari pegou numa salva de ouro com o brasão de uma família nobre e passou-a ao Pedreiro.

— Dê-me um pouco dessa sopa, por favor.

O Poeta abriu o vinho, um Margnat Village, e encheu uma taça de prata para Henri, o Soldador.

— Podíamos beber melhor que isso — comentou Henri.

— Talvez *monsieur* tivesse preferido o Mouton Rothschild 47, ou talvez o Gevrey Chambertin 59? — replicou o Poeta. — Não acha, *monsieur*, que já tivemos que arrastar muita porcaria por esses malditos esgotos?

O Corso estava sentado num cilindro de gás vendo fotos que encontrara numa caixa de depósito e bebericava um copo de vinho.

— Já vi melhor — comentou, e passou-as aos outros.

Era pornografia de amador, mostrando pessoas nuas, principalmente de meia-idade, em várias contorções sexuais. Algumas caras eram reconhecíveis. Todos pareciam muito ridículos.

— Gente da alta — observou alguém com espanto. — Devíamos expô-las. — E colou algumas fotos na parede.

Spaggiari chamou o Pedreiro, que se transformara em cozinheiro, já que não podia ajudar no trabalho pesado.

— Ei, garçom, que tal um café?

— É pra já, senhor.

Spaggiari distribuiu charutos e cigarros. De repente alguém pediu silêncio.

— Psiu! Pel amor de Deus, ouçam!

A sala caiu num silêncio mortal.

Todos ouviram, muito claramente, um ruído leve, mas distinto, que vinha do cofre noturno.

Spaggiari atravessou a caixa-forte na ponta dos pés e entrou na pequena sala triangular de onde vinha o ruído.



O Rolls-Royce branco parou na Rua de L'Hotel des Postes e três homens desceram. Um era o homem do saco e os outros dois seus guarda-costas. Os três eram jovens, enormes, atléticos e armados. Olharam nervosamente a rua iluminada pelo luar, como alguém olha em volta nervosamente quando precisa depositar cento e setenta e cinco mil dólares, não importa se é jovem, enorme, atlético e armado.

A receita de uma longa noite de sábado no cassino encontrava-se no saco. A habitual multidão de jogadores de Nice estivera lá, mais os turistas ingleses, alemães, americanos e árabes. Especialmente árabes.

Os três homens do Rolls não sabiam exatamente quanto havia no saco, pois outra pessoa contara o dinheiro, preencheria os impressos e selara as caixas; mas sabiam que era uma boa soma de dinheiro, pela qual valia a pena matar.

Atravessaram a calçada até a parede do banco. Os dois guarda-costas olharam rua acima e rua abaixo enquanto o outro homem abria a pala de aço da parede, girava a chave na pequena porta e deixava cair o saco no cofre.

Os três homens ficaram mais calmos. O dinheiro estava em segurança. Entraram no carro e se afastaram.



O saco desceu cano abaixo e foi parar nos braços de Spaggiari.

Ele deu um pequeno toque na testa em gesto subserviente.

— Muito obrigado, senhor. Durma bem.

Os outros acharam a coisa hilariante.

Spaggiari arrebentou o saco e passou os olhos pelo dinheiro.

— Cerca de um milhão de francos — disse como por acaso. — Deve ser a receita do cassino.

Apagou o charuto e voltou ao trabalho nas caixas de depósito. Os outros o imitaram. O tempo corria.

Mais uma vez Spaggiari impôs um sistema de turnos, forçando seus homens a pausas regulares para descanso e restauração de energias. O Chinês queria continuar a trabalhar, mas Albert não queria ouvir falar nisso.

— Estamos pisando nos pés uns dos outros.

O ar na casa-forte ficou desagradável, apesar do exaustor, e Spaggiari teve que se esforçar para manter o moral elevado.

Em determinado momento apareceu Roger, vindo do túnel.

— A água está subindo lá fora. Deve ser uma tempestade.

— Estamos em segurança — disse-lhe o Pedreiro. — Há drenos de tempestade. De resto, o vigia avisa se subir demais.

Roger decidiu comer alguma coisa.

— Empada de fígado de ganso, nada senão empada de fígado de ganso — parodiou. — Que tipo de comida é esta para dar a um preso?



Domingo, 10 horas da noite

O joalheiro entrou pelo estacionamento subterrâneo, Marcel conduziu-o pela rede de esgoto até a caixa-forte. Enojado, sacudiu a sujeira das

botas. Era um homem esquisito, com gestos afeminados.

Marcel mostrou-lhe as joias. Sua expressão de desagrado transformou-se em cobiça, quase luxúria, quando começou a examinar as pedras. Pôs a lupa no olho. Diamantes, rubis, safiras, esmeraldas, ouro e prata: nunca vira tanta riqueza na vida. Pôs de lado algumas peças, mal mereciam o trabalho de receptação. As melhores guardou em sacos de veludo preto, e os saquinhos desapareciam num saco azul maior. De vez em quando bebia um gole de água mineral. Ia avaliando a presa à medida que prosseguia.

— Quinhentos mil francos... e cinquenta são quinhentos e cinquenta mil... e oito mil são seiscentos e trinta mil francos... e vinte...

Descobriram uma maneira mais rápida de chegar às caixas de depósito. Alguns armários eram duplos, com uma porta na frente e outra atrás. Em vez de abrir tanto a porta da frente quanto a de trás, perceberam que podiam tirar todas as caixas da frente do cofre, depois penetrar a fina divisória e atingir a traseira da outra série de caixas, poupando o esforço de arrebentar o outro lado.

Spaggiari indicou quatro homens — o Poeta, o Capitão V., Roger, o Prisoneiro, e Boxer — para escolherem o resto da presa. Embrulharam com cuidado os lingotes de ouro, servindo-se do papel em que as ferramentas estavam embrulhadas. O dinheiro e as joias foram para sacos de plástico preto que Spaggiari trouxera.

— Temos que deixar aqui todas as ferramentas? — perguntou Roger.

— Para que precisamos mais delas? — retorquiu o Chinês. — Para vender na feira?



Segunda, 5h da manhã

— Pronto — fez Spaggiari. — Hora de ir embora.

O Pedreiro fechou o gás dos maçaricos. Henri, o Soldador, afastou os óculos para a testa. Tinha a cara cheia de fuligem, suor e poeira, e os olhos orlados de vermelho.

— Já? — quis saber Henri. Olhou o relógio. — Cristo, é de manhã.

Haviam arrombado menos de quatrocentas das quatro mil caixas de depósito. De certo modo era frustrante ter que deixar tanta riqueza intacta.

Mas quando pensavam no que já tinham, pouco parecia importar o que deixavam lá.

Spaggiari organizava a partida. A presa foi transportada pelo túnel e posta nos barcos de borracha. O Poeta sugeriu que retirassem a trave que mantivera o cofre inclinado no fim de semana todo.

— Assim vão levar mais tempo para descobrir como entramos.

Spaggiari não estava interessado: queria apenas sair dali rapidamente, já.

O Pedreiro foi o último a sair da caixa-forte. Apagou a luz.

O comboio de barcos, colchões e câmaras de ar, agora carregados de ouro, dinheiro e joias, foi rebocado através da rede de esgotos até a rua subterrânea. Ali transferiram a presa para o Land Rover. Largaram luvas, óculos e ferramentas diversas pelo caminho.

Iam tirando o macacão impermeável e desaparecendo dois a dois ou individualmente através do estacionamento subterrâneo.

Henri, o Soldador, o Corso e Spaggiari entraram no Land Rover. O Chinês ligou o motor e olhou para trás. O Pedreiro, que estava ainda tirando as roupas, fez um sinal com o polegar machucado. O jipe se afastou.

O Chinês apagou os faróis quando viu a luz do dia no fundo da rua subterrânea. O motociclista, ainda de vigia, deu sinal de caminho livre. Henri e o Corso saltaram do veículo e retiraram a barreira.

O Chinês levou o jipe para a luz do dia.

O motociclista montou na moto e se afastou. Henri e o Corso voltaram a colocar a barreira na rua subterrânea e tornaram a subir para o Land Rover.

O Chinês dirigiu através do leito arenoso do rio e depois pela rampa de acesso à rua. O Land Rover passou pelo salão de exposições e desapareceu na direção de Laudimères.

A cidade agora acordava. Em frente do banco, o homem da limpeza varria calçada da Rua Gustave Deloye. Os cafés levantavam as persianas. O sol surgia no céu por cima da baía dos Anjos.

Ia ser um dia bem quente.

Capítulo 6

Começa a investigação

SAIA DE FÉRIAS SEM MEDO: ALUGUE UM COFRE NA SOCIÉTÉ GÉNÉRALE

Anúncio

É este o pesadelo do banqueiro: parado, sozinho no banco deserto, atrás de portas trancadas a chave; enquanto lá fora, na calçada, enorme multidão de irritados depositantes pragueja aos gritos e exige seu dinheiro.

O pesadelo do assalto tornara-se público na tarde anterior, quando um detetive conversou com um repórter do *Nice-Matin*. Às 17h30, Guy Salignon, locutor de noticiário da rádio Europa-1, emitira boletim especial. Pelas 17h45 a notícia estava na Rádio Monte Carlo, e, minutos depois, metade dos jornais do mundo entrava em contato telefônico com Nice.

A multidão começou a se juntar na porta do banco por volta das 21h. Algumas pessoas ficaram lá a noite toda. Pelas 8h30 da manhã estavam prestes a se amotinar. Uma mulher desmaiou. Outra sentou no meio-fio chorando em silêncio. Falava-se em linchar Guenet. Um jovem bem vestido, trepado no portão de ferro, gritava como louco. Acalmou-se para dar uma explicação aos repórteres.

— Meu pai tem lá dentro uma caixa de depósito com as economias de sua vida. Tem 80 anos. Se eu não puder tranquilizá-lo... se não puder dizer que seu dinheiro está em segurança... isso vai matá-lo.

Um cliente histérico gritava para a polícia que tentava controlar a multidão:

— Vocês nos tratam como se fôssemos os ladrões.

Quando os funcionários do banco chegaram, a multidão cuspiu neles. As tentativas da polícia para dispersar as pessoas não eram muito persuasivas, pois elas simplesmente se sentavam na calçada. O jovem bem vestido levou seu carro para uma vaga proibida e se recusou a sair de lá.

Um cliente trouxe um *luissier de justice* — um funcionário combinando as atribuições de oficial de justiça inglês com as de tabelião americano. Queria ver sua caixa, exigia vê-la, e quase chegou a vias de fato com um funcionário do banco. Finalmente se virou para o *luissier*:

— Faça o favor de testemunhar que eles me impedem de ver minha caixa e recusam cooperação.

Em vão os funcionários do banco explicavam que a caixa-forte tinha que ser arrumada e que a polícia dera instruções rígidas para que ninguém entrasse.

— Vá dizer isso a minha faxineira — gritou alguém.

Por fim, Guenet emitiu um comunicado. Apenas uma pequena parte das caixas de depósito fora aberta, dizia. Mas não informava os números. Em vez disso, indicou as áreas numéricas aproximadas em que as caixas foram roubadas. Pedia aos clientes com caixas nessas áreas para apresentarem um inventário do conteúdo da caixa, e assegurava que satisfariam todas as reclamações. Os inventários seriam apresentados à polícia.

Este plano enfureceu os clientes ainda mais, mas do ponto de vista do banco era a única via possível de ação. Desta maneira ninguém podia ter certeza de que sua caixa fora roubada, e portanto ninguém seria tentado a apresentar um inventário desonesto e a reclamar uma compensação acima do que perdera. Não obstante, os clientes consideravam que o banco os tratava como ladrões. Muitos simplesmente se ressentiram por lhes pedirem um inventário.

— Aluguei uma caixa para segurança e privacidade — dizia um. — Prometeram-me isso quando a aluguei. Não deixaram só de me dar segurança... também exigem que meus assuntos pessoais sejam expostos a qualquer policial indiscreto de Nice.

Alguns clientes ficaram satisfeitos com o comunicado.

— Sei o que estava no meu cofre e posso provar. Não tenho nada a esconder. O banco está no seguro, e serei reembolsado. Todos serão. Não há motivo para preocupação.

— A caixa-forte é como a linha Maginot — dizia outro cliente. — Foi invadida pelo outro lado. Tiro o chapéu aos assaltantes, se ao menos as obras das estradas se fizessem com tanta facilidade...

Outro cliente conseguiu chegar a Guenet.

— Não lhe direi nada. Fiz meu dever.

O cliente repetiu aos repórteres esta desajeitada observação.

A inabilidade em relações públicas do banco piorava ainda mais com as cinco mil folders de propaganda que o banco distribuía pouco tempo antes do assalto. Embaixo da foto de um apartamento roubado lia-se: “Saia de férias sem medo — alugue um cofre na Société Générale.”

Haveria mais demora. A polícia receberia as reclamações na Avenida Foch, 1, a partir de 28 de julho. Os clientes deveriam se apresentar com documentos de identificação e seu inventário.

Sete trezentas e dezessete vítimas declinaram da reclamação. Um homem fez uma reclamação falsa e lhe pagaram duzentos mil francos por joias perdidas; mas devolveu o dinheiro ao descobrir que a mulher retirara as joias da caixa ao fugir com outro homem.

Juntando o insulto    injúria, o banco comparava o valor de cada inventário ao estado da conta bancária do cliente, e investigou casos em que o cliente parecia pobre demais para ter tanta riqueza numa caixa de depósito. Por fim o banco começou a pagar: cinco clientes por dia. Antes de receber sua indenização, cada um tinha que assinar um documento em que se comprometia a devolver o dinheiro no caso de serem recuperados e devolvidos seus haveres.

Os diretores do banco emitiram outro comunicado, pedindo desculpas pelo roubo. Os clientes o receberam com um misto de desprezo e riso hist  rico.

A Société Générale perdeu muitos clientes.

Os clientes cujos cofres foram arrombados foram também identificar os valores que os assaltantes haviam deixado espalhados pelo chão da caixa-forte.

No dia 23 de julho, a central de Paris do banco se envolveu no caso para salvar sua reputação antes que fosse tarde demais. O diretor-geral, *Monsieur Laure*, anunciou recompensa de um milhão de francos por informações que conduzissem    condenação dos ladrões. Tinha esperança de que isso motivaria a investigação da polícia.



A investigação precisava realmente de um incentivo.

Havia muito poucas pistas — ou talvez fosse mais exato dizer que havia centenas de pistas, mas nenhuma delas levava a parte alguma.

A maioria do equipamento abandonado constava de ferramentas comuns que podiam ter sido compradas em qualquer loja da França, uma entre mil. As chaves de fenda tinham a marca Kilt — o nome de fábrica da cadeia de armazéns das Nouvelles Galeries, que vendia milhares dessas chaves. Os cilindros de gás para os maçaricos de oxiacetileno eram numerados, e assim podiam ser seguidos até o fabricante; mas tinham sido roubados de uma obra em Vitrolles, perto de Marselha. Algumas picaretas tinham cabeça de tungstênio, o que as tornava ligeiramente incomuns. Os detetives deram uma volta pelas lojas do ramo.

— Uma marca excelente — diziam os proprietários. — As melhores do mercado. Vendemos dúzias delas. Não posso me lembrar de todos os clientes.

Os sacos de lona vinham de um centro comercial de Milão que vendia centenas deles. E assim por diante.

Os homens das impressões digitais espalharam pó na caixa-forte toda e em todas as peças do equipamento. Evidentemente que havia centenas de impressões digitais em todos os cofres e caixas. Mas ferramentas, maçaricos, cilindros de gás, material de borracha inflamável e até garrafas de vinho não havia uma única impressão digital. Todos os assaltantes tinham usado luvas todo o tempo.

As garrafas de água mineral em que os assaltantes tinham urinado foram enviadas para análise química. Mas o bando pensara nisso também, e o laboratório informou que nada se podia descobrir a partir da urina porque mais de uma pessoa urinara em cada garrafa.

Por breves instantes emergiram esperanças quando uma pessoa entrou na central de polícia na Avenida Foch, 1, e anunciou que tinha visto o bando.

— Estava numa mesa na calçada da Taverne Alsacienne, no sábado à noite. Um Renault 4 estacionou em frente ao banco e dois homens levantaram a tampa do poço de inspeção. Não prestei atenção... achei simplesmente que eram operários fazendo reparos urgentes.

— Pode descrevê-los?

— Usavam macacão azul. Foi tudo o que vi.

A princípio os detetives pensaram que talvez encontrassem um lojista que se lembrasse de vender cerca de 300 m de cabo elétrico a um cliente;

então descobriram que o cabo era constituído de diversos pedaços de 45 m ligados.

A polícia ficou reduzida às informações de proxenetas, prostitutas e traficantes nos cafés e bares da cidade velha. Mas aí surgiram novas dificuldades pelo excesso de informações: todos se gabavam de que ajudaram no assalto do século, e todas essas gabolices chegavam aos ouvidos dos detetives. Nenhuma informação era de confiança, e havia nomes demais para verificar. Era outro tipo de beco sem saída.

O público celebrava o êxito do assalto, e o cérebro misterioso atrás dele tornou-se uma espécie de herói nacional. (Algo semelhante aconteceu no caso britânico do Assalto ao Trem Pagador; embora esse caso a imagem dos gangsteres fosse turvada pela subsequente morte de um homem da ferrovia ferido no assalto. Mas os Ratos de Esgoto não feriram ninguém.)

A polícia deixou escapar uma história de que o cérebro talvez fosse italiano. Atiravam às cegas, e todo mundo sabia disso.

De fato usaram o computador, num esforço para identificar o cérebro. Dados os detalhes básicos do trabalho, o computador apresentou uma lista de criminosos conhecidos que podiam, na época, ter podido organizar o assalto. A polícia verificou cada um deles. Alguns estavam na prisão, outros fora do país, todos tinham álibis excelentes e críveis.



Sete dias depois do assalto, a Société Générale recebia um telefonema anônimo. A pessoa daria à polícia uma lista completa dos participantes com a condição de o banco dobrar a recompensa.

O banco hesitou. Um milhão de francos na entrega da lista, um milhão depois de recuperado o dinheiro roubado — sugeriu. As negociações prosseguiram por algum tempo, mas finalmente foram interrompidas. Entretanto, a pessoa do telefonema dera uma lista de iniciais, como sinal de boa fé.

Na cabeça da lista estavam as iniciais A. S.



Na manhã de 20 de julho, Patrick Gruau comprou seu *Nice-Matin*, como habitualmente, na loja em frente à Gendarmerie. O título da primeira página dizia:

EXTRAORDINÁRIO ASSALTO AO BANCO DE NICE.

Entrou apressado no escritório e estendeu o jornal.

— Roubaram o Société Générale em Nice!

O chefe Pierre Dufour levantou os olhos da máquina de escrever.

— Roubaram? Como? Assalto    mão armada?

— Não, não: assalto noturno. Veja, leia aqui.

Gruau estendeu o jornal na mesa do chefe. Os outros gendarmes leram por cima dos ombros de Dufour. Tiveram todos a mesma ideia: era este o “grande trabalho” em que se dizia que os quatro estranhos de Castagniers estavam envolvidos.

Dufour leu a história do jornal diversas vezes, digerindo cada detalhe.

— Não, não    possível — disse finalmente.

— Não    possível — ecoou Gruau.

— Pareciam muito preocupados, porém — comentou Claude Destreil.

Dufour afastou a máquina de escrever, levantou-se, estendeu o corpo pequeno e bronzeado e pegou o boné.

— Vou à casa — disse. — Destreil, verifique as fichas desses nomes. Gruau, venha comigo na van. Sloma e Sanchez, se não estivermos de volta pelo meio-dia, tratem do tráfego nos cruzamentos do Vesubie. Vamos.

O carro azul seguiu pela Estrada Nacional 202, ao longo da margem do rio Var. Era Gruau quem guiava. Ambos acarinhavam a perspectiva encantadora de pegar os assaltantes do banco que tinham iludido a Police Judiciaire. Os gendarmes sempre se sentem maltratados. Recolhem informa  es meticulosamente, não deixando nada ao acaso; ordenam, analisam e arquivam; depois apresentam todas aos detetives, que recolhem

os louros. São os detetives que ganham as medalhas, dão entrevistas na televisão e conhecem pessoas famosas. Os gendarmes fazem o trabalho mais desagradável e enfadonho, sempre à disposição da polícia da cidade, ganhando menos dinheiro — sentem eles — por mais trabalho. Sua força reside no conhecimento íntimo de sua área e no fato de que estão preparados para verificar essas coisas insignificantes, como uma casa desocupada cujas persianas estão inexplicavelmente abertas. A suspeita de Dufour crescera desde o incidente na casa. Conhecía o proprietário, e quanto mais pensava nisso menos provável lhe parecia que esse homem deixasse alguém usá-la para uma festa de sexo. Outra coisa: o homem sem documentos disse que seu nome era Alain Pons, mas o setor de registro informara que não havia ninguém na França com esse nome.

Os gendarmes tinham mantido a casa debaixo de olho nos últimos dias, mas nada viram de anormal.

A van azul entrou no desvio. Havia sinais de um grande veículo na frente da garagem, mas não eram recentes. Os dois homens olharam em volta, espreitando pelas janelas.

— Olá!

Viraram-se e viram um homem de idade com uma sacola na mão se aproximando deles. Tinha o boné puxado sobre os olhos para se proteger do sol. Era Félix Maurel, e morava na casa ao lado. Era um bom vizinho, um tanto curioso, e esperava que não houvesse nada de errado...

— Nada de especial — disse Dufour, parco em palavras como os policiais em toda parte. — Mas diga-me, sabe alguma coisa sobre as pessoas que estiveram aqui há oito dias?

— Realmente não — devolveu o homem com um encolher de ombros. — Suponho que eram amigos do dono. Eram uns cinco ou seis, creio, mas não tenho certeza. Durante um tempo iam e vinham a todas as horas do dia e da noite, mas há algum tempo que não vejo nenhum deles.

Monsieur Maurel voltou para seus tomateiros e os gendarmes se foram.

Dirigiram-se ao café onde devia estar seu amigo das apostas ilegais. Estava debruçado no balcão, verificando os palpites das corridas no jornal. Quando os gendarmes entraram se afastou para a entrada.

Dufour e Gruau cumprimentaram com um gesto de cabeça alguns clientes da casa. O entregador de cerveja se aproximou com uma grade.

— Ei, chefe, está seguindo alguma pista?

— Segredo profissional — replicou Dufour com um sorriso.

Conversaram um pouco com o proprietário, ouvindo-o reclamar do baixo lucro, e inventaram uma história de carro roubado para justificar sua presença no café.

Ao sair passaram pelo informante que estava na esplanada. Sentado sob um guarda-sol, fazia de conta que seu interesse era a corrida do dia. Os dois gendarmes pararam um pouco perto da mesa dele para arrumar os bonés.

— Aquele golpe que mencionei — disse sem olhar para eles — é o de Nice.

Os gendarmes voltaram ao carro.



Ao meio-dia de terça-feira, os detetives de Nice aguardavam a chegada de Paris do *contrôleur general* Gevaudan, que supervisionaria a investigação.

Na Escócia, o comissário de divisão Albert Mouray, 45 anos, chefe da polícia de Nice, encurtava as férias de pescaria e fazia as malas para pegar o primeiro avião de volta.

Em Londres, um repórter do *Daily Express* falava ao telefone com o *Nice-Matin*, tentando estabelecer se o roubo era maior que o do Assalto ao Trem Pagador.

Era.

Em Marselha, o general Mathieu, chefe do esquadrão de crimes graves, fazia as malas para Nice.

Na mesma cidade, o chefe da quadrilha de Marselha perguntava a si mesmo se não julgara mal Albert Spaggiari.

O próprio Spaggiari e seu grupo bebiam champanhe e contavam as barras de ouro, confiantes no triunfo.

Dufour e Gruau, os policiais da província que finalmente causariam a queda de Spaggiari, estavam sentados numa van azul, encharcados de suor, num engarrafamento de trânsito.

Capítulo 7

Aparecem as pistas

Era uma criança tão boazinha...

A mãe de Spaggiari

Ia ser uma investigação bem longa.

Albert Mouray não se importava com isso. O chefe da polícia de Nice não se sentia infeliz com a perspectiva de semanas de investigações, quantidades enormes de informações, a dolorosa perseguição das pequenas pistas. Era mais um competente administrador do que detetive brilhante. Tinha a tendência a seguir o manual e os que desejavam ser cruéis diziam que era típico dele estar de férias enquanto o assalto do século acontecia na cidade.

Seu substituto, Claude Besson, era um detetive brilhante. O perito financeiro também ficava contente com uma longa investigação. Ganhara a reputação que tinha com casos assim, e não lhe eram estranhos os processos de compilação, exame minucioso e comparação de informações.

Tinham muita ajuda.

O trabalho de sapa, a parte difícil e prática da investigação, estava a cargo de dois homens mais jovens, ambos policiais altamente especializados, mas de caráter diferente.

O comissário Eduard Taligault era vivo, inteligente, mas frívolo. Passava muito tempo na elegante praia de Ruhl Plage alimentando o bronzeado. Era de classe média muito acima da média, maneiras um tanto superiores, esportista e intelectual.

O comissário Jacques Tholance era o contraste completo. Quando apareceu na TV francesa a série policial americana *Columbo*, os colegas riam e diziam: “*Voilà Jacques!*” Pequeno, magro e mal-ajambrado, usava uma capa puída. Passava o serão nos bares *louche* (suspeitos) da cidade velha, colhendo informações em fragmentos. Tinha raro encanto, especialmente entre as mulheres, e era bem popular na imprensa, com

quem mantinha excelentes relações de cooperação. Também era muito respeitado pelo submundo.

O primeiro alvo deles foi Monsieur V., o proprietário da companhia de caminhões de transporte cuja esposa era ciumenta. Os gendarmes haviam passado suas informações aos detetives, e elas eram a melhor pista que tinham. *Monsieur V.* parecia ser a peça central do mistério da casa de Castagniers.

A casa era um quartel-general muito plausível para um bando. Ficava no campo, mas muito perto da cidade de Nice, do aeroporto e da estrada principal para Lyon. Era fácil de alcançar por várias estradas diferentes, importantes e não importantes, de tal modo que as frequentes idas e vindas não seriam relativamente notadas.

As informações dos contatos do submundo de Jacques Tholance também apontavam para Monsieur V. Ele não proporcionou simplesmente o uso de uma casa, diziam — estava profundamente envolvido no assalto. Não precisava do dinheiro, mas o fez por diversão. Era um aventureiro. Esteve no túnel cavando... feriu a mão...

Contudo, havia dezenas de informações semelhantes sobre outras pessoas. O assalto fora realizado por militantes de esquerda, pelo terrorista Carlos, pelas Brigadas Vermelhas, por militantes de direita...

Por outro lado, vinha gente aos montes dar informações de comportamento suspeito de outras pessoas. Geralmente os informantes eram pessoas de idade e os suspeitos de comportamento irregular eram jovens de cabelo comprido. Os aposentados que moravam em Nice culpavam de muitas coisas os hippies, os jovens de jeans que dormiam ao ar livre; mas o único crime sério dos hippies era vender marijuana aos pretensiosos da classe média da cidade.

Assim, às 10 da manhã de 27 de julho, oito dias depois do assalto, o juiz Richard Bouazis passava um mandado de busca para a casa de Castagniers.



Eduard Taligault estava no escritório do Promenade Corniglion Molinier para receber o mandado. Seguiu diretamente para a casa no seu

Peugeot 204 preto. Aguardavam-no os gendarmes de Plan du Var, os técnicos forenses e os homens das impressões digitais de Nice, e *Monsieur V.*, que ainda era detentor da chave.

Uma casa imunda. Os estofados eram sujos e o piso de pedra italiana, coberto de marcas negras de sapatos. Os cinzeiros estavam cheios de cinza e guimbas de cigarro e charuto. A atmosfera era fétida. Taligault notou que nenhuma guimba tinha marca de batom, então disse ao grupo forense que mandasse analisar o tabaco.

Na cozinha encontrou uma garrafa quase vazia de vinho Margnat Village. Uma caixa inteira do mesmo vinho estava na garagem, onde também encontraram um pesado aquecedor industrial do tipo usado para secar salas úmidas ou inundadas. Sua base de borracha estava coberta de lama seca.

Monsieur V. ia passando em revista as fechaduras de janelas e portas.

Um detetive brincou:

— Está com medo de ter sido arrombada?

Ninguém riu.

Na volta, alguém comentou:

— Bem, se lá havia mulheres, sabemos com certeza que ou não fumavam ou não usavam batom. Já é uma pista.

Estava sendo pessimista demais.

O vinho era da mesma marca do que tinha sido encontrado na caixa-forte roubada.

As pontas de charuto eram de tabaco Havana, provavelmente da marca Don Miguel; de novo a mesma marca encontrada na caixa-forte.

E — argumento decisivo — a lama da base do aquecedor industrial viera dos esgotos de Nice.

Taligault encontrara o quartel-general do bando.



O interrogatório de *Monsieur V.* foi breve e inútil.

— Quem lhe pediu a chave emprestada?

— Dominique Poggi.

— Para que a queria?

— Ia dar uma festa.
— Acreditou nisso?
— Por que não acreditaria?
— Por que não contou ao proprietário?
— Nenhuma razão especial. Tomo conta da casa, e em troca ele me deixa usá-la. Não tenho que pedir licença todas as vezes.
— Mas não era você que a estava usando... deu a chave a outra pessoa.
Encolheu os ombros.
— O que aconteceu com sua mão?
— Um acidente de equitação.
— Quem tratou disso?
— Fui a uma clínica em Marselha.
— Por que tão longe? Era segredo?
— Fui andar a cavalo no Camargue. Trataram da minha mão na volta.
— Não suspeitou de um grupo de homens que fazia uma festa sem mulheres?
Encolheu os ombros.
— Empresta normalmente a casa a pessoas que não conhece?
— Pareciam honestos.
— Considera-se ingênuo?
— Suponho que sim.



A maneira de lidar com este caso, decidiu o chefe de polícia Albert Mouray, era espalhar uma rede bem larga.

Ia identificar um grande número de suspeitos, incluindo aqueles contra quem praticamente não houvesse provas; depois pegaria todos ao mesmo tempo e faria a escolha mais tarde.

Seu ponto de partida foi a informação dos gendarmes. Havia doze nomes: Dominique Poggi, Daniel Michelucci, Christian Duche, “Alain Pons” (nome falso), Monsieur e Madame V. e o filho, Raymond, o proprietário do café, o vendedor de instrumentos musicais que possuía o Peugeot cinza metálico e os donos do Mercedes, do Renault 17 e do Renault 5, que dera ré no gramado do vizinho.

Todos foram localizados e seguidos dia e noite. Faziam-se relatórios das pessoas que encontravam, e algumas delas — em especial as estreitamente ligadas ou com ficha criminal — eram também seguidas. A lista de nomes crescia...



Lea calçava botas de salto, vestia short apertado e blusa que mal cobria seus amplos seios. Muito maquiada, o hálito era todo uísque. Andava para cima e para baixo num pequeno trecho do Promenade des Anglais, a bolsinha sacolejando.

Lea era prostituta.

Eram 11 horas de uma noite quente de verão e o Promenade estava cheio, mas Lea não tinha o pensamento no trabalho. Com boas notícias, quase explodia de vontade de compartilhá-las.

Decidiu fazer uma pausa, e entrou num bar da Rua Maccarani para tomar outro uísque. A clientela era variada: estudantes, músicos, advogados, prostitutas e pequenos criminosos. Estava lá Odile — a ouvinte perfeita. Lea pagou-lhe uma bebida.

— Não vai acreditar nisso: meu homem vai ter um apartamento na marina dos Anjos! É de classe, caro e incrivelmente lindo!

Odile não tinha certeza se devia acreditar nela. Era uma região muito cara. Lá moravam árabes e outros estrangeiros ricos. Era difícil imaginar Lea e seu homem se movendo entre Cadillacs, casacos de marta e litografias de Picasso.

— É verdade! — insistia Lea. — Tem ar condicionado e mobília de luxo e belos tapetes... — Disse a Odile o nome da agência com que seu homem tratava, o endereço do apartamento, o preço, tudo. E acrescentou: — Posso confiar que não vai contar a ninguém, não posso? Meu homem anda metido em coisa grande. Diz que eu posso deixar de andar na vida. Mas que nem viva alma saiba.

Antes de acabar a noite metade das prostitutas do Promenade sabia da sorte de Lea.

Dois dias depois o homem de Lea, Francis Pellegrin, estava sob vigilância.

Mireille, a secretária, colocou o impresso do contrato na sua Olivetti e datilografou o nome do cliente: Pellegrin, Francis. Alugara um belo apartamento em Juan les Pins: chão de mármore, muita louça de vidro e mobília, uma vista da praia. Aluguel: oitocentos dólares por mês, mais os extras.

Não parecia homem rico, mal olhara o apartamento, e assinou o contrato sem querer saber dos extras. Pagou três meses adiantados, tudo em notas de cinquenta e cem francos, e saiu.

Mireille não ficou completamente surpresa quando, logo depois, entrou a polícia e pediu para ver o contrato.

Pellegrin saíra apressado porque tinha uma consulta dentária em Cannes. Mandou pôr coroas nos dentes, ao estilo de Hollywood. Logo a seguir a polícia perguntou ao dentista quanto custara. Quase dois mil e duzentos dólares, disse ele.



Um pouco depois da meia-noite, no primeiro andar de um pequeno hotel na Rua Pournet, em Toulon, Michele Seaglie estava arrumando a cama. Afofou o travesseiro e ajeitou a colcha de retalhos. De botas de camurça e calcinha, sentou-se em frente ao espelho para maquiar o rosto.

Era bonita, elegante e discreta. Seu número de telefone passava de homem para homem entre o queijo e a fruta dos almoços de negócios. Sabia se comportar na alta sociedade, sabia quando podia falar e quando devia ficar calada, e um homem podia aparecer com ela em público sem constrangimento. Possuía um apartamento em Marselha e uma casa em Bandol. Tinha muita classe.

Michele era prostituta.

Vestiu uma blusa branca de renda larga e uma saia cigana colorida, e prendeu o cabelo atrás. Depois saiu do quarto, fechando a porta à chave, e desceu a escada para a rua, onde começara a carreira.

Sorriu para Isis e Marlene, duas principiantes na profissão.

— Vem conosco esta noite? — perguntou Isis, a asiática.

— Eu não — sorriu Michele, e continuou a andar. Não notou um velho Renault 12 que arrancou do meio-fio e começou a segui-la. Dentro

estavam os inspetores-chefe Thomasset e Spyron. Spyron, conhecido como Grego, acendeu um Gauloise.

— Aquele Daniel Michelucci tem um gosto danado para mulher.

Já tinha dito isso antes. Seguiu Michelle há sete dias e sete noites. Viram-na entrar num Renault 5 e pôr o cinto de segurança. Seguiram o carro ao longo do Boulevard de Strasbourg. Chegaram tão perto que ouviram a música do toca-fitas dela: era Fats Domino em *Blueberry HM*. Mas quando entrou na estrada sem limite de velocidade, meteu o pé no acelerador, e o antigo Renault dos detetives não conseguiu alcançá-la.

Frustrado, Thomasset voltou para o centro de Toulon.

— Devíamos ter usado o novo Simca 1501. Veríamos então se ela nos deixaria para trás com tanta facilidade.



Albert Spaggiari se preparara, muito tempo antes do assalto, para pôr no mercado os lingotes de ouro da casa-forte. Iam ser vendidos 30% abaixo do preço do mercado — um negócio muito razoável para ouro roubado. Mas Alain Bournat achava que não era um negócio razoável. Isso porque Alain Bournat era extremamente burro.

Ele insistia em guardar sua parte do ouro. O ouro era a coisa mais segura para investir, ouvira ele. Tolo, Spaggiari deixou-o fazer o que bem entendesse.

No início Bournat tentou vender o ouro a um homem chamado Tschoa. Tschoa tinha um bar no porto de Nice. Durante o dia servia sanduíches e café aos funcionários de escritório da área, mas à noite baixava as cortinas e servia champanhe e Chivas Regal, enquanto alguns clientes bem conhecidos jogavam pôquer e *barbutté* em apostas altas. Tschoa não participava. Preferia jogar *boule*. Na noite de 9 de agosto de 1976 ficou vendo os jogos na Praça Arson até 11 da noite, quando resolveu voltar a pé para o bar.

Nos seus 50 e tantos anos, tinha cabelo preto ondulado e belo aspecto bronzeado. Usava camisa branca de algodão, calça azul-marinho e mocassim branco, e tinha um Mercedes 350. Embora com ficha criminal,

ficou muitos anos afastado de problemas; a polícia não tinha certeza se ele deixara o crime ou simplesmente se refinara.

Entrou no bar, saudou alguns clientes e dirigiu-se para a porta dos fundos, onde se lia “Privado” em letras vermelhas. Bournat esperava no escritório.

O encontro fora combinado através de um amigo do jogo de *boule*, mas o dono do bar continuava com suas suspeitas. Sentou-se e pôs um cigarro Dunhill na piteira de ouro.

— O que deseja?

— Quero vender ouro.

— Moedas ou joias?

— Nem uma coisa nem outra — respondeu Bournat. — Olhe. —

Apresentou um lingote de ouro. Tschoa não o tocou.

— Quantos?

— Talvez muitos.

— Que preço está pedindo?

— Dezessete mil francos por lingote.

— Está doido varrido — observou Tschoa com desdém. — O preço do mercado está apenas um pouco acima dos dezoito mil. Por quem me toma?

— Não se zangue... sou apenas o intermediário... Vou informar a outra parte de sua reação...

— Diga a seu patrão para jogar tudo no lixo — disse Tschoa, irritado. Levantou-se e empurrou a cadeira para trás. — Sei perfeitamente bem de onde veio, assim como todo mundo em Nice. Não toco nisso por preço nenhum. Idiotas, deviam era pôr um anúncio no *Nice-Matin*. Agora, desapareça e não volte.



Bournat tinha um velho amigo chamado Alfred Aimar, mais conhecido como Fred, o Joalheiro. Com seus sessenta e poucos anos, Fred se afastara do crime há uns quinze anos, mas ainda tinha umas tantas ligações antigas.

Apresentou Bournat a um homem que precisava muito de dinheiro.

Adrien Zeppi não era criminoso. Tinha uma pequena loja de artigos de couro, mas os tempos iam mal. Voltara a se casar com uma mulher mais

nova, e tinham agora um bebê. Zeppi, 54 anos, era um cidadão muito respeitado na área de Plateau Flori, mas parecia não fazer objeções a se dar com indivíduos da laia de Fred, o Joalheiro. Fred não o tinha em grande conta.

Fred e Bournat o encontraram num bar em Mougins e fizeram a proposta.

— Temos algum ouro... nossas economias... e queremos transformar em dinheiro. Mas não temos conta bancária, e de qualquer maneira se nos virem vendendo ouro com nossa ficha vai haver todo tipo de pergunta... sabe como é. Portanto, podia nos fazer um grande favor vendendo-o para nós. É um homem respeitável, não vão fazer perguntas. E pagamos mil francos por barra.

Zeppi não hesitou. O dinheiro seria uma dádiva do céu. No dia seguinte foi ao banco, o Crédit Agricole, na estrada N85, entre Nice e Grasse. Depositou uns poucos cheques; depois, casualmente, perguntou ao funcionário:

— Preciso vender um pouco de ouro... acho que posso investir em coisa melhor. Vocês cuidam disso?

— Claro, *Monsieur Zeppi*. Quer que depositemos o dinheiro na sua conta?

Zeppi hesitou.

— Bem, realmente preferia o dinheiro... compreende?

— Com certeza. Quantas barras quer vender?

— Nove.

— Sem problema. Traga-as quando quiser.

Dois dias depois Zeppi entrou com nove lingotes de ouro e saiu com mais de trinta e dois mil dólares em dinheiro.

Encontrou Bournat e Fred, deu-lhes o dinheiro, e recolheu sua comissão de mil e setecentos dólares.

Bournat estava encantado. Conseguira o preço de mercado total para seu ouro, enquanto todos os outros o tinham vendido com 30% de desconto. E levava Adrien Zeppi a se arriscar por ele. Achava que era muito esperto.

Mas barras de ouro são numeradas, e todas as transações são registradas. Desde o assalto, todos os bancos da França tinham a lista dos números dos lingotes roubados da Société Générale. O caixa do Crédit Agricole verificou os números em sua lista e telefonou de imediato para a

polícia de Nice. Zeppi foi seguido, e levou os detetives a Fred, o Joalheiro, e a Alain Bournat.



Marie François Astolfi era bem mais respeitável que a maioria das mulheres desta história; mas não era mais discreta que Lea ou Odile.

Marie era inspetora do serviço de refeições escolares de Marselha. No sábado, 9 de outubro de 1976, estava em seu apartamento da Rua Charasse fazendo uma mala de fim de semana: pijamas, escova de dentes e um conjunto de blusa e calça. Aos 26 anos, era uma mulher bem educada que estivera num colégio interno. Seu primeiro emprego tinha sido de professora. Mais recentemente, chamavam-na outras campainhas, mas os bons hábitos custam a morrer.

Desde o verão estava apaixonada por um homem alto e louro chamado Henri Michelucci. Há dois dias ele lhe pedira um favor para o irmão Daniel. Daniel precisava fazer uma rápida viagem a Bruxelas de carro, e tinha necessidade de outro motorista. A viagem de ida e volta era de mais de mil e seiscentos quilômetros, e queria fazê-la num fim de semana.

Marie sabia que Henri e o irmão não eram homens muito escrupulosos quanto à lei.

— Esta viagem do Daniel... é... pesada?

— Sim, é pesada — respondeu Henri.

Mas ela gostava de Daniel, que era quase tão bonito quanto o irmão; e ela adorava carros rápidos. Concordou em ir.

Encontrou Daniel na região do Prado à uma da tarde daquele sábado. Seguindo as instruções, alugara na Eurocar um Renault 20. Daniel lia *Le Soir* enquanto ela ao volante os levava para fora da cidade. Depois de algum tempo ele disse para parar, e então desligou o odômetro para poupar dinheiro — o carro tinha sido alugado por quilometragem. Quando prosseguiram viagem, ele observou:

— Cuidado com a velocidade. Não quero que a polícia nos pare.

Pouco antes das 17h pararam perto de Villefranche sur Saône, para descansar.

— Preciso ver umas pessoas em Valenciennes. Talvez seja melhor me deixar lá amanhã e continuar a viagem para Bruxelas sozinha. Os quartos estão reservados no Presidem. Encontro você no hotel mais tarde.

— A viagem é sua — observou ela encolhendo os ombros.

Passaram a noite num hotel em Paris — dormindo em quartos separados. No dia seguinte dirigiram-se para a fronteira.

— Ainda quer que o deixe em Valenciennes?

Daniel só respondeu quilômetros adiante.

— Não. Trato disso na volta.

Depois pediu para parar enquanto tirava da mala um mapa das estradas.

Mandou-a sair da autoestrada e seguir por vias secundárias. Perderam-se duas vezes. Finalmente cruzaram a fronteira num pequeno posto em Ermitage, e chegaram a Bruxelas quarenta e cinco minutos mais tarde. Marie não quis saber por que Daniel receava passar por um posto principal de fronteira.

A primeira coisa na manhã seguinte que ela fez foi levá-lo ao Banco Lambert, perto da estação de trem. Ele entrou levando a mala. Quando saiu minutos depois, continuava com a mala, mas era óbvio que estava mais leve. No almoço mostrou-se muito alegre. Tomaram champanhe na sobremesa. Daniel inclinou-se por cima da mesa e falou em voz baixa.

— Sabe o que tinha na mala? Ouro... da Société Générale de Nice. Não todo, claro... não podia colocá-lo todo na caixa de depósito.

Marie não conseguiu dormir nessa noite. Não suspeitara que os irmãos Michelucci eram gangsteres de alto coturno. Sozinha no quarto do hotel, confiou seus receios a seu diário. Saiu do hotel de manhã cedo deixando uma nota para Daniel que dizia simplesmente *Ciao*. Na estrada dirigiu em alta velocidade. Parou em Lyon para descansar e depois outra vez, bem na entrada de Marselha, para tornar a ligar o cabo do odômetro. Para a Eurocar foram setenta quilômetros, em vez de mais de mil.

E Marie Françoise Astolfi deixou seu diário no carro.

Marie foi mais um nome, embora tardio, na lista de Albert Mouray. Ele estava pronto para saltar sobre o bando muito antes de outubro. De fato, na sexta-feira 13 de agosto decidira que a rede estava suficientemente espalhada, e estabelecera a data para a segunda-feira seguinte, 16 de agosto. Mas nesse fim de semana aconteceu algo que o fez se perguntar se sua investigação não estaria num rumo completamente errado.

Capítulo 8

Spaggiari e a CIA

RATOS DE ESGOTO ATACAM EM PARIS Título do *Nice-Matin* de 18 de agosto de 1976

No fim de semana de 14 e 15 de agosto, uma filial da Société General na Île St. Louis, em Paris, foi roubada. O assalto era uma cópia xerox do roubo de Nice.

O bando penetrou no banco através dos esgotos. Abriram um túnel de 3 m de comprimento a partir da tubulação de esgoto até a parede da caixa-forte, depois fizeram um buraco na parede de concreto reforçado. Para manter fresco o ar do túnel usaram um exaustor semelhante ao usado em Nice. Usaram laser para abrir as caixas de depósito na caixa-forte. Abriram cento e trinta das cento e noventa e uma caixas.

Havia um sistema de alarme nesta caixa-forte, que, de fato, disparou. Chegaram dois guardas de segurança em resposta ao alarme. Vendo que nada havia de anormal, concluíram que o alarme disparara indevidamente e nada mais fizeram.

A ironia do incidente foi que as companhias de seguro haviam negociado um novo contrato com a Société Générale desde o assalto de Nice — mas o contrato só entraria em vigor a partir de 28 de agosto.

Dois detetives de Nice foram enviados a Paris para ajudar a força metropolitana. Paris estava convencida de que fora o mesmo bando em ambos os trabalhos, e insistiram para que Albert Mouray esperasse enquanto eles investigavam.

À medida que a investigação prosseguia, porém, a teoria de que uma mesma quadrilha fizera os dois assaltos parecia cada vez menos sustentável.

O bando de Paris tinha sido desleixado. Vários de seus membros foram vistos e testemunhas os reconheceram nos arquivos de fotos de criminosos conhecidos. Os assaltantes de Nice não tinham deixado uma só prova útil,

mas não foi assim em Paris. As ferramentas usadas em Nice haviam sido artigos predominantemente comuns, como martelos e formões, mas em Paris usaram laser. (Nessa altura das investigações não sabiam que Spaggiari comprara um laser, mas não pudera usá-lo.)

Depois havia a psicologia do caso. O bando de Nice escapara com um roubo no valor de, pela estimativa mais baixa¹, 6,2 milhões de dólares; era provável que arriscassem o pescoço em outro trabalho antes de terem tido tempo de gastar o dinheiro?

A discussão continuava. Não podia ser um crime de imitador, dizia Paris, pois acontecera exatamente quatro semanas depois do trabalho de Nice, e isso não era tempo suficiente para planejar esse tipo de roubo. E era demais achar que a mesma ideia brilhante tivesse ocorrido a dois cérebros criminosos completamente separados quase ao mesmo tempo.

Mas Albert Mouray começava a ficar extremamente nervoso. Cada dia que passava tornava mais provável que alguma pessoa que ele mandava seguir — havia agora mais de quarenta — desse pela vigilância e espalhasse o alarme. E então os pássaros levantariam voo.

Por fim, Paris fez uma prisão. Raimond Brisacier, proprietário de uma garagem, foi apanhado tentando vender um lingote de ouro roubado do banco da Île St. Louis. Os suspeitos de Nice foram observados mais atentamente à espera de reação. Pareciam indiferentes. Portanto, havia dois bandos separados.

Paris deu luz verde, e Mouray estabeleceu nova data: 26 de outubro.



Durante esta demora de dois meses, Spaggiari viajou.

Foi à Guatemala. Depois foi aos Estados Unidos. Procurava um hotel ou restaurante para comprar. Enquanto estava nos EUA entrou em contato com a CIA.

(Isso parece estranho aos europeus, pois aqui uma pessoa não pode simplesmente entrar em contato com a organização de espionagem de seu país. Poucas pessoas sabem sequer onde fica o quartel-general do Deuxième Bureau ou do MI5. Mas nos Estados Unidos é tão fácil falar

com a CIA como com a companhia de eletricidade; e se uma pessoa telefonar para o Serviço Secreto eles pegam o fone e dizem: “Serviço Secreto.”)

Spaggiari se ofereceu para trabalhar para a CIA.

— Com a minha organização, posso chegar a tudo — gabou-se ele. — Não importa onde, não importa o quê. Posso abrir qualquer cofre, entrar em qualquer embaixada...

Os espões da América andavam na época bem nervosos. Havia passado um mau pedaço no escândalo Watergate. Perguntaram a Albert como iam saber se ele afinal não era doido.

— E se eu lhes disser que dirigi o maior assalto do século ... o roubo do banco da Société Générale de Nice? Isso baataria?

Como os espões em toda parte, a CIA não se incomodava muito com quem usa para colher informações. Mas, como a quadrilha de Marselha, o Comando Delta da OAS ou Pierre Lagailarde, não confiaram em Albert Spaggiari. Era a história de sua vida.

Mas fizeram o jogo de cooperação franco-americana, e enviaram à Interpol um *résumé* do encontro. Por volta de setembro, a Interpol, por rotina, passou a informação à polícia de Nice.

Que nada fez.

E este é o segundo mistério que rodeia o tratamento deste caso pela polícia de Nice.



Mais tarde, disse um porta-voz da polícia:

— Não havia provas. De qualquer modo, a essa altura éramos inundados de informações, quase todas falsas.

Esta desculpa é ridícula. Spaggiari cumprira duas longas condenações na prisão, e fora considerado suspeito de envolvimento em diversos outros crimes. Apresentaram à polícia de Nice uma confissão testemunhada. Mas não pegaram Spaggiari; não o interrogaram para saber se ele tinha álibi; não o puseram na lista de suspeitos a serem seguidos; e não o prenderam na batida de 26 de outubro. No que dizia respeito a Albert Spaggiari, pareciam cegos, surdos e mudos.

Também neste período Spaggiari e a mulher foram de viagem ao Japão com o presidente da câmara de Nice.



O presidente da câmara de Nice, Jacques Médecin, também era ministro de Turismo do governo de Giscard d'Estaing. Sob seus auspícios, as cidades de Nice e Cannes e o principado de Mônaco organizaram uma exposição itinerante para percorrer o Japão e promover a Côte d'Azur. Levaram tesouros de arte dos museus locais: quadros de Chagall, Matisse, Léger e Fragonard; esculturas de Giacometti; cristais de Biot. Também levaram amostras abundantes da produção local, como vinho e azeite da Provença; mais um grupo de manequins para apresentar a *haute couture* francesa. Fretaram um Boeing 707, mas era maior do que precisavam. Os lugares extras da viagem foram vendidos a sete mil francos cada um, uma bagatela. Spaggiari comprou dois.

Médecin viu-se aflito para explicar, algumas semanas depois, que os Spaggiari tinham viajado como particulares e nada tinham a ver com a exposição itinerante. Disse aos autores que nem sequer vira Spaggiari no avião, e que o casal não tinha ficado nos mesmos hotéis que o grupo oficial. Na ocasião, Spaggiari não era fotógrafo particular da câmara. Acrescentou:

— É da própria natureza do criminoso inteligente esconder seu verdadeiro caráter atrás de uma fachada de honestidade.

O avião partiu no dia 6 de outubro, e seguiu via Paris e Anchorage para Tóquio. O grupo oficial ficou instalado no Hotel Imperial, e os Spaggiari no Hilton.

— Eram entusiásticos turistas — comentou um dos jornalistas em viagem —, e comportaram-se como se estivessem em lua de mel. Albert cuidava de Audi, procurando que nunca fosse sozinha a parte alguma, dando-lhe sempre pequenos presentes. Parecia muito apaixonados.

No dia 16 de outubro seguiram para Hong Kong, instalando-se no Mandarin. Albert comprou três ternos para si mesmo e um colar de pérolas negras para Audi. Três dias depois seguiram para Bangkok, pelo delta do Mekong. Spaggiari sentiu saudade do tempo de paraquedista no Vietnã.

— Tornei a viver os quatro anos da Indochina — disse ele às pessoas. Tinha um nó na garganta e lágrimas nos olhos.

Tomaram banhos de sol na piscina do Siam Intercontinental Hotel, e viram centenas de pagodes com milhares de budas. Fizeram a ronda das lojas de antiguidades, joalherias e mercadorias de sedas.

No dia 24 de outubro voltaram a Nice via Nova Deli, Teerã e Telaviv.

Spaggiari teria outro motivo para fazer a viagem? O jornal japonês *Mainichi* sugeriu que ele vendera ouro e joias em Tóquio e comprara obras de arte a dinheiro. Certamente, se queria levar joias roubadas para fora da França, a melhor chance de evitar a alfândega fosse talvez viajar com o presidente da câmara de Nice.

Dois dias depois da volta de Spaggiari, Albert Mouray e seus homens caíram sobre a presa.

¹ Estimativa do banco. Por razões que se discutem mais tarde, deve-se considerar este número como mínimo.



**ALBERT SPAGGIARI
È PRESO**

Capítulo 9

Spaggiari é preso

Bert não é homem de deixar transparecer seus sentimentos

Audi Spaggiari

O chefe de polícia Albert Mouray era bom nesse tipo de coisa.

A investida envolveu mais de quinhentos policiais e gendarmes em oito cidades. Quarenta suspeitos seriam presos precisamente no mesmo momento: 6h30 da manhã de terça-feira, 26 de outubro de 1976. Ordens claras e precisas seguiram para Marselha, Antibes, Mougins, Toulon, Nîmes, Paris e Ajaccio, na Córsega, e também para Nice. Os agentes oficiais tinham nomes, endereços e descrições, e em muitos casos haviam seguido os suspeitos por algum tempo. Cada prisão era garantida por um mandado de captura. Foi como um lançamento espacial em Cabo Kennedy, disse alguém.

Já na hora do almoço todos os relatórios estavam na mesa de Albert Mouray, e ele perguntava a si mesmo onde errara.

Para começar, cinco dos quarenta tinham escapado à rede: simplesmente não estavam onde se esperava que estivessem às 6h30 da manhã. Incluindo o maior peixe de todos, Dominique Poggi.

Poggi nasceu em 16 de fevereiro de 1926 na Córsega. Por muitos anos foi o braço direito de Barthelemy Guerini, o chefe francês da Mafia, e nesse período apenas sofrera uma pequena condenação por proxenetismo em Strasbourg, em 1950. Quando o império de Guerini caiu, Poggi se mudou para Antibes, e com o irmão abriu o Club 62. Mas continuava em más companhias: em 1972, o pistoleiro Gavin Coppolani foi preso lá. Coppolani era um caráter extraordinariamente indesejável. Três anos depois escapou e tentou se vingar dos informantes que o tinham denunciado: ele mesmo ficou ferido no tiroteio que se seguiu; o homem que o feriu foi assassinado em Nice em 1976 e abandonado na escada de seu night-club. Poggi, de rosto carnudo e terno distinto, tinha não só os

contatos como a experiência do crime organizado para conduzir uma empresa como o assalto do século. Era o favorito para o título de *Le Cerveau* — O Cérebro. Mas não estava em casa quando a polícia chegou.

Havia notícias piores. Vinte e sete dos trinta e cinco achados em casa tinham sido inocentados no fim do dia e tiveram que ser libertados. Era inevitável, pela maneira como os nomes haviam sido coletados, que alguns suspeitos acabariam por se revelar gente inocente que nada mais fizera do que encontrar um suspeito principal no decorrer da vigilância. Mas vinte e sete em trinta e cinco era uma proporção muito desanimadora.

Foi típico o caso do vendedor de instrumentos musicais de Béziers. A primeira vez que os gendarmes da brigada de Plan du Var foram à casa de Castagniers tinham anotado a placa de um Peugeot 504 cinza metálico estacionado na garagem. Foi no fim do dia, quando voltaram lá uma segunda vez e encontraram quatro homens na escada. Os gendarmes verificaram a placa do carro, e isso os levou ao vendedor de instrumentos musicais. O homem foi preso às 6h30 da manhã de 26 de outubro em Capestang, Hérault. Tinha na verdade um Peugeot 504, mas era branco, não cinza, e podia provar que em 9 de julho estava a muitos quilômetros de Castagniers. O Peugeot da casa suspeita tinha placas falsas, e o aterrorizado vendedor de instrumentos musicais era uma vítima inocente, mas infeliz, de uma coincidência.

Finalmente, as oito pessoas detidas não eram caça grossa.

Emile Buisson tinha álibi para o fim de semana do assalto, mas na excitação confessou o roubo de dez mil francos do patrão.

Homer Filippi era filho de Philippe Filippi, promotor de boxe e agente do campeão mundial Marcel Cerdan. Homer era um insignificante traficante de drogas que tinha contatos com os quatro homens da casa de Castagniers, mas não pôde ser relacionado com segurança ao assalto, e foi acusado apenas de posse de arma de fogo sem licença. Huguette Cruchendeau era prostituta em Marselha, e nada mais fez do que ser ligada aos parceiros dos quatro de Castagniers; mas a ligação era suficientemente estreita para ela ficar detida. Henri Michelucci pedira emprestado o Renault 17 visto em Castagniers, mas afirmou que o irmão Daniel é que o dirigia nessa época, e Daniel era um dos cinco que tinham escapado.

Alfred “Fred-o-Joalheiro” Aimar e Adrien Zeppi, o trapaceiro que vendeu ouro roubado a seu próprio banco, podiam ser positivamente acusados, mas apenas por ação fraudulenta.

Isso explicava seis dos oito detidos. Mouray acabou apenas com dois, que eram realmente “ratos de esgoto”: Francis Pellegrin e Alain Bournat. Pensando bem, o dia não tinha sido nada bom.



O interrogatório da polícia nessa noite concentrou-se em Pellegrin e Bournat. Ambos eram tolos, como já se mencionou; e este fato foi uma sorte para a polícia. Os detetives de manga curta da Avenida Foch entraram numa velha e familiar rotina:

— Já sabemos tudo, por que não tornam as coisas mais fáceis para vocês e confessam?

Depois acrescentaram:

— Todos os seus amigos fizeram declarações completas, implicando vocês... para que negar?

Incrivelmente, eles caíram na esparrela.

Dissemos antes que os malandros insignificantes que Spaggiari recrutou para ajudá-lo a executar seu plano seriam sua desgraça; e foi o que aconteceu.

Tanto Pellegrin como Bournat fizeram confissões completas e nomearam, como cérebro organizador do golpe, Albert Spaggiari.

O nome era familiar ao comissário principal Claude Besson, substituto de Mouray. Em 31 de julho de 1974, às 10h50 da manhã, um homem bem vestido entrara no Banque de Paris et des Pays-Bas, em Nice, e pediu para abrir sua caixa de depósito. Um funcionário acompanhou-o à caixa-forte, onde outro cliente aguardava com uma arma. Amarraram o funcionário, que era o único empregado do banco naquele momento, e arrombaram um dos cofres. Sabiam exatamente qual queriam: o nº 199, que continha todas as reservas do banco em lingotes de ouro. Os dois homens meteram o ouro — que pesava cerca de 75 kg e valia mais de trezentos e cinquenta mil dólares — numa mala e desapareceram. Durante a investigação que se seguiu o principal suspeito de Claude Besson era Albert Spaggiari, mas nada ficou provado. Como candidato para o título de *Cérebro*, porém, era absolutamente plausível.

Besson pegou o telefone.



Às 11h da manhã de quarta-feira, 27 de outubro de 1976, uma mulher loura de cerca de 40 anos entrou no estabelecimento de fotografia La Vallière, na Estrada de Marselha, 56, em Nice, e perguntou por *Monsieur* Spaggiari. Atendeu-a André Devesa, o gerente.

— Não está. Em que posso servi-la?

— Este estabelecimento é dele, não é?

— Ele é o dono, mas eu aluguei há seis meses.

— Ele ainda mora no apartamento de cima?

— Não, já se mudou.

— Sabe onde posso encontrá-lo?

— Agora mesmo? Não. Mas ele vem aqui regularmente. Estou esperando por ele ainda hoje. Quer que lhe dê algum recado?

— Não, preciso vê-lo pessoalmente. A mulher ainda é enfermeira?

— É, sim. Também não está. Substitui uma pessoa amiga.

— Tudo bem, obrigada.

— Não tem de quê.

Devesa não pensou nada em especial do incidente. Não viu a mulher entrar num Renault azul com três policiais, em frente ao estabelecimento.

Albert e Audi chegaram mais tarde, ainda de manhã. Devesa falou-lhes da visita.

— Realmente não faço ideia de quem possa ser — comentou Albert.

Serviu-se do telefone para encomendar ração para a fazenda, depois com a mulher atravessou a rua para ir almoçar na casa de massas Roi du Yan. Logo chegou Jean Yves Goutron, antigo camarada, que fora paraquedista no Vietnã com Albert e que, como recordação daqueles tempos, ainda mancava ligeiramente. Os Spaggiari começaram a falar da viagem ao Extremo Oriente.

Spaggiari contava sobre o mercado de Hong Kong quando um garçom o interrompeu.

— *Monsieur* Spaggiari, uma senhora lá fora quer vê-lo.

Albert franziu o sobrolho, encolheu os ombros e pousou o charuto no cinzeiro.

— Talvez seja a mulher misteriosa desta manhã — comentou. — Desculpem-me.

Saiu e se aproximou da mulher. Foi imediatamente rodeado de detetives e enfiado no carro. Tudo muito rápido.

Um amigo, que viu tudo, gritou:

— Audi, alguém sequestrou Bert!

Uma Audi aterrorizada telefonou para a polícia e deu parte do sequestro. Disseram-lhe então que o marido fora preso, e não sequestrado; e, a propósito, a polícia ficaria agradecida se passasse por lá ela mesma para responder a algumas perguntas.

O interrogatório de Albert Spaggiari começou às 14h30 do dia 27 de outubro.



Esta é a parte mais espantosa da história do assalto do século, e forma o terceiro e o mais desconcertante dos mistérios que rodearam o caso.

Uma operação policial envolvendo quinhentos agentes e trinta e cinco prisões em oito cidades não se pode manter secreta por muito tempo. Na terça-feira à noite era o principal tópico das conversas em bares e restaurantes da cidade velha de Nice. Na quarta-feira de manhã, o *Nice-Matin* trazia a história.

O público não ia saber que a operação tivera êxito muito limitado. Para Nice, a polícia pegara os Ratos de Esgoto.

Spaggiari deve ter sabido da operação. Amigos, esposas e namoradas dos que foram presos teriam passado a informação, mesmo que a imprensa não tivesse falado do caso. É provável que ele soubesse desde as 7 da manhã de terça-feira.

Mas ele nada fez.

Podia ter tentado sair do país — teria fugido. Se isso fosse drástico demais, podia ter se mudado para um hotel ou para a casa de um amigo e ficar quieto por um tempo.

Mas seguiu de carro para Nice, foi ao estabelecimento de fotografias, depois levou a mulher a um restaurante onde o tinham como cliente

regular. Não podia ter tornado as coisas mais fáceis para a polícia, a não ser ir em pessoa à Avenida Foch, 1.

É possível que não soubesse exatamente quem fora preso; nesse caso precisaria claramente se precaver de uma traição. Como alternativa, pode ter sabido que os *demi sels* Pellegrin e Bournat, verdadeiros cabeças de serragem, tinham sido presos; e nesse caso teria ainda mais razão para se preocupar. Mas nem sequer preparou um álibi.

Talvez quisesse ser preso.

Ou talvez pensasse, por alguma razão especial, que era invulnerável?

Foi interrogado sem parar durante trinta e sete horas.

E tudo o que disse foi: “Não.”

Seus inquiridores revezavam-se para descansar, tomar café e dormir, mas Albert não teve nada disso. Pacientemente, fleumaticamente, respondia as perguntas, ignorava as promessas de uma sentença leve em troca de cooperação e sorria a suas ameaças.

— É frio como gelo — observou Claude Besson, o homem a quem nada impressionava, mas estava impressionado com Spaggiari.

Mostraram-lhe o arquivo da CIA com sua confissão.

— Menti — disse com calma.

Vinte policiais acompanhados de Audi revistaram a casa de Bézaudun. Nada encontraram de suspeito a não ser uma caixa de charutos Don Miguel e um caixote com garrafas de vinho Margnat Village. Lá fora, embaixo de uns arbustos, encontraram um pequeno esconderijo de armas: espingardas, munição e uma certa quantidade de dinamite. Passaram detector de metal em cada centímetro quadrado de terreno e só encontraram velhas ferramentas, barras de ferro enferrujadas e latas de conserva. Nada de ouro.

Não era o que queriam, mas foi o suficiente para acusar Albert de posse ilegal de armas de fogo. Então, às 4 da madrugada de sexta-feira, alguém teve a brilhante ideia de acusar Audi de cúmplice... e Albert fraquejou. Diante da perspectiva de ver sua querida Audi na prisão por sua causa, fez um trato com a polícia: deixem-na em paz e eu confesso.

O trato não incluía nomear os cúmplices ou devolver o saque. Não obstante, Albert Mouray e Claude Besson ficaram satisfeitos. A catástrofe de terça-feira se transformou na vitória de sexta-feira. Havia capturado *O Cérebro*. Levaram Spaggiari ao juiz instrutor, Richard Bouazis, no

sábado, 30 de outubro. Reuniu-se grande multidão diante do Palácio de Justiça em Nice: repórteres, fotógrafos, cinegrafistas e curiosos.

Spaggiari adorou. Deliciou-se com a publicidade. Elegantemente vestido, aspecto confiante e nada arrependido, sorriu, saudou e deu declarações aos repórteres.

— Não, nada a lamentar — disse a um microfone.

Um amigo agarrou sua manga e sussurrou uma rápida mensagem:

— Não se preocupe com Audi... tomaremos conta dela.

Na sala do tribunal, Spaggiari falou sem parar. Fez alarde de todo o seu brilhantismo, falou da dificuldade de trabalhar no esgoto, exagerou o valor do roubo. Mas não disse nada que tivesse utilidade para a polícia.

— Não agi para proveito próprio. Realizei uma operação militar. Tenho orgulho de ser membro da Catena.

Catena era um ramo da OAS que se especializara em ajudar fugitivos a escapar da polícia, mas acreditava-se que tinha sido desfeito após o período de 1958-1960.

— Não fiquei com um centavo da minha parte do saque. O dinheiro serviu para ajudar pessoas oprimidas na Iugoslávia, em Portugal e na Itália.

“Nem sequer podem imaginar o que encontramos na caixa-forte. O valor das joias ultrapassou de longe o ouro e o dinheiro.

“Estivemos em constante contato com o exterior. Tínhamos dois grupos de vigias; um atento à polícia... sabíamos exatamente quando passavam as patrulhas de segurança... e um outro para vigiar o nível de água dos canos de esgoto.”

A polícia se admirava... por que o bando abrisse tão poucas caixas de depósito, e calculou que a tempestade da tarde de domingo 18 de julho aumentara o nível de água nos canos a ponto de o bando se sentir em perigo e ter que escapar mais cedo por causa da cheia. Não foi assim, disse Spaggiari.

— Sabíamos exatamente a altura da água e sabíamos que não estávamos em perigo. A razão para não abrimos mais caixas foi que levamos mais tempo do que pensávamos para penetrar na parede da caixa-forte.

Quando se despediu do grupo depois do golpe, todos disseram:

— Obrigado, *monsieur le directeur*.

— O túnel pareceu levar uma eternidade para abrir. Trabalhávamos nele todas as noites até aparecerem os homens da limpeza das ruas.



Tornou-se rapidamente claro que Spaggiari podia manter esse tipo de declaração indefinidamente. E assim aconteceu. Durante todo o inverno de 1976-1977 comparecia diante do juiz Bouazis uma vez por semana, na quinta-feira à tarde, para interrogatório. O juiz costumava recordar-lhe, frequentemente, que o objetivo do interrogatório era apresentar informações de utilidade para a polícia. Dizia a Spaggiari que não acreditava na história de terem doado o dinheiro. Avisava que a recusa de Spaggiari em indicar nomes significava inevitavelmente uma condenação mais longa. Spaggiari retorquia com um misto variável de fanfarronice, imprecisão, evasivas e mentiras.

O tribunal esgotou o dinheiro. (O modo como o sistema judicial francês é financiado é, para não dizer mais, simplesmente incomum.) Obteve-se um empréstimo de dois mil e quinhentos dólares — adequadamente da Société Générale.

Houve mais algumas prisões. Marie Françoise Astolfi foi presa com base no que escrevera em seu diário. Daniel Michelucci e Michele Seaglie também foram detidos. Afirmaram ter estado no cassino de Aix-en-Provence no fim de semana do assalto, e Daniel disse que comprara os lingotes de ouro de um estranho na Itália. Encontraram uns poucos lingotes, juntamente com uma máquina de cunhagem, numa busca da polícia a uma casa de Marselha.

Dominique Poggi, que estava sendo procurado por toda a polícia francesa, entregou-se em Atenas no dia 1º de novembro, tendo dado, audaciosamente, uma entrevista pelo telefone dois dias antes. Uma mulher loura, de casaco de pele de leopardo, levou-o à polícia no Boulevard Albert I num Simca Matra branco. Homem moreno, cabelos ondulados, nos seus 50 anos, estava vestido para a ocasião, com terno de veludo bege. A garota, figura da sociedade suíça, bem nascida, voltou sozinha para seu apartamento em Juan les Pins. Poggi negou tudo.

— No fim de semana do assalto estava em casa, em Farinole, na Córsega. Um punhado de testemunhas pode confirmar isso. Fui à casa de Castagniers para uma festa. Se a casa era o quartel-general dos Ratos de Esgoto, é a primeira vez que ouço falar disso. Spaggiari? Nunca ouvi falar dele.

Mas Francis Pellegrin disse que apresentara Poggi a Spaggiari, e Poggi foi acusado de roubo e enviado para a prisão de Nice, onde o bando estava preso. Pellegrin mais tarde mudou seu testemunho.

— A polícia continuava em cima de mim. Poggi, Poggi, sempre Poggi. Confesse, diziam eles, confesse que Poggi é o tal. Finalmente conteio que queriam ouvir, só para me ver livre deles. Mas de fato foi outra pessoa muito diferente que apresentei a Spaggiari... um cara que conheci num bar.

Não quis dizer o nome do homem.

O caso se arrastou. Spaggiari concordou em escrever suas memórias para o editor de *Papillon*. Seus amigos diziam aos entrevistadores que ele era incapaz de roubar em proveito próprio.

— Ele não se interessa por dinheiro. Tem inteligência, coragem e nervos de aço; mas tem que estar sempre no comando... tem que ser o que dá as ordens.

A mãe dizia que não podia acreditar, *le petit Bert* foi sempre um rapaz tão bom. Audi dizia sempre que nem sequer lhe passara pela cabeça o que estava acontecendo; mas também, acrescentava, Albert nunca me teria contado nada para não me comprometer.

O chefe do departamento de esgotos de Nice, Monsieur Testan, deu seu depoimento. Uma vez tinha construído um túnel exatamente como o de Spaggiari, disse ele: foi o trabalho mais duro que jamais enfrentara.

— Éramos cinco, e só conseguimos avançar cerca de um metro por dia. Um homem era capaz de cavar dez minutos apenas de cada vez; num espaço tão pequeno uma pessoa mal pode usar os antebraços, e temos que trabalhar com ferramentas pequenas. É extraordinariamente difícil.

Não havia engano quanto ao tom de admiração que se sentia em sua voz.

Os turistas que tinham acompanhado Albert e Audi ao Japão ficaram espantados.

— Quem diria que um homem tão simpático, polido, prestativo e bem-educado podia ser o cérebro atrás do roubo ao banco...

Na sua cela, Spaggiari exercitava-se duas vezes ao dia para manter a forma.

— Sente saudade da mulher — dizia seu advogado, *maître* Jacques Peyrat —, mas não está abatido. Anseia pela liberdade e pensa nela o tempo todo. Às vezes é como uma criança.

A segurança afrouxava nessas sessões de quinta-feira. Spaggiari era guardado apenas por dois agentes. Passava normalmente cinco minutos conversando com Audi no corredor na porta da sala do tribunal. Foi ali que os autores falaram com ele: disse-nos que começara a escrever suas memórias.

A polícia tinha certeza de que Spaggiari acabaria por ceder. Estava apenas prolongando sua própria agonia. No fim contaria tudo, depois eles prenderiam os demais cúmplices e fechariam o caso. Não tinham pressa. Albert Mouray era um homem paciente.

Na quinta-feira 10 de março de 1977 tudo virou do avesso.

Capítulo 10

Spaggiari “destrói um carro”

O QUE SE ESCONDE ATRÁS DO ETERNO SORRISO DE
SPAGGIARI?

Título do *Nice-Matin* de 3 de novembro de 1976

O prisioneiro, de aspecto pálido, não tocara no almoço. Há vários dias que tinha pouco apetite.

— Não me sinto muito bem — disse ao carcereiro. — Tenho fumado demais.

O carcereiro, que se chamava Verrauld, tratava Spaggiari com grande respeito.

— Posso conseguir-lhe outra coisa, *monsieur*? — perguntou, caridoso.

— Não, nada, obrigado.

Verrauld saiu e Spaggiari levantou-se para se olhar no espelho. Hoje, mais que nunca, tinha que agir normalmente: sorrir, parodiar, mostrar-se confiante e sem preocupações. Era mais uma tarde de quinta-feira, e sua vigésima sessão perante o juiz instrutor seria exatamente como as outras dezenove... até certo ponto.

Vestiu seu terno preto favorito e camisa branca de seda, e espetou o habitual charuto Don Miguel no canto da boca. Quando vieram buscá-lo, precisamente às 14h30, sorriu, saudou os policiais e estendeu as mãos para as algemas.

Levaram-no numa van verde da prisão para o Palácio da Justiça. As duas motocicletas habituais da polícia seguiram o veículo, mais — fato desconhecido de Spaggiari — uma escolta extra de quatro detetives num carro sem distintivo. O juiz Richard Bouazis ordenara a segurança adicional apenas duas semanas antes.

Spaggiari saiu da van e subiu os degraus de mármore do tribunal, algemado a um policial, enquanto outro, suave mas firmemente, segurava-o pelo braço. Ambos estavam armados. Subiu os degraus de dois em dois,

obrigando os guardas a acompanhá-lo, mostrando sua excelente condição física. Conversava familiarmente com eles.

A sala do tribunal era muito pequena, com piso de linóleo já gasto e paredes de um amarelo acinzentado desbotado. Não havia cortinas nas janelas. O lugar há muito estava para ser redecorado, e então colocariam barras nas janelas; mas as obras tinham sido adiadas devido à falta de fundos.

À direita da porta havia uma mesa de tamanho médio para o magistrado. A seguir ficava a mesa do escriturário do tribunal, atulhada de documentos. Completavam o mobiliário quatro cadeiras e um cinzeiro.

Spaggiari entrou e apertou a mão do advogado, *maître* Jacques Peyrat, antigo membro da Legião Estrangeira, um homem de ombros largos que era candidato às eleições para a câmara municipal. Peyrat era amigo de Jacques Médecin, presidente da câmara. Foi Peyrat quem tratou do contrato para a publicação das memórias de Spaggiari.

O juiz Bouazis entrou. Os dois guardas retiraram as algemas de Spaggiari e saíram, fechando a porta à chave pelo lado de fora.

Ficaram apenas quatro pessoas lá dentro: Spaggiari, Peyrat, Bouazis e Mademoiselle Hoarau, senhora de seus 40 anos, de penteado muito severo, que já datilografara centenas de páginas de transcrições das audiências.

Começaram as perguntas. Spaggiari fumava continuamente e era evasivo como sempre. Às 16h50, Bouazis lembrou-lhe que na semana anterior ele prometera um plano detalhado do assalto.

Lentamente, Spaggiari meteu a mão no bolso interior do paletó de veludo preto e tirou um pedaço de papel. Passou-o ao magistrado.

— *Voilà*. Aqui tem tudo o que queria saber.

Bouazis desdobrou o papel. Estava coberto de linhas, marcas e inscrições. Estudou-o com espanto crescente. De repente, levantou os olhos.

— Não vejo nem a cabeça nem o rabo. Onde é o salão de exposições?

Peyrat olhou nesse momento para o cliente, e ficou chocado com o aspecto de Spaggiari. O advogado disse mais tarde:

— Ele estava absolutamente branco... Nunca o vi tão tenso. Parecia um cadáver. De súbito, tive medo que lhe acontecesse alguma coisa.

Spaggiari se levantou.

— Não se preocupe — disse ao magistrado. Lentamente, atravessou a pequena sala, passou pela mesa de *Mademoiselle* Hoarau e rodeou a

escrivaninha do juiz Bouazis. Inclinou-se sobre o ombro do magistrado e apontou qualquer coisa na planta: — Olhe...

Então, de um pulo, atingiu a janela, abriu-a rapidamente e saltou.

— Não — gritou *maître* Peyrat —, não faça isso, não faça isso!
(Explicou mais tarde: “Pensei que ia se suicidar.”)

O magistrado e o advogado se levantaram como que movidos por uma mola e correram para a janela.

Embaixo desta janela em particular — que fica no segundo andar — há uma borda de uns 60 ou 90 cm, que fica acima da porta alta de uma entrada lateral para o tribunal. Esta entrada se chamava *Service Étrangers*, e em frente a ela, todos os dias, os estrangeiros fazem fila para requerer prolongamento de visto e tratar de passaportes e vistos de residência. Spaggiari pulou nesta borda. Daí pulou no teto de um Renault 6 estacionado, estacionado na rua, e amassou-o. Rolou e ficou em pé na rua.

Ao lado do Renault estava uma motocicleta verde metálico Kawasaki 900 com o motor ligado. O motociclista, troncudo, usava capacete de viseira colorida. Spaggiari saltou para o selim do carona.

Da janela, Richard Bouazis gritou:

— *Arrêtez-le! Arrêtez-le!* (Pare-o! Pare-o!)

Spaggiari devolveu:

— *Au revoir!*

E fez o V da vitória.



Os transeuntes ainda o ouviram rir quando a motocicleta desapareceu no Boulevard Jean Jaurès. Os fugitivos passaram mau pedaço quando um carro, saindo de ré de um estacionamento, atravessou seu caminho. Mas o motociclista era hábil, e conseguiu tirar a moto em grande velocidade, passando pelo carro sem tocá-lo.

Na porta do tribunal um policial saltou para sua moto e começou a persegui-los; mas Spaggiari já estava muito na frente, e o policial o perdeu de vista quase que imediatamente.

A polícia reagiu muito rapidamente. Em dez minutos erguiam-se barreiras nas estradas em volta de Nice, fechava-se a fronteira francesa e

cancelavam-se todos os trens e aviões que partiriam da cidade. Um jato particular que acabara de levantar voo foi obrigado a voltar. Começava uma caçada humana a toda escala.

Tudo para nada.

Spaggiari tinha desaparecido.

E desde então nunca mais foi visto.



Mas ouve-se falar dele.

O Renault 6 bege, em cujo teto ele caiu, ficou muito danificado e teve que ser consertado. O proprietário, um tal *Monsieur* Gonzalez, ficou de coração partido. O carro era quase novo. *Monsieur* Gonzalez morava na Rua Pontin, perto do tribunal. Ele o estacionava ali porque achava que estaria em maior segurança.

O conserto custou mais de seiscentos dólares, e a companhia de seguros de *Monsieur* Gonzalez se recusou a pagar a despesa com base num acidente tão bizarro. Tudo que conseguiu foi dar queixa na polícia por destruição intencional de veículo contra um tal Albert Spaggiari, de endereço desconhecido.

Foi uma história engraçada, e o *Nice-Matin* a publicou.

Dias depois Gonzalez recebeu pelo correio a importância de seiscentos e vinte e cinco dólares em dinheiro e uma nota de Spaggiari pedindo desculpas.

Beberam-se sete garrafas de champanhe no Roi du Yan — o restaurante favorito de Spaggiari na noite de 10 de março. Os velhos camaradas reuniram-se para celebrar.

Maître Peyrat ficou consideravelmente embaraçado.

— Ele deve ter planejado tudo antecipadamente — comentou. — Levou-nos, a mim e ao juiz de instrução, no conto do vigário.

Os funcionários do tribunal estavam também embaraçados. Um ano antes, outro prisioneiro escapara exatamente pela mesma janela. (Mas foi apanhado pouco depois, na cidade velha.)

A polícia estava mais embaraçada ainda e o governo não ficou nada satisfeito. O ministro do Interior, Michael Poniatowski, falou ao telefone

de Paris. Mil de agentes da polícia deram batida de casa em casa na cidade velha. Também fizeram busca na casa da fazenda de Bézaudun — e verificaram que Audi havia desaparecido.

As portas não estavam fechadas a chave e as persianas encontravam-se abertas, mas não havia ninguém em casa. A polícia entrevistou o vizinho, Ange Goujon.

— Tenho dado de comer aos cães, Packa e Vesta, e à criação deles — informou. — Mas espero que Madame Spaggiari volte a qualquer momento.

A colega de enfermagem de Audi, Mademoiselle Fabienne Nehr, disse que ela partiu em 3 de março.

— Teve um dia ruim, e eu sugeri que desse um passeio até as montanhas. Foi a última vez que a vi.

Nesse dia Audi foi à loja de fotografia na Estrada de Marselha, levando uma pequena mala. Nessa altura, André Devesa já tinha comprado o pequeno estabelecimento.

— Disse que ia ficar ausente até 25 de março. Parecia muito cansada.

O advogado de Spaggiari, *maître* Jacques Peyrat, também tivera conhecimento de que Audi ia se ausentar.

— Ficou totalmente exausta depois de tudo aquilo. Não queria ser mais incomodada, queria sair de Nice. Também houve ameaças anônimas contra ela. Partiu com destino desconhecido, e disse que estaria ausente algumas semanas.

Audi foi, de fato, a única pessoa — além de Peyrat — que pôde falar com Spaggiari durante sua detenção: lembram-se daquelas sessões, não oficiais, de cinco minutos, no corredor do tribunal? Ela deve ter preparado os detalhes da fuga. Agora desaparecia tão completamente como o marido.

A polícia começou a entrevistar as testemunhas da fuga. O motociclista ficou esperando na Rua da Prefeitura desde as 13 horas. Limpou os raios das rodas. Na maior parte do tempo manteve o capacete na cabeça com a viseira colorida; num dado momento tirou-a, e várias pessoas viram bem seu rosto.

O comissário Jacques “Columbo” Tholance deu três vivas e desenterrou o arquivo de fotos dos associados de Spaggiari.

Várias testemunhas reconheceram o motociclista entre as fotografias.

Era Gérard Rang, 28 anos, proprietário do notório night-club Chi-Chi, no Haut de Cagnes. Tinha cabelo louro liso e constituição forte. Era um

extremista de direita, mas Tholance tinha um arquivo dele tão volumoso quanto a lista telefônica de Manhattan. Ele e Spaggiari tinham sido suspeitos de dois crimes: uma fraude em larga escala de talões de cheque que inundara Nice com cheques sem fundos no verão de 1974 e o hábil assalto à mão armada ao Banque de Paris e des Pays-Bas, em Nice, no mesmo ano. O próprio Rang fora acusado de gerir um consórcio ilegal de apostas que “investia” em coisas seguras o dinheiro dos indivíduos interessados, mas nunca pagava.

Rang também foi cliente de *maître* Jacques Peyrat.

E Jacques Tholance lembrava que durante o golpe do século um motociclista vigiara entrada no leito do rio para a rua subterrânea.

No domingo 13 de março, às 10 da manhã, o comissário Tholance e vinte e quatro agentes cercaram um luxuoso bloco de apartamentos, chamado L'Arkadia, em Mont Fabron, uma colina em frente a Nice. Tholance subiu ao apartamento 2F, que dava para a piscina, e tocou a campainha.

Ainda tocou algum tempo antes de ouvir ruído no interior.

— Abra, Rang — gritou. — Vamos, venha aqui para fora. Não pode fugir.

Finalmente ouviu-se uma resposta.

— Okay, saio em cinco minutos.

Tholance reconheceu a voz de Rang. Esperou. Cinco minutos depois, Rang abria a porta. Vestia um paletó preto Yves St. Laurent e calça cinza de flanela com botas pretas de salto. Pôs os óculos de sol e saiu.

Parecia muito seguro de si.

— Seja pelo que for que estão me prendendo, estão enganados — disse.

Tholance não deu resposta. Havia muito tempo para isso.

A defesa que Rang fez de si mesmo foi surpreendentemente fraca. Primeiro disse que pilotava uma moto de 525 cc e não podia ser uma Kawasaki 900. Ninguém se impressionou com a mentira.

Depois apresentou um álibi.

— Estava jogando tênis nessa hora... no clube ao lado de L'Arkadia.

— Com quem?

— Sozinho.

— Como uma pessoa joga tênis sozinho?

— Contra uma parede.

Apresentaram provas. Uma colega de Peyrat chegou com quatro garotas de L'Arkadia que atestaram ter visto Rang jogando tênis contra uma parede.

Eram:

a) Martine Wolf, assistente de Peyrat nas audiências de Spaggiari;

b) a namorada de Rang;

c) a inquilina de um apartamento da Rua da Prefeitura, 5, em frente à janela de onde Spaggiari saltara.

Rang era na verdade sócio efetivo do clube de tênis, mas ninguém se lembrava de tê-lo visto nas instalações nos últimos doze meses. O comissário Tholance ordenou uma acareação em linha. As quatro garotas não conseguiram distinguir Rang dos indivíduos alinhados. Na verdade, tinham visto alguém jogando tênis sozinho, mas a janela ficava muito distante do campo e não podiam jurar que o jogador era Rang.

Tholance organizou então outra acareação, desta vez com duas pessoas que tinham observado a fuga. Rang foi alinhado com quatro policiais louros atarracados. Ambas as testemunhas distinguiram Rang sem hesitar entre os alinhados.

Rang foi acusado de ajuda e cumplicidade na fuga de Spaggiari.

Em 19 de março, os camaradas de Spaggiari na OAS disseram aos autores:

— Conseguimos. Ele está fora do país.

Em 20 de março, Jacques Peyrat foi eleito vereador da câmara.

Epílogo

BIEN LE BONJOUR D'ALBERT!

Postal de Spaggiari para os autores, abril de 1977

Recuperou-se menos de um milhão de francos do saque: o ouro que Bournat tentou vender, o ouro encontrado na caixa de depósito de Daniel Michelucci, em Bruxelas, e o ouro encontrado na casa de Marselha.

A Société Générale exigiu trinta milhões de francos de seus seguradores, a Lloyds. Mas isso talvez fosse simplesmente o máximo que eles tinham no seguro. Jacques Guenet, o gerente, nega; mas nenhum banqueiro em seu perfeito juízo o admitiria, mesmo que fosse verdade.

Em segundo lugar, os que perderam talvez não tenham reclamado tudo. Uma razão para o uso de caixas de depósito é esconder a riqueza do fisco ou da polícia. Sete pessoas se recusaram a entregar o inventário do conteúdo de suas caixas, por isso sua perda fica excluída dos trinta milhões de francos. Outras podem ter reclamado apenas parte do que perderam, com receio de admitir a posse de valores talvez roubados ou não declarados. (Houve um homem em Nice que disse a quem quis ouvir que o assalto do século lhe custara meio milhão de francos exatamente por essa razão. Chamava-se Gérard Rang.) O próprio Spaggiari afirmava que o golpe rendeu cem milhões de francos, mas ele exagerava tudo.

No fim do outono de 1981, no Rio de Janeiro, ele e Ronald Biggs, o famoso assaltante inglês do trem pagador, discutiram o assunto diante de uísque e charutos Havana: quem é o maior ladrão de todos os tempos?

Mesmo que se acredite na estimativa mais baixa da Société Générale, há apenas um vencedor: Albert Spaggiari executou o golpe do século.

Ainda não há respostas satisfatórias para os três mistérios:

Por que a polícia de Nice não soube antecipadamente do assalto?

Por que não agiram quando a CIA relatou a confissão de Spaggiari?

E por que Spaggiari não se escondeu depois das prisões de 26 de outubro?

Em si mesma, a terceira questão talvez tenha como resposta o fato de Spaggiari ser um megalômano, e como a maioria dos megalômanos, achava que levava uma vida encantada, protegida pelos deuses.

O problema, afinal, é que de fato ele levava uma vida encantada, como indicam as outras duas questões. Inevitavelmente somos obrigados a especular que talvez estivesse protegido. Mas por quem? E por que seus protetores o abandonaram apenas para voltar a salvá-lo?

Neste ponto entra em discussão: a política. Nice é um lugar conservador, com uma assembleia municipal de direita. Todas as *dramatis personae* dessa história são direitistas de um tipo ou de outro, do presidente da câmara a Gérard Rang. As pessoas formam círculos fascinantes: o presidente da câmara conhecia Spaggiari, que era associado de Rang, cuja namorada era Martine Wolf, colega de Jacques Peyrat, amigo chegado do presidente da câmara. (As ligações do presidente da câmara Jacques Médecin com Spaggiari, por muito tênues e triviais que fossem, teriam levado à renúncia de muitos políticos; mas os Médecin são a família mais poderosa de Nice, dela tendo saído a maioria dos presidentes da câmara — a Avenida Jean Médecin tem o nome de um deles —, e a posição de Jacques é forte demais para ser posta em perigo por uma lufada de escândalo.) Mas é a OAS que levanta sua feia cabeça mais frequentemente nessa história. Spaggiari era membro; e também alguns dos Ratos de Esgoto. Spaggiari sempre afirmou que dera sua fatia do bolo à OAS. E a OAS reivindica o crédito de tê-lo tirado da França depois da fuga. É possível que os simpatizantes da OAS em postos elevados o tenham protegido das investigações da polícia? Nada podemos fazer além desta pergunta.

Se estava protegido, mantém-se o enigma de saber por que se deixou prender e depois escapou.

Em sua vida inteira Spaggiari teve grandes ideias, mas nunca lhe deram a oportunidade de colocá-las em prática. É possível que finalmente ele tenha provocado sua própria oportunidade e provado que era capaz.

Todas as evidências apontam nesse sentido, e é nesse sentido que contamos a história. Mas há outra possibilidade, a de que Spaggiari fosse simplesmente o lugar-tenente de algum outro cérebro criminoso desconhecido, quer um refinado patife quer um fanático político. Deixar-se prender pode ter sido a maneira de Spaggiari proteger o real cérebro por trás do assalto. Se foi isso, com certeza deu certo, pois a polícia de Nice já não procura o homem misterioso por trás do golpe — procura o fugitivo Spaggiari.

Esta hipótese, se correta, explicaria outro enigma: o golpe na Île St. Louis, em Paris. Discutindo o caso, notamos que:

a) era improvável que o mesmo bando se arriscasse a um segundo trabalho antes de ter a oportunidade de gastar os 6,2 milhões de dólares que arrecadaram do banco de Nice;

b) era igualmente improvável que dois bandos completamente separados usassem ao mesmo tempo um método tão semelhante para roubar a caixa-forte de um banco. Mas é absolutamente possível que um organizador criminoso de alto escalão tivesse a ideia e a pusesse em prática com duas gangues em duas cidades bem separadas, mais ou menos ao mesmo tempo.

Sigamos esta hipótese até sua conclusão lógica, recordando que o tempo todo avançamos a partir de meros fatos e entramos no reino da pura especulação. O verdadeiro cérebro planejou o golpe, usou Spaggiari como seus próprios braços e pernas e preparou alta proteção. Depois, a fim de afastar atenção de si mesmo e dar ao público ansioso e à curiosidade da polícia um bode expiatório plausível, deixa Spaggiari ser preso. Mas não podia ter certeza de que Spaggiari aguentaria eternamente os interrogatórios, de modo que organizou a fuga. O que mais poderia fazer para se proteger?

Bem, poderia matar Spaggiari.



No outono de 1977 circularam em Nice rumores de que Spaggiari tinha, na verdade, sido assassinado. Mas até quanto a isso havia provas consideráveis de que ele estava vivo, e bem.

Mandou um postal aos autores: um retrato de si mesmo, trajando casaco pesado e boina (talvez para esconder um novo penteado que alterava sua aparência). A mensagem era: *Bien le bonjour d'Albert!* (Com os cumprimentos de Albert!) Um perito em caligrafia comparou a mensagem com a letra que se conhece de Spaggiari e declarou-as idênticas.

Ele também enviou carta ao *Nice-Matin* alegando que Gérard Rang não era o motorista que o ajudou na fuga.

O postal, a carta e o dinheiro enviado ao proprietário do Renault 6 danificado foram todos postos no correio em Nice, o que provavelmente nada significa.

Os antigos camaradas da casa de Roi du Yan, diante de uma prato de espaguete, dizem que sabem onde ele está.

— Conseguimos fazê-lo sair do país com ajuda de nossos amigos italianos.



O julgamento muito curto do assalto do século levou apenas três dias. Houve apenas quatro condenações — nenhuma a mais de dois anos (todos em liberdade condicional após seis meses). Não houve provas contra Dominique Poggi, e Audi, que voltou dois meses depois de seu desaparecimento sem comentário algum, também não foi condenada. Spaggiari não estava lá.

Audi Spaggiari leva uma vida muito modesta como enfermeira na Estrada de Marselha. No fim de semana está sempre na sua casa de

Bézaudun, e sonha com os velhos tempos, quando vivia feliz com Albert. Desde que ele partiu nunca mais mencionou seu nome nem fala do novo estilo de vida dele.

O próprio Albert Spaggiari leva uma vida de super-homem, de playboy, de multimilionário. Na sua fazenda da América do Sul — como disse aos repórteres — vive com belas garotas e bebe champanhe dia e noite.

Postscriptum

TUDO ME FAZ RIR.

Sábado, 10 de junho de 1989, cinco da manhã. Um Peugeot cinza com vidros escuros roda pelas ruas de Hyères, sul da França. Ele passaria completamente despercebido se não corresse tanto: afinal, tem placa francesa e é o modelo preferido de muitos cidadãos franceses. É o mesmo Peugeot cinza metálico que desempenhou papel de liderança nesta peça treze anos atrás, uma *pièce* que custou à Société Générale de Nice cem milhões de francos.

O Peugeot passa despercebido nas névoas da manhã, mesmo quando para repentinamente em frente à casa de Madame Juliette Clément. Uma comédia estranha é encenada na casa sombria desta velha senhora.

O motorista do Peugeot e a pessoa sentada ao lado dele abrem a porta. Os dois homens viajam incógnitos. Usam traje preto de borracha e máscara no rosto. Parecem criminosos exóticos, talvez de um filme de James Bond. As máscaras e roupas dão à sua presença já obscura algo ainda mais perturbador.

Os dois gangsteres são pessoas muito próximas de um terceiro gângster, deitado no banco de trás. Os dois sussurram freneticamente em italiano, abrem a porta traseira e retiram o terceiro homem do carro com cuidado. Não está vestido como ninja, ao contrário dos dois amigos que trouxeram aqui em segredo. Não estava disfarçado — como hoje em dia ainda acontece em muitas operações policiais — porque agora ele não precisa mais disso. Ele está morto. Seu nome: Albert Spaggiari.

Mesmo que estivesse vivo, dificilmente esconderia o rosto atrás de uma máscara preta banal. Sua arrogância, sua autoconfiança excessiva não o permitiria. Independentemente de tudo, Spaggiari não é um assassino ou um inimigo do povo. Ele é um simples ladrão que trabalhou duro para construir uma certa reputação.



Décadas se passaram desde que, em sua juventude selvagem, ele sonhou ou até mesmo tentou assassinar o general Charles de Gaulle e realizar outras ações terroristas para a extrema-direita francesa. E mesmo quando parou de cuspir na face da autoridade, Spaggiari nunca parou de zombar dela.

Os homens mascarados se levantam, respiram fundo e carregam o corpo do Peugeot para uma entrada lateral da antiga casa. A proprietária e única habitante, Madame Clément, é mãe de Spaggiari. Ela mora aqui desde os 55 anos. Little Albert tinha dois anos na época.

Nesta manhã de junho Madame Clément está profundamente adormecida. Os dois delinquentes entram na casa sem problemas. Levam o cadáver no escuro e procuram a mesa da cozinha sem acender a luz. Colocam o corpo com cautela. Como num velório, mas sem caixão e sem flores. Deixam a cozinha e a casa em silêncio.

As portas da Peugeot se fecham e o motorista liga o motor. Seu rugido acorda a velha, que logo encontra o morto. Madame Clément não vê seu filho há anos. Agora ele está aqui, na mesa da cozinha.

Mais tarde, por volta do meio-dia, na cozinha de uma mãe de luto, estão os policiais de Hyères e outras autoridades francesas. Depois de fotografar Albert Spaggiari, colher suas impressões digitais e revistar — desnecessariamente — o corpo, cuidam de seu enterro.

Depois de mais de doze anos, é a primeira vez que um policial francês chega tão perto de Albert Spaggiari, chefe e organizador do roubo do século. O homem que em 1976, trabalhando no fedor dos esgotos de Nice, roubou com alguns ajudantes cem milhões de francos, entre dinheiro, ouro, joias e pedras preciosas, do cofre do banco mais importante da cidade. O homem que desequilibrou o sistema de justiça francês, fazendo o mundo rir com suas tiradas, escapou da polícia para sempre.

Ele morreu de câncer de pulmão aos 57 anos de idade. Albert Spaggiari se apresentou novamente às autoridades sem revelar nenhum de seus muitos mistérios.

Estar ali na frente da polícia, de fato, não constitui resposta às perguntas colocadas pelos franceses, pela Interpol e pelos serviços secretos do mundo todo. Corajoso como era, nunca resistiu à tentação de zombar de todos, com ajuda da imprensa internacional. Seria lógico pensar que um homem que desapareceu com tanto dinheiro ficaria longe das autoridades: mas Albert Spaggiari não é um homem qualquer.

Ele era tão egocêntrico que a mídia o segue com entusiasmo. Não se esconde nem mesmo depois de condenado à revelia a vinte anos de prisão. Spaggiari se enfurece nas primeiras páginas de revistas europeias e, em todas as suas entrevistas e sessões de fotos, não faz mais do que zombar da polícia. Exemplar é o famoso cartão postal com *Bien le bonjour, d'Albert!* enviado aos autores. Um mês depois de pelar da janela do tribunal.

À polícia não restou mais do que admirar Spaggiari em fotos de jornais, sempre com novos disfarces. Espumando de raiva, aprendem sobre sua vida frenética e luxuosa na América Latina.



Não chegou lá sozinho, precisou da mídia. Sua disponibilidade para a imprensa lhe dá recompensas principescas. Isso naturalmente o torna ainda mais ávido.

Quando, numa ensolarada tarde de quinta-feira de março de 1977, Spaggiari escapa do Palais de Justice, ele desaparece em dez minutos. Vai primeiro para a Itália e depois para a América do Sul. No Paraguai, é recebido pelo ditador de extrema-direita Strossner — como o trambiqueiro Consul Weyer em seu tempo. No período em que aproveitava sua vida perdulária num rancho perto de Assunção, ele se torna amigo do general. Com o sonho de um domínio mundial da extrema direita, são duas almas em um núcleo.

Também é visto numa praia no Atlântico Sul, enquanto tranquilamente conversa com o ladrão inglês Ronald Briggs. Albert passa por várias cirurgias plásticas e para estranhos ele sempre parece um travesti. Há quem diga que nunca usa o mesmo disfarce duas vezes. Portanto, há sempre uma certa cautela por trás da impudência.

O escárnio de Spaggiari não termina com seu desaparecimento. Ele continua a provocar a polícia com uma falta de vergonha sem limite. Seu ego e sua vaidade o empurram para uma entrevista após a outra. E seu preço é cada vez mais alto. Mesmo se não tivesse executado o roubo do século, poderia facilmente viver do resultado de suas aparições na imprensa.

Dois dias antes de sua morte, Albert Spaggiari telefonou para a mãe em Hyères para cumprimentá-la. Ligou da Itália e disse a ela que há muito tempo sofria de câncer.

Ele espera vê-la uma última vez e tenta organizar uma viagem para casa. Não sabe que nunca mais se falarão. Seus dois companheiros, no entanto, providenciam para levá-lo até a mãe em Hyères.

Spaggiari volta para casa.

A mãe e a polícia estão esperando por ele há tantos anos.

Em 10 de junho de 1989, todo mundo sabe que é tarde demais para fazer qualquer pergunta. As perguntas que foram feitas durante todos esses anos.

Spaggiari leva as respostas para o túmulo. Imediatamente após sua morte, os policiais vasculharam sua casa na Toscana, pedra por pedra, sem nada encontrar.

Acharam apenas uma tábua de madeira na porta de seu quarto, escrita em letras grandes:

TOUT ME FAIT RIRE.

Tudo me faz rir.

FIM

Vá à sua livraria

ESTE LIVRO PODE SALVAR-LHE A VIDA

“Toda a gente deve possuir um exemplar. Recomendo o vivamente.”
(M. Darwick, diretor da Associação Internacional dos Chefes de Polícia.)

Não pense que o crime só sucede aos outros. Em qualquer momento você pode ser a próxima vítima. Infelizmente é esta a sociedade em que vivemos. Este livro diz-lhe tudo o que deve saber antes de o crime acontecer... e o que fazer quando ele acontece... Qual o lugar mais seguro para guardar o dinheiro? Que deve fazer se ouvir um intruso? Em férias, que deve fazer para que o ladrão pense que você está em casa? Como evitar ser assaltado na rua? Como proteger-se contra violações? Como proteger os seus filhos da droga e do rapto? Como proteger a sua empresa contra o roubo? Como reconhecer um vigarista? Como defender a casa e a família?

MANUAL DE PROTECÇÃO CONTRA O CRIME

o livro que você e os seus devem ler

PUBLICAÇÕES EUROPA AMÉRICA

Uma editora diferente que pensa... em si!

